

O BOM JESUS DO MONTE DAS MÓS: MARTINS CAPELA E A DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

AMARO CARVALHO DA SILVA

Introdução

O *Diário* do P.^e Manuel José Martins Capela (1842-1925), um manuscrito em 4 volumes com mais de 2.000 páginas em folhas pautadas de 35 e 50 linhas, é um manancial de informação sobre o período em que ele foi redigido *diariamente* (1891-1913).¹ Porque já iniciamos o

¹ Este precioso documento encontra-se nos arquivos da Revista *Brotéria*, em Lisboa. Agradecemos à Revista *Brotéria*, na pessoa do Sr. Dr. P.^e António Leite-S.J., todas as facilidades concedidas para a consulta e estudo deste *Diário*.

O P.^e Martins Capela iniciou a redacção do *Diário* em 28/10/1891, dia do seu aniversário natalício, e manteve-a criteriosamente, exceptuando-se um ou outro interregno, até 31/12/1911. A partir desta data e até ao seu final, em 28/11/1920, apenas encontramos algumas notas soltas e uma ou outra síntese de vários meses, como foi o caso das diligências para a inauguração do monumento ao Bom Jesus do Monte das Mós (1913), em Carvalheira, concelho de Terras de Bouro, terra natal do P.^e Martins Capela. Podemos dizer que o *Diário* do P.^e Martins Capela termina com o relato da inauguração do monumento ao Coração de Jesus no Monte das Mós. Depois deste relato só foram escritas 8 ou 9 páginas. A última nota do *Diário* (28/11/1920) trata «Da Vida».

Julgamos que o *Diário* do P.^e Martins Capela é um documento manuscrito, em grande parte inédito, de elevado valor. Nele poderemos encontrar elementos de muito interesse para o levantamento de alguns temas: desenvolvimento dos estudos arqueológicos em Portugal, movimento neotomista em Portugal, Nacionalismo Católico, História da Igreja Católica em Portugal, estudos nos seminários e formação do clero, imprensa periódica católica, igreja bracarense, História Regional (Braga e Terras de Bouro), etc.

seu estudo com a elaboração de dois trabalhos, um sobre «Martins Capela, um divulgador do neotomismo»² e outro sobre «O Partido Nacionalista no contexto do Nacionalismo Católico (1901-1910)»,³ julgamos oportuno continuar o estudo desse inestimável manuscrito, agora divulgando a devoção de Martins Capela ao Coração de Jesus e a realização de uma das obras mais significativas desse «presbítero bracarense», o levantamento de um monumento ao Sagrado Coração de Jesus na sua aldeia natal (Carvalheira-Terras de Bouro) no sítio chamado Monte das Mós. A história da construção do monumento do Monte das Mós encontra-se toda relatada no *Diário* do P.^e Martins Capela e é aí que se situa o ponto de partida para o presente trabalho. Porque os extractos seleccionados do *Diário* são extensos e constituem a nossa principal fonte de informação, irão surgir em Apêndice Documental, contribuindo assim para divulgar um inédito a necessitar de sair da caverna dos arquivos para ser exposto à luz do sol das ideias. Para além do *Diário*, também nos socorremos de um boletim inteiramente elaborado por Martins Capela e que se destinou a recolher fundos e a divulgar a obra ao Coração de Jesus. O «Boletim das Mós»⁴, como sempre lhe chama Martins Capela, utilizá-lo-emos como complemento das informações do *Diário* e como texto, em alguns pontos, mais cuidado e desenvolvido.

Atendendo ao momento conturbado da sociedade portuguesa, na transição violenta da Monarquia para a República, do século XIX pa-

Porque Martins Capela sempre foi um «presbítero bracarense», como ele gostava de dizer, um atento indagador da tradição e um homem de acção, o seu *Diário* não é um documento de grandes reflexões ou análises doutrinárias. O seu *Diário*, conjunto de notas pessoais lançadas diariamente com uma paciência de anacoreta, revela-nos um percurso existencial e subjectivo de um apóstolo que tudo exigiu de si. No frontispício de cada um dos volumes, Martins Capela escreveu: «*Nulla dies sine linea*».

² *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, tomo XLVIII-2, 1992, pp. 321-347.

³ *O Partido Nacionalista no contexto do Nacionalismo Católico (1901-1910) — Subsídios para a História Contemporânea Portuguesa* acaba de ser publicado pelas Edições Colibri (Colecção «Colibri História», 9), Lisboa, 1996.

⁴ Este boletim denomina-se *No Monte das Mós em Carvalheira — Monumento ao S. Coração de Jesus* (Boletim), I, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Matos, Braga, Fev. 1909. Diga-se também que foram editados dois números do «Boletim das Mós», mas que só conhecemos o n.º 1.

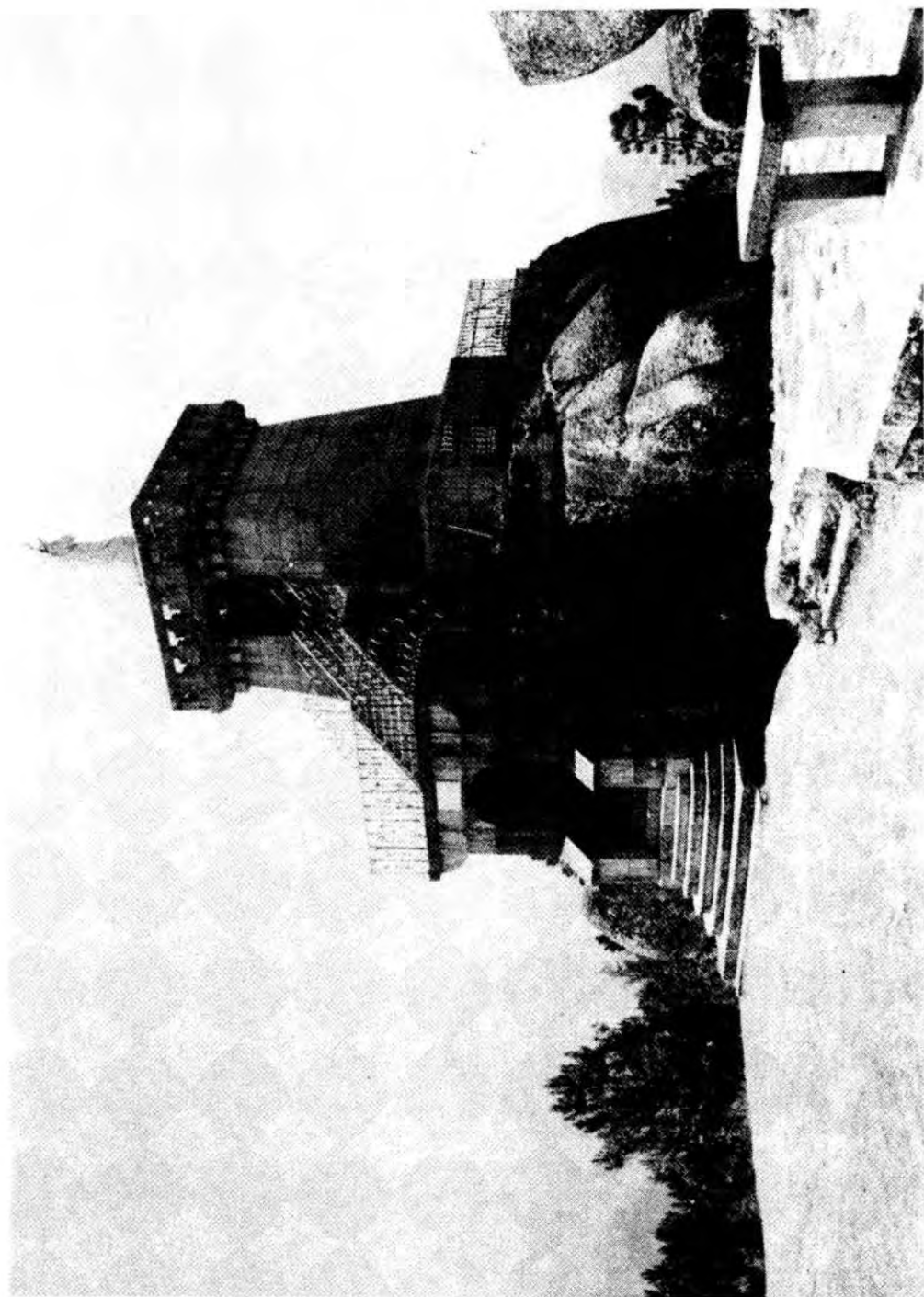


Foto: João Antunes Pereira.

ra o século XX, o monumento ao Coração de Jesus no Monte das Mós foi erigido como um símbolo ou um facho que se levanta bem alto para dar testemunho de uma crença e de um combate de um coração dedicado e apaixonado. Encontro do amor de Cristo pelos homens e do amor dos homens pelo seu Deus. O coração como lugar da afectividade e como doação, o homem como cavaleiro da fé, cruzado, testemunho e apóstolo. A religião como vivência íntima e não um mero preceito social. A importância do sentimento, da emoção e da afectividade no domínio da crença. A racionalidade fundamenta a crença e dá-lhe uma expressão lógica e de coerência, proporcionando-lhe uma leitura, mas não lhe dá os ingredientes mais vivenciais e dinâmicos da fé. Coração é calor, razão é frieza e objectividade.

Com os elementos que aqui reunimos, estamos a contribuir para uma monografia do monumento ao Sagrado Coração de Jesus do Monte das Mós. Aliás, a simples selecção dos extractos do *Diário* do P.^e Martins Capela constitui, por si, uma pequena monografia sobre tão singular quanto singelo e harmonioso monumento. Pretendemos também divulgar elementos de história regional e nacional e alertar para a necessidade de obras de conservação e restauro deste e de outros monumentos religiosos do Monte das Mós, em Carvalheira. O monumento ao Bom Jesus do Monte das Mós é um significativo e digno elemento do património histórico e cultural do concelho de Terras de Bouro.⁵

O presente trabalho começa por fazer um pequeno esboço histórico da devoção ao Sagrado Coração de Jesus como forma de enquadramento das acções e questões que irão ser enunciadas; em seguida, aborda a história da construção do monumento e devoção ao Bom Jesus do Monte das Mós, realçando a acção e personalidade do P.^e Martins Capela; por fim, faz a transcrição anotada dos principais extractos do *Diário* do P.^e Martins Capela, relativos ao monumento ao Bom Jesus do Monte das Mós, como forma de divulgação de textos inéditos de uma personalidade destacada da Igreja Católica em Portugal.

⁵ Porque conhecemos bem o estado actual deste monumento, achamos oportuno divulgar a nossa posição no sentido do seu restauro e salvaguarda. Refira-se que no jornal *Geresão-Gerês* temos desenvolvido, desde Novembro de 1993, uma ininterrupta colaboração sobre «Património Cultural».

1 - Notas históricas sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus

O Coração trespassado de Jesus Cristo é um dos símbolos maiores de um culto centrado no amor de Deus pelos homens.⁶ A explicação desta simbologia do coração, onde, por intermédio de Cristo, se funde o divino e o humano, arrasta consigo uma forma afectiva, íntima e amorosa da relação entre Deus e o homem. É pelo afecto, pela sensibilidade, pelo amor redentor e superador que o humano e o divino se dimensionam um para o outro. Coração como o centro da vida espiritual e afectiva, como força íntima de um ser dirigido para um objecto idealizado e espiritualizado. O coração resume todo o ser na sua entrega incondicional a uma causa.⁷

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus enraiza-se na Idade Média e está ligada à devoção à «chaga ao lado».⁸ Do século XII ao sé-

⁶ «Le mot 'Sacré Coeur' désigne d'abord le Coeur de chair de Jésus, qui bat dans la poitrine divine. Centre et agent principal de la circulation du sang, le coeur rayonne comme un soleil sur tout l'organisme humain. Roi, empereur du corps, *primum movens, ultimum moriens*, quand il bat c'est la vie, quand il s'arrête c'est la mort. Dans le Christ Jésus ce Coeur de chair est substantiellement uni à la deuxième personne de la Très Sainte Trinité, c'est le Coeur de Dieu. Il fut transpercé sur la Croix par la lance de Longin [...].

Le mot 'Sacré Coeur' désigne non seulement le Coeur de chair de Jésus, il désigne aussi l'amour de Jésus dont le Coeur de chair est le symbole naturel: 'Voilà ce Coeur qui a tant aimé les hommes'.» («Coeur (Sacré)» in Charles Baumgartner, S.J. (Dir.), *Dictionnaire de Spiritualité*, Tome II-A, Beauchesne, Paris, 1953, coll. 1023-1024.)

⁷ «La devotion au Sacré-Coeur donne à notre piété une délicatesse, un charme plus humain, tout en lui gardent le respect et le réserve nécessaires à l'amour de la créature pour le Créateur, du racheté pour le Rédempteur. La vie d'intimité avec celui qui nous a aimés à Gethsémani et sur le Golgotha est une vie de douleurs, un martyre: son Coeur de chair, blessé a donné tout son sang.» («Coeur (Sacré)» in Charles Baumgartner-S. J. (Dir.), o. c., col. 1044.)

⁸ «Sabe-se hoje que o culto do Coração de Jesus, na sua modalidade primitiva, derivou da devoção à Chaga do lado que, por sua vez, é um dos frutos da piedade medieval; sendo assim não se falou no Coração de Jesus, pelo menos durante os dez primeiros séculos de Cristianismo, apesar da doutrina cristã se basear toda no amor mútuo de Deus pelo homem, tema superabundantemente desenvolvido pelos Santos Padres e que está na base da devoção do Coração de Jesus. [...] Ora, com a chaga do lado, estava descoberto o Coração de Jesus. Por outras palavras, da abertura do lado (*apertio lateris*) passou-se à abertura do coração (*apertio cordis*) aí pelos séculos XIII e XIV ou seja definitivamente no tempo de S. Bernardo.

S. Boaventura, Santa Matilde e Santa Gertrudes representam este estado da devoção em que o coração já aparece mas quase sempre ainda unido à chaga do lado,

culo XVII a devoção ao Coração de Jesus foi praticada e assumida por algumas congregações religiosas e por algumas almas de eleição que passam da contemplação das chagas à afirmação do amor de Cristo pelos homens. ⁹ Várias ordens religiosas mencionam no seu historial a devoção ao Coração de Jesus como uma das formas mais elevadas de piedade e de consagração de uma vida. Na Idade Moderna, foi por intermédio de S. João Eudes (1601-1680) que a França obteve o culto litúrgico do Coração de Jesus, apesar de esse culto não ser estendido pela Santa Sé à igreja universal. ¹⁰ Com as aparições do Coração de Jesus (1673-1675) a Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), Visitandina francesa discípula de S. Francisco de Sales, esse culto e essa devoção propagou-se por todo o mundo católico, atribuindo-se a Santa Margarida Maria Alacoque e ao seu director espiritual P.^e Cláudio de la Colombière - S. J. (1641-1682) ¹¹ a definição actual da devoção ao Coração de Jesus. Estes dois apóstolos do Coração de Cristo vão suscitar as mais diversas petições aos Papas para que este culto se instituisse universalmente. Após múltiplas diligências e iniciativas, por decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, de 26/1/1765, a Santa Sé autoriza os bispos da Polónia a celebrarem uma missa do Coração de Jesus. ¹²

uma ou outra vez, como símbolo de amor e órgão da vida afectiva.» (in Bernardo Xavier Coutinho, *Álbum da Exposição de Arte Sacra sobre o Coração de Jesus e o Coração de Maria*, Liv. Apostolado da Imprensa, Porto, 1946, pp. 3 e 4.)

⁹ «À partir du deuxième millénaire, les auteurs mystiques passent de la contemplation des plaies à l'expression d'un amour explicite pour le coeur ouvert, jamais refermé, du rédempteur. Ils se réfugient dans ce coeur, arche de la Nouvelle Alliance. Ils y font — au milieu des tentations et des épreuves — leur demeure. Ils veulent, avec saint Bonaventure, lui rendre amour pour amour. La dévotion privée au Coeur de Jésus est née et ne cessera de progresser dans le secret des consciences.» (B. de Margerie - «Sacré Coeur» in G. Mathon et G.-H. Baudry, *Catholicisme Hier, Aujourd'hui, Demain*, Tome XIII, Letouzey et Ané, Paris, [1993?], col. 295.)

¹⁰ «Os jesuítas S. Pedro Canfísio, S. Francisco de Borja, Druzbecki, etc., propagam a mesma devoção e chegam a mandar desenhar um coração nas armas da Companhia (fins do séc. XVI). De maneira semelhante procedem S. Francisco de Sales e as suas Visitandinas; no século XVII esta devoção encontra-se em toda a parte. S. João Eudes, em 1670, redige uma Missa e um ofício do Sagrado Coração de Jesus, que foram aprovados pelos bispos de Coutances e Evreux, realizando-se assim, pela primeira vez, culto seu público. Assim nasceu e se enraizou a devoção do Coração de Jesus, que S. João Eudes uniu estreitamente à do Imaculado Coração de Maria.» (in Bernardo Xavier Coutinho, o. c. p. 5.)

¹¹ Padre jesuíta recentemente canonizado pelo Papa João Paulo II.

¹² B. de Margerie - «Sacré Coeur», o. c., col. 296.

Em Portugal «Frei Jerónimo de Belém [franciscano, natural dos Arcos de Valdevez (1692-1766)] pode considerar-se como o verdadeiro introdutor da devoção do Coração de Jesus que ele propagou de maneira invulgarmente intensa, com um zelo que ainda não foi igualado, em obras reveladoras de muito saber e erudição [...]»¹³

D. José de Bragança, arcebispo de Braga, «instituiu em 1774 na Igreja do Colégio de S. Paulo da Companhia de Jesus, hoje Seminário arquidiocesano [de Santiago],¹⁴ uma Irmandade com o fim de festejar todos os anos solenemente aquele Sagrado Coração.»¹⁵ Por sua vez, também em Braga, iniciam-se, em 1784, as obras do templo ao Bom Jesus do Monte — «Santuário da Paixão» —, obra de Carlos Amarante.¹⁶

Um dos monarcas portugueses que mais se distinguiu na devoção ao Coração de Jesus, no período imediatamente a seguir à governação do Marquês de Pombal, foi a rainha D. Maria I que obteve de Pio VI o dia do Coração de Jesus como dia de preceito em Portugal e mandou construir a monumental Basílica da Estrela, em Lisboa, ao Coração de Jesus «[...] e junto dela um mosteiro para as carmelitas reformadas. Lançou El-Rei D. Pedro III a primeira pedra ao monumento no dia 24 de Outubro de 1779.»¹⁷ A Basílica da Estrela, a primeira que se levantou em todo o mundo em honra do Coração de Jesus, foi inaugurada em 1790.

Com os sobressaltos da Guerra Peninsular e das invasões francesas (1807-1814), da Revolução Liberal (1820), das lutas liberais (1828-1834) e guerra civil (1832-1834), expulsão e confiscação dos bens das ordens religiosas (1834) e das muitas convulsões por que passou a sociedade e a igreja católica portuguesas, a devoção ao Coração de Jesus dilui-se num panorama religioso deficiente e em vertiginoso processo de transformação. Por sua vez, em 1844, em Vals

¹³ Bernardo Xavier Coutinho, o. c., p. 16.

¹⁴ Martins Capela foi professor e residiu neste seminário de 1896 até à sua ocupação pelos militares republicanos.

¹⁵ J. Barbosa Pinto-S. J., *Coração de Jesus Cristo — Apostolado da Oração (Documentos dos Prelados Portugueses)* vol. I, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1963, p. 39.

¹⁶ A. Ribeiro da Cunha, «Bom Jesus do Monte», *Enc. Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 3, Editorial Verbo, Lisboa, 1977, col. 1566.

¹⁷ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, Livraria Civilização - Editora, Porto-Lisboa, 1970, pp. 444-445.

(França), o P.^e Gautrelet funda o Apostolado da Oração.¹⁸ Esta associação dinamizadora da devoção ao Coração de Jesus inicia a sua actividade em Portugal em 1864, obra destacada dos padres jesuítas. A revista mensal *Mensageiro do Coração de Jesus*, órgão do Apostolado da Oração, iniciou a sua publicação em Portugal em Abril de 1874, no Porto, e também é uma das obras mais significativas da Companhia de Jesus.

Face às constantes solicitações dos católicos e ao tempo de intermináveis combates, «[...] em 1856, o Santo Padre Pio IX, a pedido dos Bispos franceses que se encontravam reunidos em Paris para o baptismo do príncipe Imperial, aproveitaram a ocasião para dirigir uma instante súplica ao Santo Padre que, em resposta, estende finalmente, a toda a Igreja, a festa do Coração de Jesus, com rito *duplex majus*, por Decreto de 23 de Agosto de 1856.»¹⁹

Sendo arcebispo de Braga D. José Joaquim de Azevedo e Moura (1856-1876), em 10/8/1857 é sagrado o templo — «Santuário da Paixão» — do Bom Jesus do Monte.²⁰

Em Portugal, com a dinamização conseguida pelo Apostolado da Oração (1.^o centro em Lisboa em 1864) com a publicação da revista mensal do *Mensageiro do Coração de Jesus* (Porto-1874), com a restauração das ordens religiosas tradicionais e incremento de outras, com a beatificação (1864) de Margarida Maria Alacoque²¹ e com uma certa pacificação da sociedade portuguesa, o culto do Coração de Jesus entrou em nova fase de expansão, consagrando-se o século XIX como o século da devoção ao Coração de Jesus.

A partir de 1873 os bispos portugueses consagram as suas dioceses e divulgam diversas e frequentes pastorais de devoção ao Coração de Jesus. «Em 24 de Setembro de 1873, D. Manuel Martins

¹⁸ «[...] sous l'influence de deux jésuites, Gautrelet et Ramière, le mouvement de l'Apostolat de la Prière s'enracine dans l'ensemble du monde catholique.» (B. de Margerie - «Sacré Coeur», o. c., col. 297.)

¹⁹ Bernardo Xavier Coutinho o. c., p. 48.

«Le 25 août 1856 un décret de la Sacrée Congrégation des Rites prescrit de célébrer, dans toute l'Église, la fête du Sacré-Coeur le vendredi qui suit l'octave du Saint-Sacrement. Léon XIII, le 28 juin 1889, l'élève au rite double de première classe; Pie XI, le 6 février 1929, lui donne rang de fête de première classe avec octave privilégiée. Voilà promue aux plus grand honneurs liturgiques, l'humble dévotion que, de 1697 à 1765, Rome avait voulu ignorer. C'est le triomphe.» («Coeur (Sacré)» in Charles Baumgartner-S. J. (Dir.), o. c., col. 1037.)

²⁰ A. Ribeiro da Cunha, o. c., col. 1566.

Manso, Bispo da Guarda, expediu uma pastoral em que determinava consagrar a sua diocese ao Sagrado Coração de Jesus. Era o primeiro exemplo dado em Portugal [...].»²² Seguiu-se-lhe a arquidiocese de Braga que, no tempo de D. António José de Freitas Honorato, foi consagrada ao Coração de Jesus em 16/5/1886. Por sua vez os pontífices fizeram divulgar inúmeras encíclicas sobre a devoção ao Coração de Jesus. Citemos algumas: *Annum Sacrum*, 1899 (Leão XIII); *Quas Primas*, 1925 (Pio XI); *Miserentissimus Redemptor*, 1928 (Pio XI); *Haurietis Aquas*, 1956 (Pio XII); *Investigabiles Divitias Christi*, 1965 (Paulo VI); *Redemptor Hominis*, 1979 (João Paulo II); *Dives in Misericordia*, 1980 (João Paulo II).²³ Estas encíclicas pontifícias procuram explicitar e actualizar a mensagem espiritual contida na devoção ao Coração de Jesus como condição e horizonte do amor do homem para com Deus e os seus semelhantes. Actualizar aqui significa ajustar a simbologia do coração aos novos tempos e enquadrar, numa perspectiva redentora, os problemas e esperanças dos homens.

A par das disposições regulamentares de bispos e pontífices, surgem iniciativas e vidas de inteira dedicação ao culto do Coração de Jesus. Assim, enquanto o padre italiano Daniel Comboni (1831-1881) funda os missionários combonianos e toma por horizonte espiritual o «Coração Trespasado do Bom Pastor»,²⁴ a Irmã Maria do Divino Coração (Münster, 1836 - Porto, 1899), religiosa alemã do Bom Pastor e superiora da casa da Congregação no Porto (1894), divulga as suas revelações e escreve, em 6/1/1899, ao Papa Leão XIII para que consagre o mundo ao Coração de Jesus. Leão XIII anuiu, da melhor forma, ao pedido da Irmã do Divino Coração.²⁵

²¹ Foi canonizada em 1920.

²² Fortunato de Almeida, o. c., p. 445.

²³ J. Solano, «Coração de Jesus», *Enc. Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 5, Editorial Verbo, Lisboa, 1967, col. 1697 e B. de Margerie - «Sacré Coeur», o. c., col. 302.

²⁴ P. Francisco Pierli, *O Coração Trespasado do Bom Pastor*, Editorial Além-Mar, Lisboa, 1990.

²⁵ «Pela encíclica de 25 de Maio de 1899 [*Annum Sacrum*], consagrou o Santo Padre Leão XIII todo o género humano ao Sagrado Coração de Jesus, e ordenou para o efeito certas solenidades nos dias 9, 10 e 11 de Junho do mesmo ano. Presidia então à diocese do porto, como vigário capitular, *sede vacante*, o Dr. Manuel Luís Coelho da Silva, depois Bispo de Coimbra, o qual determinou fazer a consagração solene da diocese portuense ao Sagrado Coração de Jesus, em harmonia com as in-

Em 1895 é inaugurado no Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, o templo ao Sagrado Coração de Jesus. Por todo o lado o culto se estende, dinamizando-se associações e levantando-se monumentos, capelas e igrejas em honra do Coração de Jesus de modo a fazer-se face ao período convulsivo da sociedade portuguesa.

Com a implantação da República (5/10/1910), a perseguição e expulsão das ordens religiosas (Out. 1910), a «Lei da Separação» da Igreja do Estado (20/4/1911), o corte das relações diplomáticas com a Santa Sé (1913) e a instabilidade existente no seio da igreja católica, esta devoção sofre inúmeros contratemplos. A partir, sobretudo, de 1917, com as aparições de Fátima (1917), o restabelecimento das relações diplomáticas com a Santa Sé, os horrores da guerra na Europa (1914-1918) e a viragem operada por Sidónio Pais (1917-1918), os bispos portugueses incrementam a devoção ao Coração de Jesus através de diversas normas pastorais e de consagração das suas dioceses ao Coração de Jesus.

Em Paris, em 1914 é inaugurada na colina de Montmatre, a Basílica do Sagrado Coração de Jesus (Sacré-Coeur). Em Portugal por ocasião do 1.º Congresso Nacional do Apostolado da Oração, a 15 de Julho de 1930, inaugurou-se o monumento ao Coração de Jesus no Monte Sameiro em Braga e em 1959 é sagrado o monumento de Almada ao Cristo Rei.

2. O monumento ao Bom Jesus do Monte das Mós

A freguesia de Carvalheira, concelho de Terras de Bouro, entre as serras Amarela e Gerês, distende-se numa pequena colina que declina para os rios Homem e Rodas. Enquanto na sua frente, na linha do horizonte, se apresenta o mar de Viana do Castelo e o Monte de Santa Luzia, na sua rectaguarda, como uma entidade protectora, ergue-se o Monte das Mós. Do Monte das Mós, numa panorâmica ímpar, avistam-se as aldeias circunvizinhas de toda a ribeira do Homem. Panorâmica excelente para quem sabe envolver-se com uma natureza pródiga em formas agrestes que, aqui, pelo seu silêncio, aspereza e imensidão nos incita a uma convivência com o sagrado e com o sentido estético da existência.

tenções do Santo Padre; e para este efeito expediu aos párocos uma provisão data da do 1.º de Junho daquele ano.» (Fortunato de Almeida, o. c., p. 445).

O Bom Jesus do Monte das Mós — levantado pela vontade indomável do Padre Manuel José Martins Capela (1842-1925) que conseguiu congregiar fiéis, conterrâneos e demais entusiastas das crenças tradicionais do povo português — é um singular monumento ao Sagrado Coração de Jesus semelhante a uma torre de menagem de um castelo roqueiro medieval. Esta torre de vigia simboliza e testemunha as convicções de uma comunidade de crentes. Testemunhos de fé que salpicam e rendilham o panorama cultural e espiritual português, em lugares cheios de mística.²⁶

Todos os empreendimentos significativos do P.^e Martins Capela, como seja a construção do monumento ao Coração de Jesus, têm sempre um fundo nacionalista. É telúrica e incondicional a sua relação com a história, a cultura, a religião, o povo e a terra portuguesa. Tal como um Miguel Torga,²⁷ Martins Capela é um apaixonado pela montanha e pelos laços mais ancestrais da nossa história. Como uma cruz, carrega esforçadamente o sonho místico de um mundo redimido e a saudade incontornável da «casa paterna».

O período em que decorreu a construção deste monumento foi de grandes perturbações da sociedade portuguesa. Refira-se que uma parte substancial da Igreja Católica e dos católicos portugueses se envolveram no apoio ao Nacionalismo Católico, expressão de uma filosofia neotomista com a finalidade de se unir e reorganizar, repensar a sua história mais recente e reunir forças para reporem muitos dos seus «direitos» alienados durante a revolução liberal.²⁸ Os positivistas, republicanos, socialistas, livre-pensadores, maçons e anarquistas tudo fizeram para retirar o peso que a igreja exercia sobre a sociedade civil e o Estado. Dão-se os mais diversos confrontos, destacando-se o último período do *rotativismo*, a governação de João Franco (19/5/1906-

²⁶ Ver a propósito um belíssimo texto do Professor José Mattoso sobre as pinturas ruprestes do Vale do Côa: «Foz Côa: um santuário natural» in *Projecto Património* (Associação de Carácter Científico e Cultural), Queluz, n.º 2, Julho 1995, pp. 3-4.

²⁷ Consultar, por exemplo, *Portugal*, Coimbra, 6.ª edição, 1993.

²⁸ Consultar Manuel Braga da Cruz, *As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo*, Ed. Presença/G.I.S. (Col. Análise Social, 8), Lisboa, 1980; A. Pinto Cardoso, «A fundação do Colégio Português em Roma e a formação do clero em Portugal no final do século XIX» in *Lusitania Sacra* (Revista do Centro de Estudos de História Religiosa), Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2.ª série, tomo III, 1991, pp. 296-297. Ver também o nosso trabalho *O Partido Nacionalista no contexto do Nacionalismo Católico (1901-1910)*, o. c., cap. II.

-10/5/1907), a ditadura de João Franco (10/5/1907-1/2/1908), o regicídio de D. Carlos I e do príncipe herdeiro Luís Filipe (1/2/1908) e a implantação da República (5/10/1910).

2.1. Pequeno esboço da obra e personalidade do Padre Martins Capela

Como uma personalidade destacada da afirmação da igreja e do neotomismo em Portugal, dinamizador das obras de apostolado social, investigador exigente e criterioso, arqueólogo consumado e um professor de reconhecidos méritos, o padre Manuel José Martins Capela (28/10/1842-3/11/1925) é uma referência e uma marca no período conturbado da história portuguesa na passagem do século XIX para o século XX.

Nascido na freguesia de Carvalheira, concelho de Terras de Bouro, frequenta o seminário de Braga e aí tem a sua ordenação sacerdotal no dia 26/5/1866. Com a sua viagem a Roma (1877), a colaboração literária (1870-1879) com Pinho Leal na redacção do *Portugal Antigo e Moderno* e a divulgação da encíclica *Aeterni Patris* (1879), o P.^o Martins Capela entendeu que deveria abandonar a função de pároco (1866-1880) e empreender um outro combate. Depois de ter passado (1880) pelo Colégio do Barro em Torres Vedras, noviciado da Companhia de Jesus, dedica-se ao ensino no colégio da Formiga em Ermesinde (1880-1884), colégio do Espírito Santo em Braga (1884?-1888), Liceu de Viana do Castelo (1888-1896), Liceu de Braga (1896-1904) e seminário conciliar de Braga (1896-1912). A partir de 1912, tendo em conta o tempo conturbado, recolhe à sua aldeia natal para aí passar a velhice.

Embora sempre se apresentando como «presbítero bracarense» e «mestre de meninos», Martins Capela foi um incansável investigador e um apóstolo consumado. Toda a sua vida foi um combate e uma constante superação de si mesmo. Envolveu-se em múltiplas causas, animou as mais diversas acções e sempre se manteve ligado à escrita, quer na imprensa quer em obra mais elaborada.

Como arqueólogo podemos registar a sua colaboração com o Dr. Francisco Martins Sarmento (1882-1899) e a sua obra maior *Mil-liarios do Conventvs Bracaravgvstanvs em Portugal* (1895)²⁹ que lhe

²⁹ Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão, Porto, 1895.

abriu as portas da Academia Real das Ciências de Lisboa, da Real Academia de História de Madrid, de O Instituto de Coimbra e da presidência da secção bracarense da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses (1906-1909). Como divulgador do neotomismo em Portugal publicou trabalhos significativos como Revista *O Escholio*³⁰ *Vantagens do ensino da Philosophia de Santo Thomaz e meios de divulgar este estudo*,³¹ *Opportunidade da Philosophia Thomista em Portugal*,³² *Noção Summaríssima dos Princípios d'Ética — Aditamento aos «Elementos de Philosophia» do Dr. Sinibaldi*³³ e *De Sapientia*.³⁴ Foi latinista apurado ao traduzir *Apologeticus* de Tertuliano,³⁵ *Do Menosprezo do Mundo* de Santo Isidoro de Sevilha e *Sentenças Morais* de S. Nilo.³⁶ Pôs em livro as suas viagens a Roma de 1877³⁷ e 1900³⁸ e foi um colaborador assíduo dos principais periódicos católicos: *A Palavra* - Porto, *Correio Nacional* - Lisboa, *A Ordem* - Coimbra, *Portugal* - Lisboa, *O Progresso Católico* - - Guimarães, *A Restauração* - Guimarães, *Voz da Verdade* - Braga, *Semana Religiosa Bracarense* - Braga, *Ilustração Católica* - Braga, *A Propaganda* - Braga, etc.

A acção pastoral e assistencial de Martins Capela em Viana do Castelo (1888-1896) foi muito significativa. Esteve ligado à consti-

³⁰ *O Escholio* (Revista quinzenal de M. Capela), Braga, 30/3/1888 a 15/6/1888.

³¹ In *Crónica do Segundo Congresso Catholico da Provincia Ecclesiástica de Braga*, Typ. Lusitana, Braga, 1892, pp. 377-389. Este trabalho de Martins Capela também foi publicado na *Revista Catholica* (Publicação semanal ilustrada), Viseu, 1903, n.ºs 47, 48 e 50.

³² Typ. Silva Braga, Viana, 1892.

³³ Viana, 1893.

³⁴ Typ. a vapor de Arthur José de Sousa & Irmão, Porto, 1898.

³⁵ O manuscrito desta tradução, elaborado em 1912, está inédito e encontra-se no Arquivo da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Depois de tentar, sem sucesso, a sua publicação bilingue, Martins Capela, desiludido, ofereceu-a, em Maio de 1919, à Academia de Ciências de Lisboa.

³⁶ Estas traduções estão inéditas e à espera que alguém lhes dê alguma atenção. Fazem parte do espólio de Martins Capela doado à Universidade do Minho/Biblioteca Pública de Braga, mas que, indevidamente, continuam, por ordem de Monsenhor Adelino Afonso Salgado, à guarda do Sr. Silvestre Epifânio Moreira em Carvalheira.

³⁷ *A Roma!*, Liv. Ed. Teixeira de Freitas, Guimarães, 1880.

³⁸ *A Roma! Vinte e três annos depois*, Typ. de J. M. de Sousa Cruz, Braga, 1909.

tuição (24/1/1892) e dinamização da Conferência de S. Vicente de Paulo, foi o principal fundador (24/1/1892) e dinamizador da Congregação Escolar de S. Luís Gonzaga, obra para a juventude académica, manteve por algum tempo e procurou implantar a «sopa dos pobres», foi um incansável apóstolo da religião tradicional e da filosofia tomista. Martins Capela, contrariando algumas disposições, também foi eleito, em 19/7/1893, Comissário da Ordem Terceira do Carmo e, simultaneamente, confessor e director espiritual das religiosas carmelitas e irmãos terceiros.³⁹

No seminário conciliar de Braga (1896-1912), a par de professor de filosofia tomista e destacado elemento da igreja e cultura bracaraenses, foi juiz sinodal (1900-1910), elemento da comissão de reforma do curso teológico do seminário (1909-1910), responsável pela revisão do projecto de estatutos e regulamento do seminário conciliar e destacado elemento do Nacionalismo Católico (1901-1910) e do Partido Nacionalista (1903-1910).⁴⁰

Uma das obras mais significativas de Martins Capela consistiu na participação no levantamento do monumento ao Sagrado Coração de Jesus no Monte das Mós, em Carvalheira, sua aldeia natal.

2.2. História da construção do monumento do Monte das Mós

É ponto incontroverso que o monumento do Monte das Mós é obra destacada de Martins Capela. Como teria surgido a Martins Capela a ideia da construção desse singular monumento? Temos ideias diversas e dispersas e não uma leitura perfeitamente coerente. Começamos por referir que, na academia religiosa e literária celebrada pelo seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga, no Paço Arquiepiscopal de Braga, em 16/5/1892, para comemorar o 6.º aniversário da consagração da diocese de Braga ao Coração de Jesus, Martins Capela apresentou, em discurso solene, a *Opportunidade da Philosophia Thomista em Portugal*⁴¹. Pelos diversos trabalhos desenvolvidos, mas

³⁹ O *Diário* de Martins Capela é uma fonte de informação insubstituível para conhecermos a sua vida e a sua obra.

⁴⁰ Para mais pormenores, concretamente a bibliografia referente a Martins Capela, consultar o nosso trabalho *O Partido Nacionalista no contexto do Nacionalismo Católico*, o. c., pp. 181-184.

⁴¹ Typ. Silva Braga, Viana, 1892.

sobretudo por este discurso, o Papa Leão XIII, em Outubro de 1892, elogiou Martins Capela pelos seus esforços em defesa da filosofia tomista.⁴² Por essa altura, vivendo em Viana do Castelo, Martins Capela foi acompanhando a construção do templo ao Coração de Jesus no Monte de Santa Luzia e sonhando com a sua Carvalheira. Martins Capela regista no seu *Diário* no dia 20/4/1895: «Também a Comissão do monumento ao SS. Coração de Jesus envia circular a pedir resposta da lista de subscrição. Falarei ao [...] am.º P. [José Luís] Zamith.» Por conseguinte, Martins Capela foi subscritor e colector de donativos para o templo de Santa Luzia. Segundo julgamos, foi o acompanhamento desta obra que fez germinar em Martins Capela a ideia de um singelo monumento ao Sagrado Coração de Jesus na sua aldeia natal, também no cimo de um monte. O Monte das Mós e o Monte de Santa Luzia avistam-se mutuamente, ao longe, como se a presença do Coração de Cristo se reflectisse em imagens sucessivas por toda a paisagem serrana de Portugal, tal como uma entidade protectora omnipresente.

Outro aspecto a ter em conta para a criação de condições e definição da ideia do monumento ao Coração de Jesus no Monte das Mós, foi a decisão de Martins Capela passar a sua velhice em Carvalheira. Em 1901, entrando determinado na empresa do Nacionalismo Católico, através da criação do Partido Nacionalista (1903), o padre Martins Capela, antevendo um combate violento e sem contornos previsíveis, decidiu expor o problema da passagem da sua velhice na «casa paterna», em Carvalheira, ao seu director espiritual, P.º António Borges Vieira, S. J.,⁴³ tal como nos relata no seu *Diário* no dia 24/11/1901:

⁴² As cartas de Leão XIII ao arcebispo de Braga, referindo-se a Martins Capela, e a do Cardeal Rampolla (Secretário de Estado do Vaticano) a Martins Capela foram primeiramente publicadas (Nov. 1892) nos periódicos *O Amigo da Religião*, Braga, 11/11/1892, pp. 875-877; *A Ordem*, Coimbra, 14/11/1892, p. 2; *A Palavra*, Porto, 16/11/1892, p. 1; *Instituições Christãs*, Coimbra, 20/11/1892, pp. 289-291.

⁴³ Martins Capela teve uma ligação privilegiada aos jesuítas e a eles se assemejava em muitos pontos: dinamismo, zelo, combatividade e culto da inteligência. Martins Capela teve como confessores e directores espirituais os padres jesuítas Luís Campo Santo, que foi Provincial da Companhia de Jesus, e António Borges Vieira. Martins Capela passou pelo noviciado do Colégio do Barro (Torres Vedras) da Companhia de Jesus em 1867 e 1880. Também deve referir-se que na família de Martins Capela havia uma tradição de ligação à Companhia de Jesus, concretamente através do P.º Manuel Martins, irmão do 4.º avô de Martins Capela. Con-

«[...] Entrei á noite para exercicios em S. Barnabé [residência dos padres jesuítas em Braga], donde saí hontem á noite p.^a vir dormir ao Seminario. Foram conferentes os R.os P.^{es} Abranches e Vieira S.J. Nelles tractei principalmente de serestar[?] qual será a vontade de Deus, no tocante ao fim da vida. Decediu o meu director [espiritual] R.º P. [António Borges] Vieira q. podia, com segurança p.^a a m.^a salvação, recolher á casa paterna, quando impossibilitado de continuar no meu officio de mestre de meninos. Fiat. [...]»

Aceite a decisão de passar a velhice em Carvalheira, tratou logo de fazer o seu testamento ⁴⁴ e iniciar as obras indispensáveis na «casa paterna», Casa de Silvestre, em colaboração com o seu irmão Alexandre Silvestre, herdeiro da casa. As obras decorreram entre 1902 e 1905 e consistiram na reformulação significativa da antiga casa e construção de uma capela para serviço religioso doméstico. A capela de S. Silvestre, consagrando o nome da casa de família, é obra integral de Martins Capela e reveladora do seu espírito harmonioso, lúcido e ilustrado. Martins Capela subsidiou totalmente e superintendeu todos os trabalhos de edificação desta capela. Nada se fez sem o seu conhecimento e sem a sua intervenção: arquitectura, plano de obras, aquisição de materiais de construção, contratação de operários, mobiliário, alfaias religiosas, decoração e invocação. A obra de pedreiro esteve a cargo dos mestres António e Manuel Moreira, irmãos, oriundos de Espanha e residentes na freguesia de Covide, concelho de Terras de Bouro. Concluídas as obras principais, ⁴⁵ a capela foi benzida em 21/9/1905 pelo próprio P.^e Martins Capela, acolitado pelo seu irmão P.^e João Hipólito, abade de Goães - Amares, e pelo pároco de Carvalheira, P.^e José Maria Martins. Entre 31/10/1905 e 3/11/1905 a Casa Silvestre acolheu o arcebispo de Braga e comitiva em visita pastoral ao arciprestado de Amares, tendo-se realizado diversas cerimónias religiosas na capela de S. Silvestre. ⁴⁶

sultar *O Escholio* (Revista quinzenal de Martins Capela), Braga, n.º 4, 15/5/1888, p. 110.

⁴⁴ Nos papéis do espólio de Martins Capela encontramos alguns documentos testamentários. O *Diário* também nos fala de algumas disposições desta natureza.

⁴⁵ Segundo o *Diário* de Martins Capela, as imagens de S. José e de S. Luís Gonzaga só foram concluídas, em Braga, em Julho de 1906.

⁴⁶ Consultar o artigo «A Casa de Silvestre» que publicamos no jornal *Gereção-Gerês* de 20/12/1994, pp. 20 e 23.

A construção da capela da Casa de Silvestre deu a Martins Capela o saber, a experiência e o realismo para se envolver em projecto maior como foi o do Monte das Mós em honra do Coração de Jesus. Podemos afirmar que um amadureceu o outro, que um serviu de balão de ensaio ao outro e que entre um e outro não houve qualquer interregno significativo. A ideia de construção do monumento foi lançada logo a seguir ao final das obras na casa e na capela. A acrescentar a isto, como causa imediata no assumir o «projecto das Mós», há a referir o desencanto crescente com o Nacionalismo Católico, sobretudo devido aos constantes jogos de poder e manobras de bastidores dos maiores. A este propósito, escreve Martins Capela no seu *Diário* no dia 29/3/1906: «O caso do dia é a carta do Cons. Jacinto Candido ao conego [António] Rodrigues, anunciando q. o Hintze [Ribeiro] accordou com elle, conceder 6 deputados aos nacionalistas! Como isto anda!...» E no dia 29/4/1906, no mesmo *Diário*, continua: «Bom tempo, com leves alterações. É dia das eleições de deputados; porém cá em Braga, paz pôdre, mercê dos accôrdos.» Quando Martins Capela, um homem de causas e de princípios, começou a perder as ilusões com o Nacionalismo Católico e deixou de o ver como esperança mobilizadora, virou-se para uma iniciativa mais congregadora e profícua espiritualmente.

Também não é de desprezar o facto de, em 24/3/1906, Martins Capela ter sido indigitado para presidente da delegação bracarense da Real Associação dos Arqueólogos e Architectos Civis Portugueses. A partir dessa altura Martins Capela passou a animar um grupo de sócios que poderiam ser entendidos como preciosos colaboradores na edificação de um monumento.

Metódico, rigoroso, realista e perscrutando muito bem as pessoas e circunstâncias que o envolviam, Martins Capela entregou-se apaixonadamente à «obra das Mós» e levou-a até ao fim. Muitos tentaram obras até mais pequenas, mas, porque não possuíam as mesmas características de personalidade e determinação espiritual, nada conseguiram, levaram à falência ou então não realizaram condignamente um empreendimento que precisaria de melhores interlocutores. A acrescentar a isto há a mencionar a credibilidade e confiança que inspirava Martins Capela. Sem esse capital de confiança não encontraria colaboradores capazes e dedicados.

Como principal idealizador, promotor e contribuinte, Martins Capela soube tirar partido da mística do Monte das Mós. Não ferindo

a paisagem nem a crista do monte, a sua ideia de construção de um monumento ao Coração de Jesus consistiu em colocar uma torre de vigia, em «forma de um castelo roqueiro e ameiado, de cantaria rusticada»,⁴⁷ em cima de uns grandes penedos. A singeleza do monumento enquadra-se perfeitamente na paisagem granítica acentuando os picos das serras da Amarela e do Gerês. Lugar aprazível e de encantamento onde o coração mais facilmente poderá falar.

«Cooperar *pro viribus suis* no levantar uma estatua ao Divino Coração de Jesus, cujos labios de frio marmore préguem com divina efficacia ás gerações dos seus conterraneos, bem mais e melhor que fizeram, ou não fizeram por mofina sua, os labios remissos do pobre presbytero.»⁴⁸

Se Martins Capela escolheu o Monte das Mós para edificar um monumento religioso, não o fez por razões estritamente religiosas. Dado o amor à sua terra e a sua sensibilidade de artista, de crente e de homem de ciência, Martins Capela pretendia um projecto de grande alcance, assim o ajudassem as circunstâncias, os homens e a sua predisposição para os grandes empreendimentos. Local de rara beleza em área tão desprotegida e abandonada à sua sorte de economia de subsistência, Martins Capela queria fazer das Mós, para além de lugar de culto, um lugar do espírito estético e uma oportunidade de desenvolvimento social da região. Com Martins Capela estiveram muitas pessoas de Braga, Terras de Bouro e Carvalheira. Continuemos a citar, a este propósito, o «Boletim das Mós» de Martins Capela:

«[...] seja licito lembrar os propositos dos que á empreza metteram hombros. E foram taes, esses propositos, que logo mereceram aprovação do ex.mo senhor Arcebispo Primás e de sacerdotes esclarecidos e zelosos, desta cidade [de Braga]; pois se não limitavam taes propositos a fomentar a piedade, com a devoção ao Sagrado Coração de Jesus (o que por si só seria de sum-

⁴⁷ Martins Capela, «Monumento ao SS. Coração de Jesus», *A Palavra*, Porto, 25/9/1907, p. 1.

⁴⁸ Pe. Martins Capela, *No Monte das Mós em Carvalheira — Monumento ao S. Coração de Jesus* (Boletim), I, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Matos, Braga, Fev. 1909, pp. 14-15. Este «Boletim das Mós», opúsculo de divulgação da obra do Monte das Mós, é um precioso documento complementar do *Diário*, ao qual recorreremos com frequência, uma vez que, em alguns pontos, amplia e clarifica a informação do *Diário*.

ma utilidade — *pietas ad omnia utilis*) mas também miravam ao fim altamente social de proporcionar ao povo esperança, conforto e consolação na adversidade; moderação e continência nos raros momentos e fugitivos da prosperidade. Feliz o povo que tem a Deus como senhor. ([Nota:] *Beatus populus, cui Dominus Deus.*) Pois servil-o, é reinar. ([Nota:] *Cui servire, regnare est.*)

Atendeu-se ainda ao interesse temporal da gente d'aquellas montanhas, esperando que o aformoseamento do local, ajuntando-se ao bello alpestre da natureza, melhor attrahisse a visita de viajantes forasteiros, senão devotos peregrinos. 'A primeira industria dos minhotos devia ser parecida á da Suissa ou da Riviere'. Assim concluia, ha tempos, um artigo bellamente pensado e escripto, certo auctor de pulso. ([Nota:] Dr. Hugo Mastbaum, em o n.º 326 da *Gazeta das Aldeias.*) Sabem todos, quantos recursos monetarios não auferem cada anno os pobres montanhezes da Suissa, hospedando e guiando pelas paragens alpinas ricos estrangeiros durante o estio e o outono. É porventura a sua principal fonte de riqueza. Algo de isto procura crear entre nós uma patriótica sociedade ([Nota:] *A Propaganda de Portugal.*), bem digna de encomio e cooperação; e nenhuma das nossas montanhas melhor representa o typo alpino, que a serra do Gerez, como ainda neste anno passado se reconheceu. ([Nota:] Na grande caçada de Setembro.).⁴⁹

Outro ponto: Um varão prudente e mestre de espirito, respondeu a quem o consultava, se nisto andaria sombra de vaidade ou ambição pessoal: - Diga ao tentador: 'Nem por te servir entrei nesta obra, nem por te dar gosto recuarei ...' e siga para a frente, que é como Deus quer. Nobre e alto proposito! Se dos actos, que maior applauso merecem no tribunal da propria consciencia, eliminassemos quantos nos apparecem maculados d'esse subtil pó do homem terreno, de temer é que todos fossem lançados ás urtigas. Não! *Ad majorem Dei gloriam cuncta fiant, fiant!* e para deante é, que é.»⁵⁰

⁴⁹ Tenha-se em devida conta que Martins Capela escreveu muitos artigos sobre «Excursionismo» no jornal bracarense *A Propaganda* entre Maio e Julho de 1910. Martins Capela sempre se preocupou em promover social, cultural e espiritualmente a sua região. Muitos dos seus artigos em periódicos são sobre a divulgação e promoção da sua terra. Vejam-se, por exemplo, as suas memórias de infância.

⁵⁰ P.e Martins Capela, *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., pp. 3-4. Neste trabalho transcrevem-se alguns textos longos deste «boletim das Mós», inteiramente escrito por Martins Capela, para o dar a conhecer e divulgar com fidelidade os propósitos da obra ao Sagrado Coração de Jesus.

A história da construção do monumento ao Coração de Jesus no monte das Mós, em Carvalheira, está devidamente explícita nos extractos do *Diário* de Martins Capela que à frente se transcrevem. No entanto, para ajudar a coordenar elementos dispersos, julgamos melhor esquematizar aqui os seus principais momentos, acções desenvolvidas e intervenientes.⁵¹

No final de Maio e princípio de Junho de 1906, numa visita ao Monte das Mós, Martins Capela fez-se acompanhar por diversas personalidades para, no local, ajuizarem da viabilidade de um projecto de monumento ao Sagrado Coração de Jesus⁵². De imediato Martins Capela expõe a questão ao Sr. Arcebispo Primaz D. Manuel Baptista da Cunha, de quem era amigo e estreito colaborador, e recebe todo o apoio e autorizações indispensáveis para a divulgação da ideia e início dos trabalhos de dinamização.

No início de 1907, tentando angariar os apoios indispensáveis, Martins Capela promove a ideia da construção do monumento ao mais alto nível e das formas mais diversas: reuniões, contactos pessoais, correio e fotografias. Nos meses de Março e Abril de 1907 Martins Capela estabelece os contactos necessários para a formação das comissões de direcção e acompanhamento das obras do monumento. Disso nos dá conta o «Boletim das Mós»:

«[...] cuidou-se na formação de uma Comissão *promotora* em Braga, depois da outra *executiva* ou de obras, já installada na localidade [de Carvalheira]. Aquella foi composta de individuos de Terras de Bouro residentes em Braga, com alguns outros, estranhos porém recommendaveis por competencia technica, actividade e amor destas coisas. Taes foram o illustre [Dr. Juiz António José de Barros,⁵³ presidente,] engenheiro Dr. João Teixeira

⁵¹ Consultar o artigo «Monumento do Bom Jesus» que publicámos no mensário *Geresão-Gerês*, em 20/5/1994, p. 14.

⁵² As notas do *Diário* que se publicam em Apêndice Documental confirmamos dados que aqui registamos sobre a história da construção do monumento do Monte das Mós.

⁵³ Trata-se do Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça (1924-1925) António José de Barros (1850-1928), natural da freguesia de Chamoim (Pergoim), concelho de Terras de Bouro. Consultar o artigo «Juiz Conselheiro António José de Barros», que publicámos no *Geresão-Gerês* em 20/6/1994, p. 12.

ra da Silva, ⁵⁴ vice-presidente, [P.º Manuel José Martins Capela, secretário,] o sr. Antonio Maria de Araujo, thesoureiro, e os rev.ºs P.ºs Manuel Martins de Aguiar, ⁵⁵ Luiz Gomes da Silva e Camillo José de Souza, ⁵⁶ vogaes. Dos nossos conterraneos, estão hoje ausentes de Braga os ex.mos snrs. Adelino Arantes, Dr. José Joaquim de Antas de Barros, P.e Sebastião Pires de Freitas ⁵⁷ e P.º José Rosendo Gonçalves Arraes. Com o primeiro destes cavaleiros foram por voto unanime aggregados á commissão os rev.ºs snrs. P.º José Martins Barreto, professor e reitor do Lyceu, e P.º Francisco Esteves Pereira, paroco de S. Lazaro, nossos conterraneos.» ⁵⁸

Da commissão executiva faziam parte o pároco P.º José Maria Martins (presidente), António M. D. Salgado e Carneiro (vice-presidente), José Manuel Martins Capela ⁵⁹ (secretário) e outras pessoas re-

⁵⁴ O Dr./Eng.º João Teixeira da Silva (1867-1930) foi o principal projectista, architecto e engenheiro do monumento do Monte das Mós em Carvalheira, não querendo ser remunerado pelos inúmeros trabalhos que realizou. João Teixeira da Silva, natural de Braga (Sé), bacharel em Matemática e Filosofia pela Universidade de Coimbra, diplomado com o curso de Engenharia Militar da Escola do Exército (1893) e atingindo o posto de coronel no ramo de engenharia, foi engenheiro director das Obras Públicas do distrito de Braga, candidato a deputado do Partido Nacionalista pelo círculo de Vila Real (5/4/1908) e presidente da delegação bracarense da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, a partir de 29/11/1909, sucedendo a Martins Capela. Para mais pormenores consultar o artigo «Eng.º João Teixeira da Silva — Architecto do Monumento das Mós» que publicámos no jornal *Geresão-Gerês*, em 20/1/1995, p. 13.

⁵⁵ Padre Manuel Martins de Aguiar, conceituado sacerdote bracarense, autor de uma significativa obra pastoral.

⁵⁶ O P.º Camilo José de Sousa (1861-?) foi prefeito do seminário conciliar de Braga, pároco de uma ou outra paróquia da cidade de Braga e destacado elemento do Nacionalismo Católico - Partido Nacionalista.

⁵⁷ O P.º Sebastião Pires de Freitas (1839?-1913?), era natural da Casa de Bento, freguesia de Covide, concelho Terras de Bouro. Companheiro de Martins Capela na peregrinação a Roma de 1877, foi pároco de Portela (Amares) e de Souto (terras de Bouro) e conceituado pregador por mais de 20 anos. Para mais pormenores consultar o artigo «Padre Sebastião Pires de Freitas» que publicamos no jornal *Geresão-Gerês* em 20/2/1994, pp. 3 e 13.

⁵⁸ P.º Martins Capela, *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., pp. 4-5.

⁵⁹ José Manuel Martins Capela (1846-?) era irmão do P.e Martins Capela e regente escolar em Carvalheira.

sidentes em Carvalheira. A primeira reunião da «comissão promotora» ocorreu no dia 25/3/1907.

«Installadas as comissões, e impressos os prospectos mais as listas da subscrição popular, cuidou-se da propaganda pessoal entre os rev.^{os} parochos da ribeira do *Homem* e os da zona convizinha tanto da vertente do *Lima* como da do *Cavado*, incluindo algumas parochias da Galliza, fronteiriças do Gerez, para as quaes se recorreu á remessa postal, como para os numerosos parochos naturaes da nossa terra e collocados fóra; e bem assim para varios cavalheiros nas mesmas condições, ou conhecidos por seu zelo religioso e meios de fortuna.

Para tratar pessoalmente com os primeiros, procedeu-se a convite por grupos a uma reunião, em cada localidade central, dos rev.^{os} parochos daquela area, aos quaes se apresentavam os prospectos, com duas palavras de explicação dos intuitos da empresa, solicitando a sua cooperação e nomeando um delles thesoureiro collector.

Foram os primeiros convites (Abril de 907) aos rev.^{os} parochos de Terras de Bouro (valle do Homem) para duas reuniões: em *Chamoim* a primeira, a segunda em *Covas*. Seguiram-se-lhes, pouco depois, em *Amares* a de *Fiscal*, e as de *Coucieiro* e *S. Pedro d'Esqueiros* em Villa-Verde. Foi-se depois a *S. João da Cova* para as freguezias de Terras de Bouro (valle do Cavado) e para as de Vieira da antiga *Ribeira de Soaz*. Por fins de maio foi a reunião de *Amares*, numa das salas dos Paços do concelho.

Das freguezias da vertente esquerda do Lima, do concelho da Ponte da Barca, só em fins de setembro do anno proximo passado [1908], puderam ser visitadas muito de fugida as de *Britello*, *S. Miguel d'Entre-os-Rios* e *Sant'iago de Villa Chã*. De *Lindoso* ha muito já que o rev.^o parcho remettera, com a collecta dos seus parochianos, o donativo proprio. Á Galliza não se foi ainda.

E não se acobardou a gente com a categoria elevada de alguns destinatarios. Assim é que pelo correio foram enviados prospectos a todos os ex.mos Prelados do Reino. A suas magestades El-Rei Dom Carlos (que Deus tem) e Rainha Senhora Dona Maria Amelia, por occasião da festa dos Santos Reis do anno proximo passado [1908], tambem a gente teve a honra de, pelo correio, Lhes fazer chegar ás mãos os prospectos, acompanhados de duas linhas de respectiva missiva; mal pensando que horrorosa e abominavel tragedia nos reservavam os malvados, para o 1.^o de Fevereiro!

A uma dama da primeira nobreza do Reino [Duquesa de Palmela], insigne cultora das bellas artes, enviou-se tambem a pedir modelagem para a estatua do S. Coração de Jesus.

Se nada conseguimos até hoje de tão audaciosas tentativas, não se poderá dizer com verdade ter sido por acanhamento da nossa parte; que nisto de pedir, muito vale a importunação e teimosia; e pôsto que bem melhor *sabe* dar que receber ... esmolos. Ingrata coisa é pedir, mesmo para as almas, não tanto por confessar indigencia, como por se expôr a gente a um duro **não!**

Mas se assim está o mundo, que metade d'elle importuna a outra metade, com elle vamos, ora pedindo ora dando.

Para engrossar o tenue fio da subscrição, aproveitaram-se alguns ensejos de solicitar donativos, como foi o das férias do Natal do anno passado [1908], donde os seminaristas voltaram á *colmeia* como as abelhas com o *pollen* e o melão; e da «Academia» das *Associações Marianas*, em Braga, graças aos bons serviços dos seminaristas Pinto, Maia e Campos, e finalmente o dos Exercícios ao clero neste Seminário, em agosto [1908] proximo passado, no qual collaboraram os nossos illustres conterraneos, rev.^{os} Damião Martins ⁶⁰ e Manuel Luiz Pereira.

Até (vejam como é inventiva a *auri sacra fames!*) esteve emmente no anno passado pelas férias da Paschoa uma volta, com o alforge ás costas, pelos Seminarios do Reino desde Faro até Bragança!» ⁶¹

Divulgando-se a ideia de construção do monumento, desenvolvendo-se a colecta dos fundos necessários ⁶² e adquirindo-se os terrenos para a construção do monumento, ⁶³ tudo se congregou para tornar ir-

⁶⁰ O cónego Damião Martins (1868-1930) era natural de Valdeu, concelho de Terras de Bouro. Foi prefeito do Colégio dos Orfãos de Coimbra, colaborador do Mons. Jerónimo do Amaral na direcção do Colégio de N.^a Sra. do Rosário em Vila Real, até 1910, pároco encomendado de Goães-Vila Verde e responsável pelo seminário menor de Braga, a partir de 1916. (Cf. Revista *Acção Católica*, Braga, Maio 1930, pp. 159-160.)

⁶¹ Pe. Martins Capela, *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., pp. 5-6.

⁶² No espólio doado à Universidade do Minho/Biblioteca Pública de Braga pelos herdeiros da Casa de Silvestre de Carvalheira existe o «canhoto» dos recibos de donativos para o monumento do Monte das Mós.

⁶³ Os terrenos e os pededos foram disponibilizados por Alexandre Silvestre Martins Capela, irmão de Martins Capela, e João Dias Pisão (Paredes-Carvalheira).

reversível um projecto desta natureza. Para dar notícia da evolução das obras, divulgar donativos recebidos, solicitar apoio e apelar à devoção ao Coração de Jesus, entre Maio de 1907 e Maio de 1910 Martins Capela publicou uma série de artigos (15) no jornal católico portuense *A Palavra* (1/8/1872-15/2/1911).⁶⁴ Foi neste jornal católico que Martins Capela mais combateu e melhor se apresentou como apóstolo tradicional da causa católica; foi neste jornal católico que Martins Capela mais divulgou a 'sua' «obra das Mós».

Em 15/8/1907 Martins Capela, em reunião reduzida da comissão promotora, dá por aprovado o «projecto das Mós» da autoria do eng.º João Teixeira da Silva. Nesta altura também se vai pensando na estátua bem como no seu transporte.

Acerca do projecto aprovado, Martins Capela escreve no diário católico portuense *A Palavra*, em crónica sobre o «Monumento ao SS. Coração de Jesus», o seguinte:

«De novo temos o trabalho magistral do nosso engenheiro doutor Teixeira da Silva, apresentado à comissão e aprovado por unanimidade. Tem a forma (o pedestal ou pilar para a estátua) de um castelo roqueiro e ameiado, de cantaria rusticada, cuja plataforma superior é acessível por um sistema de duas escadas interiores convergentes no topo, por onde os devotos poderão subir, um a um beijar o pé da estátua.

Atenta a relativa estreiteza da base que a coroa do penedo oferece, era um problema de não fácil solução o lançamento da escada, aliás indispensável aos votos e devoção dos fieis.»⁶⁵

A partir desta data, Martins Capela quer deixar o Nacionalismo Católico para se entregar completamente ao monumento das Mós. No dia 5/12/1907 anota no seu *Diário*: «Tenho pensado em m'exonerar do logar de vogal da Comissão executiva do partido nacionalista,

⁶⁴ Os artigos publicados n'*A Palavra* e denominados «Monte das Mós — Monumento ao SS. Coração de Jesus» ou denominação semelhante, foram publicados nos dias 25/5/1907 (p. 1), 21/6/1907 (p. 1), 10/7/1907 (p. 1), 8/8/1907 (p. 1), 25/9/1907 (p. 1), 5/12/1907 (p. 3), 18/1/1908 (p. 1), 23/5/1908 (p. 2), 22/7/1908 (p. 2), 16/1/1908 (p. 2), 14/4/1909 (p. 1), 8/5/1909 (p. 1), 30/10/1909 (p. 1), 16/2/1910 (p. 1) e 11/5/1910 (p. 2).

⁶⁵ *A Palavra*, Porto, 25/9/1907, p. 1.

apresentando em particular ao Ex.mo Sr. Conego [António Augusto] Rodrigues o meu pedido. Estou com 65 anos, pouco feito para lidar com gente moça.» No dia 10/12/1907 acrescenta no mesmo *Diário*: «Escrevi uma carta de demissão do Centro N[acional]. de Braga ao Ex.^{mo} Sr. Dr. conego [António Augusto] Rodrigues; e ferido appareceu-me agora no fim do jantar, m.to magoado com alias insignificante resolução minha. Foi preciso conceber q. lá usassem o meu nome (p.^a verbo de encher) e q. iria ás reuniões, q.do tivesse letra sua.»

No início de Março de 1908 põe-se a concurso a obra de pedreiro do monumento. Depois de ultrapassadas algumas dificuldades inesperadas

«[...] no dia 30 de junho, sem nenhuma solemnidade, lá principiou o mestre Antonio Moreira o seu labor, a jornal, e pelos fins de outubro estava concluido o sóco ou base do monumento, que houve de apoiar-se em dois pés-direitos, supplementares ao penedo, para com elle formarem a plataforma basilar, com nove metros por lado do quadrado.

Com esta primeira tarefa se esgotaram os fundos da subscrição e tão a proposito que ás inclemencias da estação invernosa, que não consente trabalho naquellas alturas veiu associar-se o 'interposto pela casa da moeda'.»⁶⁶

Em Outubro iniciam-se as negociações com o mestre pedreiro António Moreira para a construção do pilar central do monumento. As negociações culminaram com o ajuste da obra já no início de 1909:

«[...] tivemos a fortuna de encontrar a cantaria mesmo junto da obra, mercê de dois corpulentos penedos, esquadrejados a primor pelo mestre [António] Moreira. Tambem com este ajustou a comissão promotora [por 1.120\$000 reis]⁶⁷ no dia 9 do corrente janeiro [de 1909] a empreitada parcial do pilar até á base da estatua, menos o escadorio exterior e o patim do cimo.»⁶⁸

A 19/2/1909 Martins Capela começa a distribuir o seu «boletim das Mós» e a 15/10/1909 terminam as principais obras do pilar do monumento.

⁶⁶ *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., p. 13.

⁶⁷ Segundo refere Martins Capela no seu *Diário* de 29/10/1908, os mestres pedreiros António e Manuel Moreira haviam proposto 1.220\$000 reis pela empreitada.

⁶⁸ *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., p. 13.

Os peditórios feitos por Martins Capela e pelos párocos foram diversos e insistentes. Pelo que descreve Martins Capela no seu *Diário*, os contributos mais significativos foram de figuras destacadas da igreja ou de uma certa aristocracia. As listas de «subscrição popular a 20 reis cada pessoa» não conseguiram arrecadar capital significativo. Dada a situação social, não foi fácil angariar fundos para o monumento do Monte das Mós. A este propósito, prevendo as dificuldades na execução da obra, referia já Martins Capela no seu «Boletim das Mós»:

«E como, por supposto, estatua tampouco haverá não tendo havido o mais, iremos um dia com dois carpinteiros de machado ao carvalho mais corpulento e robusto da nossa terra, e do cerne delle será feita uma cruz solida e grande para ser arvoreada no alto do pilar com tamanha firmeza e segurança, que por muitos annos zombe dos vendavaes e da acção destruidora dos invernos.»⁶⁹

Em Março de 1910 são plantados cerca de 50 eucaliptos no Monte das Mós como medida de arborização e embelezamento do local. A 2/4/1910 Martins Capela encomenda a escultura modelo (maqueta) da estátua do monumento ao escultor bracarense Vieira.⁷⁰ A 22/9/1910 o escultor Vieira dá por terminada a escultura em madeira. A 23/9/1910 Martins Capela começa a distribuir o n.º 2 do seu «boletim das Mós».⁷¹

No Verão de 1911 prosseguem as obras de pedreiro. Tardando a conclusão da obra em 3/10/1911 é colocada uma cruz de madeira no pilar do monumento.

Como Martins Capela regressasse, em 31/12/1911, ao seminário para continuar o seu exercício de professor de filosofia tomista e como o seu *Diário* permanecesse em Carvalheira, nenhuma nota sobre as Mós lançou nele de modo a ilucidar-nos, hoje, sobre as obras realizadas no decurso do ano de 1912. Julgamos que prosseguiram as obras de pedreiro do varandim e do escadório exterior.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 15.

⁷⁰ Julgamos tratar-se do escultor José Evangelista Vieira. Consultar *Ilustração Catholica-Braga*, 11/7/1914, capa.

⁷¹ Não conseguimos encontrar este n.º 2 do «Boletim das Mós».

Na pedra lavrada do pilar do monumento foi fixado o seguinte texto:

COR · JESV · FLAGRANS · AMORE
NOSTRI · INFLAMMA · COR · NOS
TRVM · AMORE · TVI

CHRISTI · FIDELIVM · PECVNIA
DEI · GRATIA · OPITVLANTE
ADSVRREXIT · OPVS

ANNO ·
REPARATAE · SALVTIS
MCMXII

De 9 a 12 de Junho de 1913 a estátua é conduzida, desde Braga até ao Monte das Mós, pela estrada romana da Geira.⁷² A estátua é um bloco único de mármore vindo de Montelavar (Sintra) e foi obra do marmorista bracarense Teixeira.

A inauguração solene do monumento do Monte das Mós realizou-se no dia 13 de Julho de 1913. As cerimónias da bênção solene da estátua e da celebração da missa campal foram presididas pelo cônego Dr. António José Pires Dias de Freitas, oriundo da vizinha aldeia de Covide.⁷³

Devido à idade, falta de subsídios e instabilidade política e social, Martins Capela não chegou a completar os trabalhos de enquadramento do monumento de Mós: arranjo da área envolvente, acessos,

⁷² Consulte-se, no Apêndice Documental, o relato sentido e minucioso que Martins Capela faz no seu *Diário*.

⁷³ O Dr. António José Pires de Freitas (?-1934), natural de Covide (Casa do Passadiço), concelho de Terras de Bouro, formado em Direito pela Universidade de Coimbra e pároco de Adaúfe-Braga durante muitos anos, foi, conforme a inscrição existente no seu túmulo em Covide, «Cónego capitular da Sé Primacial, desembargador da Relação Eclesiástica, Promotor da Justiça, Oficial da Cúria e Governador do Bispado na ausência do Prelado». Consultar os artigos que publicámos no jornal *Geresão-Gerês* nos dias 20/11/1993 («A Casa do Passadiço», p. 14), 20/12/1993 («O Cónego Dr. António de Freitas», p. 22) e 20/1/1994 («Os padres da Casa do Passadiço», p. 12).

arborização do monte, etc. Pode dizer-se que, tal como Martins Capela deixou a obra assim se encontra hoje, exceptuando-se um ao outro pormenor secundário. Hoje ainda se vê a lagareta da cal, indício de uma obra abandonada.

2.3. A devoção ao Coração de Jesus do Monte das Mós

No decurso da construção do monumento do Monte das Mós, Martins Capela esforçou-se por divulgar e afirmar a devoção ao Coração de Jesus. Escreveu em jornais,⁷⁴ divulgou o seu *Boletim das Mós*, dinamizou actos religiosos e de piedade em Carvalheira e procurou sensibilizar a população.⁷⁵ Segundo julgamos, uma das formas de sensibilizar a população foi promover a sua «veia poética» através da elaboração de quadras populares. Julgamos que Martins Capela não se limitou a transcrever as quadras que o povo criava, mas que teve alguma intervenção. Martins Capela sentia uma muita viva inclinação para uns «versinhos» e uns «sonetinhos», apesar da sua assumida condição de «presbítero bracarense» o obrigar a fugir dessas veleidades estéticas. Em Viana do Castelo (1888-1896) Martins Capela também se socorreu de uns «versinhos» para cativar a juventude académica. Citemos as quadras que conhecemos:

«O Nosso Senhor das Mós
Beu toda a estrada da Geira
A abençoar todo o mundo
Foi parar a Carvalheira.»⁷⁶

⁷⁴ É o caso dos 15 artigos publicados no periódico católico *A Palavra*, entre 25/5/1907 e 11/5/1910, e atrás referidos em nota de rodapé. Também n.º *A Palavra* de 11/6/1909 (p. 2) Martins Capela publicou um artigo («Coração Santo») de devoção ao Coração de Jesus. No periódico bracarense *Voz da Verdade*, de 30/5/1907 (pp. 258-259), foi publicado um artigo intitulado «Senhor Jesus do Monte das Mós», onde se anuncia a construção do monumento do Monte das Mós.

A devoção de Martins Capela ao Coração de Jesus não é acompanhada por uma grande reflexão teórica e doutrinal, divulgada em opúsculos ou desenvolvidos artigos de jornal. A devoção de Martins Capela é mais emocional que racional, mais sentida que reflectida doutrinalmente.

⁷⁵ Consultando o «Boletim das Mós» ficamos com a sensação de estarmos perante um apóstolo, um peregrino ou, como se intitulava a si próprio nos seus *Milliarios* (1895, pp. 15-16), um D. Quixote.

⁷⁶ Quadra referida pela Sr.ª Eufemia Rodrigues da Silva Cosme, da freguesia de Covide, em 20/11/1995.

«O Bom Jesus das Mós
 Já passou pela Geira
 Abençoou todo o mundo
 Mas primeiro Carvalheira.»⁷⁷

«O Bom Jesus das Mós
 Ao alto foram pôr
 Entre tojos e carquejas
 E fraguinhas ao redor.»⁷⁸

«Senhor Bom Jesus das Mós,
 Em Carvalheira adorado,
 Has-de ser por todos nós
 Sempre bemdicto e louvado.»⁷⁹

A forma como foi concebido o monumento possibilita uma intimidade do crente com o Coração de Jesus. No cimo de um pilar, em espaço reduzido, com uma imagem de Cristo que se eleva e envolve, rodeado de silêncio e por uma paisagem encantatória, o crente fica a sós com o «Coração Trespasado de Cristo» e interpelado pelo Seu amor infinito. O crente funde-se com a natureza física inebriante e a natureza divina incomensurável. Quando há prece, é perfeito o quadro da relação mística com o Bom Jesus, tendo por aconchego e envolvimento o olhar clemente do Bom Jesus e o infinito azul da abóbada celeste. Um encontro destes pode muito bem ser etéreo e indefinível.

O projectista deste monumento (eng.º João Teixeira da Silva) e o seu idealizador (Martins Capela) souberam interpretar excelentemente a mística da relação do crente com o Bom Jesus. Este monumento tem um espírito do lugar e uma magia muito própria. Aqui o sagrado não se impõe, surge com naturalidade e transparência. O culto dos deuses na Grécia clássica surge sempre em locais deslumbrantes: Acrópole de Atenas, Delfos, Cabo Sounion, etc. A construção de edificações religiosas no cimo dos montes remonta a uma prática de sacralização dos pontos estratégicos das zonas humani-

⁷⁷ Quadra referida pela Sr.ª Flormina Rosa Martins Capela (1901-1992), sobrinha do P.e Martins Capela.

⁷⁸ *Ibidem.*

⁷⁹ *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., p. 14 e *Diário* de Martins Capela de 4/12/1908.

zadas. Os pontos altos, no cimo dos montes, são «lugares fortes» e protectores.⁸⁰

Inaugurado o monumento, Martins Capela, já refugiado por velhice na sua aldeia, esforçou-se por dinamizar a devoção ao Coração de Jesus. Vários actos de piedade e devoção dinamizou Martins Capela em Carvalheira.⁸¹ As Mós transformaram-se em centro de romagem das freguesias vizinhas, arciprestado de Terras de Bouro. Por sua vez, sempre que as forças físicas permitiam, Martins Capela fazia uma visita diária ao monumento das Mós. Quando a velhice ou a doença não lhe permitiam tão grande e custosa viagem ia até a um pequeno morro perto de sua casa, donde devisava o monumento, e aí, diariamente, orava. Esta cena de oração de Martins Capela ainda hoje está viva na população local.

Falecido Martins Capela em 1925, a «festa das Mós», iniciada com a inauguração do monumento do Bom Jesus em 13/7/1913, continuou com a dinamização que o pároco e a aldeia conseguiam. A seguir à romaria de S. Bento da Porta Aberta, a «festa das Mós» chegou a ser uma das maiores festas do arciprestado e concelho de Terras de Bouro. Por muitos anos a «festa das Mós», normalmente no mês de Junho, congregou todo o arciprestado de Terras de Bouro. Era uma festa religiosa ímpar porque realizada no cimo de um monte sem as infraestruturas mínimas para acolher umas largas centenas de pessoas. Esta festa do Coração de Jesus, festa móvel realizada num domingo, constava de um tríduo durante a semana anterior e, no dia da festa, de uma peregrinação ao Monte das Mós seguida de missa campal rezada do varandim do monumento e terço no igreja da freguesia. Todas as freguesias do arciprestado — ribeira do Homem do concelho de Terras de Bouro — participavam com cruz paroquial e bandeira do Coração de Jesus.

Martins Capela pretendia que o lugar fosse de contínua peregrinação de toda a área minhota, mas os tempos não estão a fazer-lhe a vontade. Na década de setenta decaiu muito a festa e depois de 1974 a situação piorou. Presentemente há uma pequena celebração que de

⁸⁰ Consulte-se Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano — A Essência das Religiões*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s. d., pp. 35-60 («Espaço Sagrado e Sacralização do Mundo»).

⁸¹ A imprensa fez eco de algumas dessas iniciativas. Consultar *Voz da Verdade* (Revista Religiosa), Braga, 30/10/1913, p. 546.

tão pequena até parece envergonhada. O discreto altar que levantaram no sopé do monumento, entre penedos, indica o reduzido número de fiéis participantes na festa, deixando-se assim de celebrar missa campal do varandim do monumento. Hoje, em tempo de aberta contestação da religião como imposição exterior e do padre como funcionário, a dinamização das festividades passou a ser feita pelos fiéis e com a participação destacada dos jovens. Abriu-se a festividade ao domínio mais secular e profano.

2.4. A situação actual do monumento do Monte das Mós

O monumento ao Bom Jesus foi a primeira, mas não é a única edificação religiosa no Monte das Mós. Ao longo do tempo, como se o Monte das Mós ficasse sacralizado com a inauguração do monumento ao Bom Jesus, foram-se realizando diversas obras de cariz religioso: capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade, capela do Imaculado Coração de Maria e Via Sacra. Note-se que nenhuma das edificações realizadas se sobrepõe ao monumento quer seja na sua localização, dimensão, animação religiosa ou mesmo história. Enquanto o monumento ao Bom Jesus está implantado na crista do monte as outras edificações distribuem-se pelas encostas do monte como se fossem tuteladas pelo Coração de Cristo. Assim, segundo informações diversas,⁸² é atribuído a Martins Capela o levantamento da capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade, a meio da encosta do Monte das Mós, na sequência do monumento ao Bom Jesus.

Por sua vez, interpretando a obra de Martins Capela e meditando, o antigo pároco de Carvalheira, P.^e Manuel Ribeiro Alves, atento aos «sinais dos tempos», descobriu e concretizou algo que se poderá considerar como continuação e complemento do projecto de Martins Capela para o Monte das Mós. Nestes termos, dada a sua devoção a N.^a Senhora e a participação no movimento Schönstatt⁸³ («Mãe três vezes admirável») do P.^e Josef Kentenich,⁸⁴ o P.^e Manuel Ribeiro Al-

⁸² Estas informações, não devidamente confirmadas, foram recolhidas na aldeia de Carvalheira.

⁸³ Schönstatt é uma pequena povoação alemã perto de Koblenz, cerca de 80 Km a Sul de Colónia.

⁸⁴ O P.^e Joseph Kentenich foi perseguido por Hitler e prisioneiro do campo de concentração de Dachau.

ves⁸⁵ promoveu, no sopé do monumento ao Coração de Jesus no Monte das Mós, a construção de uma capela ao Imaculado Coração de Maria. O P.^o Manuel Ribeiro Alves também teve presente uma afirmação de Jacinta à sua prima Lúcia - videntes de Fátima — por ocasião da sua última despedida em Fátima, um mês antes da sua morte: «Vais ficar mais algum tempo no mundo para dizer a toda a gente que o Nosso Senhor quer ver venerado ao lado do Seu Coração o Imaculado Coração de Maria e que nos concede todas as graças por meio do Seu Imaculado Coração».

Porque se estava na altura da construção da albufeira de Vilarinho das Furnas, a Companhia Portuguesa de Electricidade (CPE) disponibilizou meios materiais e técnicos para a construção da capela ao Imaculado Coração de Maria. Assim, contrariando o adequado granito do monumento ao Coração de Jesus e o respeito pelos materiais da região, a capela foi edificada em betão armado cedido pela CPE. Em cerimónia presidida pelo então bispo auxiliar de Braga, hoje Cardeal Patriarca de Lisboa D. António Ribeiro, foi benzida a primeira pedra em 21/1/1968. Uma vez que a povoação de Vilarinho das Furnas ia ser submersa pelas águas da albufeira, o sino da capela de N.^a Senhora da Conceição foi levado para a capela do Imaculado Coração de Maria. A imagem do Imaculado Coração de Maria foi benzida em Roma no dia 12/5/1971 pelo Papa Paulo VI. Na viagem a Roma para a bênção da imagem, com passagem por Schönstatt, o P.^o Manuel Ribeiro Alves fez-se acompanhar por duas sobrinhas do P.^o Martins Capela, Maria Custódia Martins Capela (1896-1982), sobrinha em 1.^o grau, e Manuela Carvalho de Sousa, sobrinha em 3.^o grau, religiosa dominicana de Santa Catarina de Sena.⁸⁶ No dia 13 de Maio a imagem esteve em Fátima e no dia 15 chegou a Carvalheira.

Sobretudo com as iniciativas do P.^o Manuel Ribeiro Alves, o Monte das Mós abriu-se ao culto mariano, sinal de um tempo em que o culto ao Coração de Cristo se alarga integrando o Coração de Maria. Entendeu-se que a simbologia do coração resultaria muito restrita se não integrasse o Coração de Maria, atendendo ao tempo de clivagem en-

⁸⁵ O P.^o Manuel Ribeiro Alves, autor de uma obra pastoral ímpar, é um dos principais mentores e dinamizadores do movimento Schönstatt em Portugal.

⁸⁶ As informações aqui apresentadas sobre a capela do Imaculado Coração de Maria no Monte das Mós foram amavelmente fornecidas pelo P.^o Manuel Ribeiro Alves e pela religiosa dominicana Manuela Carvalho de Sousa.

tre os cultos católico e protestante. Nos países católicos o culto mariano está intimamente associado à obra redentora de Cristo. O culto mariano em Portugal tem uma história muito rica e traços muito definidores, sobretudo a partir das «aparições de Fátima».

Para além da capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade e da capela do Imaculado Coração de Maria, no Monte das Mós, entre a base do monte, junto à povoação, e o monumento do Bom Jesus, também existe uma Via Sacra. Esta obra foi realizada nos anos 80, no tempo do saudoso P.^c Avelino Barros da Silva (1/8/1944 - 10/11/1995).

Todas estas edificações religiosas coexistem em ambiente de uma religiosidade que se vai afirmando espontaneamente, fruto de circunstâncias diversas e não tanto em função de uma ideia central e coordenadora. Outro tanto se poderá dizer das obras de acesso ao Monte das Mós: início e destruição de um escadório e construção de caminhos de acesso aos edifícios religiosos.

Há já algum tempo chegou a iniciar-se a construção de um escadório em granito entre a capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade e o monumento ao Bom Jesus. Por muito tempo estiveram abandonados três lanços de escadório de uns 10 degraus cada, à espera de continuação, mas por altura da construção da capela do Imaculado Coração de Maria essas escadas foram utilizadas nos muros envolventes dessa capela⁸⁷. Julgamos que a louvável ideia inicial de construção de um escadório não foi entendida pelos zeladores subseqüentes do Monte das Mós. Quanto aos acessos ao Monte das Mós, continua-se à espera de uma definição pois são muito deficientes e incoerentes.

Falando-se agora do estado de conservação dos edifícios religiosos do Monte das Mós, podemos afirmar que, à excepção da Via Sacra, todos estão a necessitar de obras urgentes de manutenção, conservação e restauro. Em região tão serrana e afastada dos grandes centros populacionais como o é a freguesia de Carvalheira, tudo é mais lento e mais sujeito à acção nefasta do tempo. É lamentável a incúria e a ausência de medidas concertadas de preservação do património cultural.

Focando concretamente o estado de conservação do monumento ao Bom Jesus, poderemos dizer que ele só continua inteiro por «milagre» uma vez que a presente instalação do pára-raios não obedece às

⁸⁷ Informações prestadas pelo Sr. António Maria Soares, natural e residente em Carvalheira.

normas mínimas de segurança, fim para o qual foi criada em região tão dada a trovoadas e no cimo de um monte. Respeitando-se plenamente a traça e ideia originais, este monumento está a precisar de obras urgentes de limpeza, restauro, conservação, consolidação e enquadramento. Já foi lançado o alerta, mas parece que as dificuldades são várias e difíceis de contornar. O desleixo é grande e só um grave desastre acordará as consciências adormecidas.⁸⁸ Diga-se que o monumento do Monte das Mós não se confina a Carvalheira, não recaindo sobre esta freguesia a obrigação e os encargos de uma obra que exigirá alguns meios para um capaz restauro, mas a ela caberá alertar e amar o que está na sua terra. Por outro lado, é de notar que um monumento desta natureza nunca se poderá remeter exclusivamente ao seu núcleo central. A envolvente é essencial de modo a poder usufruir-se plenamente deste monumento. Martins Capela tinha consciência plena da obra inacabada que era este monumento, mas mais não pôde nem lhe permitiam as suas forças. Conforme ficou e está, citando-se uma quadra popular alusiva, o monumento encontra-se «Entre tojos e carquejas / E fraguinhas ao redor».

Dadas as suas características e situação, o monumento do Bom Jesus do Monte das Mós, nos contra-fortes das serras Amarela e Gerês, é um dos miradouros mais encantadores do concelho de Terras de Bouro. Para se usufruir uma boa paisagem, Martins Capela recomendava a subida ao pilar no decurso da manhã, quando o sol se apresenta pelas costas do visitante que desfruta a paisagem em direcção ao mar de Viana do Castelo. Tendo isto em conta, se não é motivação suficiente o culto ao Coração de Jesus ou a perspectiva religiosa, porque não ver o Monte das Mós como um local de rara beleza destinado a recreio e a roteiro espiritual e cultural? O realismo de Martins

⁸⁸ Por altura dos 80 anos do monumento, em 16/1/1993, chamámos a atenção para o problema enviando umas sugestões de consolidação e enquadramento do monumento ao sr. Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro, a todos os párocos e a todos os presidentes de Junta de Freguesia do concelho de Terras de Bouro. Mais tarde, considerando grave a deficiente instalação do pára-raios e as fissuras que apresenta o encosto do escadório lateral ao pilar, reforçámos a chamada de atenção através de um artigo publicado no jornal *Geresão-Gerês* de 20/5/1994. Parece-nos que, devido ao receio de algum incêndio, apenas cortaram o mato que envolvia a capelinha de N.ª Sra. da Soledade. Apesar de tudo isto, têm-se feito algumas movimentações com o sentido da recolha de donativos para as obras de restauro do monumento do Coração de Jesus.

Capela levava-o a encarar o Monte das Mós numa perspectiva estética, cultural e até económica, tratando-se de uma região inóspita e abandonada. A espiritualidade em Martins Capela não se restringia aos aspectos mais marcadamente religiosos

Pelo conjunto de edifícios religiosos, o Monte das Mós está sacralizado e deverá estar livre de outras edificações ou obras. Qualquer obra num dos edifícios deverá ter em conta os restantes. Pelo que se pode observar e atendendo à história dos vários edifícios religiosos da freguesia de Carvalheira, o monumento do Coração de Jesus, a capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade e o calvário junto ao cemitério estão alinhados. Serve esta referência para dizer que qualquer plano de ordenamento do Monte das Mós deverá ser devidamente elaborado e pensado num geometrismo que poderá estar oculto, mas existente e imperceptível como convém a algo espiritual. Entre os vários edifícios deverá haver uma relação implícita para que o conjunto do monte das Mós resulte organizado, unitário e com sentido. O espiritual nunca se revela de uma só vez e de uma forma ostensiva.

APÊNDICE DOCUMENTAL

O Bom Jesus do Monte das Mós no *Diário* do Padre Martins Capela

1906/5/19 (Sabb.º) - [...] Voltei a casa do Sn.r Dr. Teixeira da Silva q. sempre me prometeu iria agora a Carvalheira, ida pela vinda. Não queria eu tantas presças, mas acceitêmos o q. vem.⁸⁹ [...]

1906/5/21 (2.ª fr.ª) - [...] Voltei hoje a procurar o am.º Dr. Teixeira da S.ª, mas estava p.ª o Porto. [...] Escrevi p.ª Carvalh.ª a meu irmão Alexandre,⁹⁰ annunciando a m.ª ida lá com o am.º R.º P. M.el Aguiar,⁹¹ no dia 29 do corr.e, se Deus quizer, bem entendido.

1906/5/25 (6ª fr.ª) - [...] Saio a comprar uns objectos de ferro p.ª Carvalh.ª, e de ahí (Chãos) subi a S. Vicentê a falar ao am.º P.º Adriano p.ª cavalgadura delle, em Covas, p.ª a Sn.ª Dona Maria, Teix.ra da Silva: Servido e de bõa-vontade. [...] Escrevi um postal ao [meu irmão] Alexandre, a prevenir p.ª a jornada. [...]

1906/5/26 (Sabb.º) - [...] Encomendei uns pequenos caixões ao carpinteiro p.ª acomodar encomendas p.ª Carvalheira, e tracta-se de os recolhêr p.ª marcharem, depois de ámanhã. Já dei uma volta p.ª isso e por lá anda agora o António 'das mercas'. [...]

⁸⁹ Martins Capela inicia os preparativos para, como refere, uma «passeiata» a Carvalheira, não explicitando no seu *Diário* a sua finalidade. Sabemos que Martins Capela receava que o seu já amadurecido «projecto das Mós» não tivesse concretização ou mesmo não fosse viável no local idealizado por ele. Para que os seus projectos fossem viáveis e para não haver dúvidas quanto ao seu valor, Martins Capela rodeou-se de alguns amigos para que o acompanhassem e aconselhassem. Um desses amigos foi o Dr. Eng.º João Teixeira da Silva (1867-1930) que viria a ser o principal projectista, architecto e engenheiro do monumento do Monte das Mós em Carvalheira.

⁹⁰ Alexandre Silvestre Martins Capela, agricultor, herdeiro da Casa de Silvestre, casa de família dos Martins Capela

⁹¹ Padre Manuel Martins de Aguiar, conceituado sacerdote bracarense, autor de uma significativa obra pastoral.

1906/5/27 (Dom.º) - [...] Despachei hoje p.ª Carvalh.ª pelo carro de Covas, a sair amanhã de manhã, 2 caixotes com viveres e outros objectos. Também estive de manhã com o R.º P. M.el [Martins de] Aguiar a dar a ultima demão á nossa projectada passeiata a Carvalh.ª, depois de amanhã. [...]

1906/5/29 (3.ª fr.ª) - Bom tempo, Deus bemdicto. De manhã p.ª o carro em S. Vicente e já lá estava o bom P. M.el Aguiar. [...]

1906/5/31 (5.ª fr.ª) - [...] Sempre passeio com o P.e Aguiar; não logro porém interessal-o no meu projecto. [...]

1906/6/1 (6.ª fr.ª) - [...] Depois do almoço vamos com o R.º Abb. [José Maria Martins] às Mós e na volta assenta-se ir á tardinha ficar a Covas o P. Aguiar p.ª seguir amanhã [para Braga]. [...]

1906/6/2 (Sabb.º) - Calôr sempre. Pelas 3h. da tarde apparecem cavalgando ao cruzeiro o Dr. Teixeira da Silva e a esposa [D. Maria de Ajudá Gonçalves Vieira]. M.to bem. Saí-lhes ao encontro, á porta da capella [da Casa de Silvestre]. Depois de jantar, subimos os tres ás Mós grandes, e o Teixeira da Silva trepou ao penêdo. Voltamos placidamente por Barreiros a casa.

1906/6/9 (Sabb.º) - [...] Em S. Barnabé conferenciei com o R.º P. Bento Rodrigues sobre o projecto das Mós ao S. Coração de Jesus.⁹²

1906/6/17 (Dom.º) - [...] Fui ao Paço hoje e encontrei no atrio o R.º P. José Baccellar q. encaminhei deante. Falei-lhe no projecto das Mós, e não me desalentou. Com o Senhor Arcebispo demorei pouco mais de uma hora, falando de varias coisas q. levava a despacho. [...]

1906/8/6 (2.ª fr.ª) - [...] Á tarde no outeiro [em Carvalheira] com o R.º Abb. e o primo Dr. [António] Salgado. Falamos do projectado monumento das Mós.⁹³

1906/8/19 (Dom.º) - Falo em nossa casa aos moradores de Paredes [Carvalheira], Ant.º Pisão e M.el Dias dos penêdos das Mós. Que daria resposta, o Pisão.

⁹² Esta é a primeira referência explícita ao projecto do monumento ao Sagrado Coração de Jesus a erigir no Monte das Mós em Carvalheira. Martins Capela sempre foi muito cauteloso na divulgação deste seu projecto e não dispensou os conselhos dos padres jesuitas. S. Barnabé era e é a designação da residência em Braga dos padres jesuitas.

⁹³ Martins Capela aproveita o seu tempo de férias para resolver os inúmeros problemas relacionados com a concretização do «projecto das Mós».

1906/8/23 (5.^a fr.^a) - [...] Com o R.^o Abb. fui ás Mós a falar com o João [Dias] Pisão q. cedeu promptamente e gratuitamente os penêdos e terreno d'elle indispensavel! Muito bem! e Deus seja bemdicto.

1906/8/26 (Dom.^o) - [...] No fim da missa, falo aos visinhos no projecto do monumento ao S. Coração de Jesus nas Mós. Nenhum mostrou opposição, antes todos sympathia e approvação. [...]

1906/9/25 (3.^a fr.^a); **26** (4.^a fr.^a); **27** (5.^a fr.^a) - Aproveitou-se o tempo favoravel p.^a as photographias dos penêdos das Mós e outras paysagens; tambem o retrato do João [Dias] Pisão e os grupos dos nossos de casa, item dos da [Casa da] Capella de Irvideiros; item o dos rapazes da doutrina etc. ⁹⁴ [...]

1907/1/14 (2.^a fr.^a) - [...] No passeio ordinario, depois de jantar, com o Sr. Dr. Agostinho ⁹⁵ passei á porta do Sr. Dr. Dr. Teixeira da Silva, onde deixei a photographia dos penêdos das Mós, como me elle ante-hontem recomendara. [...]

1907/3/10 (Dom.^o) - [...] Saí pelo meio dia a visitar em S.ta Cruz, e fui ao R.^o am.^o P. M[anuel Martins de] Aguiar a falar do nosso projecto das Mós. Aconselhou-me bem e com interesse a q. fosse ao P. Luis [Gomes da Silva], q. accetou a idéa de boa vontade e prompto p.^a fazer da sua parte. ⁹⁶ [...]

1907/3/11 (2.^a fr.^a) - [...] Chegaram por correio mais uma porção de photographias, vindas de Vianna: Accusei a recepção ao R.^o P. [Manuel Fernandes] Lopes. Saí a visitar em S.ta Cruz, e levei ao typographo o original p.^a o

⁹⁴ Cuidadoso, criterioso, sensível e muito atento, Martins Capela executava todas as acções de uma forma concertada. Fotografar os penedos do Monte das Mós e algumas pessoas de Carvalheira inseria-se num processo de congregar vontades, sensibilizar a população, recolher documentos fotográficos para divulgação na imprensa e arquivar a memória dos lugares e das pessoas. As fotografias foram executadas pelo «Padre Manuel Fernandes Lopes, director do Centro Catholico dos Operarios, de Vianna do Castello, emprehendendo generosamente e ás primeiras palavras de convite a penosa viagem, para photographar paizagens e pessoas com que illustrar os prospectos; e tudo sem receber um real de indemnisação.» (in *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., pp. 7-8.) No periódico católico *O Peltardo-Porto*, n.º 123, 1/8/1907, p. 4, são divulgadas duas fotografias, uma do Sr. João Dias Pisão e outra dos penedos das Mós.

⁹⁵ O P.e Dr. Agostinho de Jesus e Sousa (1877-1952), professor do seminário e inseparável companheiro de Martins Capela nos seus passeios diários, viria a ser bispo do Porto.

⁹⁶ Parece tratar-se de diligências de Martins Capela para formar a Comissão Promotora do monumento do Monte das Mós.

prospecto do monumento, concertando na disposição e escolha do papel, p.^a 1000 expl.[?] [...]

1907/3/15 (6.^a fr.^a) - [...] Fui ao Paço pelo meio dia a pedir a S. Ex.^a indulgencias p.^a os collectores de esmolos para as Mós [...]. [...]

1907/3/16 (Sabb.^o) - [...] entrei no Paço a cumprimentar o Senhor Arcebispo. Concedeu 100 dias de Indulgencias a cada um dos collectores de donativos p.^a o monumento em Carvalheira. Deus N. S. Lhe pague!

1907/3/17 (Dom.^o) - [...] Fui a casa do Dr. Juiz [António José de] Barros a pedir-lhe acceitasse a presidencia da Commissão [Promotora] do Monumento das Mós, cá em Braga. Aceitou de boa vontade. Agóra só me falta o Dr. Teixeira da Silva e o Antonio Maria, p.^a thesoureiro. [...]

1907/3/19 (3.^a fr.^a) - [...] Saí de manhã á typographia a recommendar a prova q. fôra p.^a lá. Chegou cá pelo meio dia e menos mal. Amanhã se pode fazer a tiragem. [...]

1907/3/21 (5.^a fr.^a) - [...] Tractei de ampliar e corrigir emendas do prospecto p.^a as Mós [...]. [...]

1907/3/25 (2.^a fr.^a) - [...] Tivemos a sessão inaugural da nova Commissão [Promotora] da obra das Mós, concorrida e animada, como não esperava[?] bemdicto Deus. Apenas faltaram os P.^{es} Luis Gomes [da Silva] e José [Rosendo Gonçalves] Arráes, por não estarem na terra. [...]

1907/4/2 (2.^a fr.^a) - [...] Depois do almoço vem o Mestre Moreira ⁹⁷ e pelo meio dia com o R.^o Abb.e fômos vistoriar o penêdo das Mós, onde subimos graças a uma escada de mão. Foi medida com fita metrica a superficie dos dois penedos e tomadas notas disso.

1907/4/4 (5.^a fr.^a) - [...] Reunião na sacristia [da igreja de Carvalheira], pelo meio dia, dos principaes da Commissão [Executiva] p.^a o monumento, a quem

⁹⁷ Mestre pedreiro António Moreira, natural de Espanha e residente em Covide, já tinha realizado trabalhos de diversa índole, nomeadamente tinha construído a capela da Casa Silvestre, a pedido de Martins Capela. Digamos que a obra de pedreiro do Monte das Mós surgiu na sequência das obras realizadas por Martins Capela e seu irmão Alexandre na Casa de Silvestre. O estilo, o trabalho da pedra e o seu assento é igual. O mestre António Moreira deixou obra em granito em todo o concelho de Terras de Bouro, como é o caso, segundo consta, do calvário dos Senhor dos Desamparados e de N.^a Sr.^a das Angústias em Covide.

vou expôr o estado das cousas, na presença do R.º Abbade. Pareceram-me bem dispostos, mormente os de Paredes.

1907/4/6 (Sabb.º) - [...] Em Chamoim, o Abb.e de lá, o de Covide (Arraes) o de Villar e dois de Pergoim. Poucos minutos me demorei q. estava a escorrer, e marchei com os rapazes p.ª Covas, onde cheguei antes das 11h. Mudamos de roupa todos, e mandei recado ao R.º P. Adriano. ⁹⁸ Vieram da casa da[?] Camara[?] á hospedaria os bons padres q. apesar da manhã de inverno não deixaram de comparecer, e muito animados, Deus N. S. seja louvado. Estavam os Parochos de Moimenta, de Santa Isabel, de Souto, da Balança, da Ribeira com o[?] R.º P. José Bernardo de Freitas, o de Choreense (P. Arthur) ⁹⁹ e afinal chegou o de S. Pedro de ValleBom. Falamos do assumpt.º e mais falaríamos se o cocheiro não obrigasse a partir. Viemos muito bem com o Custodio [Gonçalves] do Paço [de Villar], esposa e o filhinho José Vicente ¹⁰⁰ até Braga. *Te Deum laudamus.*

1907/4/18 (5.ª fr.ª) - [...] Tenho hoje reunião dos Seminaristas p.ª lhes propôr a obra das *Mós*, ahí ás 8^{3/4}. [...]

P.S. Lá tive a reunião dos Seminaristas, q. me escutaram de boa-vontade sobre o projecto do monumento ao SS. Coração de Jesus. Permitta Elle q. seja p.ª Sua maior honra e gloria!.

1907/4/19 (6.ª fr.ª) - [...] Á noite, 7h. reunião em q. se tomaram varias resoluções praticas, presidida pelo Dr. Teixeira da Silva.

1907/4/20 (Sabb.º) - [...] Despachei hoje alguns prospectos e escrevi, respondendo, a meu Tio Dr. M.e.l, ¹⁰¹ no Porto; tambem uns cartões ao Dr. Antonio, ¹⁰²

⁹⁸ O P.º Adriano José Gonçalves de Campos era o presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro, eleito na lista do Partido Nacionalista no dia 6/11/1904.

⁹⁹ Julgamos tratar-se do P.e Artur Augusto de Araújo Aguiar (? - 1954?), natural de Choreense (Casa do Bário) — Terras de Bouro e irmão do Dr. Custódio José de Araújo Aguiar (1847-1916?) que foi presidente do Centro Nacional de Terras de Bouro. O P.º Artur Aguiar foi presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro, integrado na lista do Centro Nacional, pelo acto eleitoral de 3/11/1901. Consultar o artigo «A Casa do Bário» que publicámos no Geresão-Gerês, 20/10/1994, p. 12.

¹⁰⁰ José Vicente Taveira da Silva Catalão foi um destacado advogado bracearense sempre muito ligado a Terras de Bouro.

¹⁰¹ Manuel José Dias Salgado e Carneiro (1832?-1911), tio materno e inexcédível conselheiro e colaborador de Martins Capela, foi Juiz Desembargador e Presidente da Relação do Porto (1909-1910). Ver artigo que publicámos no jornal *Geresão-Gerês* em 20/7/1994, p. 14.

¹⁰² Sobre o cónego Dr. António José Pires Dias de Freitas, ver a nota 73 deste trabalho.

[pároco] de Adaúfe e ao Dr. Paulo Marcellino,¹⁰³ no Porto. Para q. ninguem fique esquecido, mesmo d'aquelles com quem não tenho relações actualmente. E oxalá q. ellas se reatassem por esta via, mas é pouco provavel. Enfim a vontade de Deus seja feita. Tambem foi prospecto ao Dr. João A.[António] Pereira,¹⁰⁴ em Pinhel, e ao João da Silva (Caqueiro) em Estremoz. Pouco poderão, mas sam da terra, e excellentes caracteres ainda em cima. Amanhã, querendo Deus, despacharei em mór quantidade, q. é tempo agora de atacar com a nossa diligencia; *incrementum autem dat Deus*.

1907/4/21 (Dom.º) - [...] Continuei hoje a despachar prospectos aos endinheirados das nossas relações, a ver se algo recolhemos. [...]

1907/4/23 (3.ª fr.ª) - [...] Enviei prospectos aos Ex.s Sr.s Bispos do norte e centro do paiz. amanhã, querendo Deus N. S. irão p.ª a nossa imprensa. O R.^{mo} P. [António Borges] Vieira, de S. Barnabé¹⁰⁵ donde venho agora, incita-me a escrever p.ª o Portugal.¹⁰⁶ Pois vamos indo, com Deus. [...]

1907/4/24 (4.ª fr.ª) - [...] Despachei alguns prospectos p.ª a imprensa jornalística: ao 'Portugal', 'Mens. do C. de Jesus', 'Voz de Santo Antonio' e 'União Nacional'. Amanhã irá p.ª a 'Palavra', querendo Deus, a ver o que de ahí sairá. [...]

1907/4/25 (5.ª fr.ª) - [...] Foram hoje mais prospectos p.ª os jornaes catholicos e p.ª parochos, de Guim.s. [...]

1907/4/26 (6.ª fr.ª) - [...] Carta do meu Tio Dr. Juiz subscrevendo com 10\$ r. p.ª o monumento. Gracias! Da collecta dos seminaristas resultou em din.º de contado 9\$035 r.s além de muitas listas de 20 r. q. tomaram p.ª mandarem p.ª suas ter-

¹⁰³ O Dr. Paulo Marcelino Dias de Freitas, natural de Carvalheira (Paredes), foi, pelo acto eleitoral de 19/10/1879, deputado da nação e foi também Director e Lente do Instituto Industrial e Commercial do Porto. Segundo Tude de Sousa (*Serra do Gerez*, Porto, 1909, pp. 90-91), o Dr. Paulo Marcelino Dias de Freitas e o Dr. Ricardo de Almeida Jorge assinaram um contrato de adjudicação das águas do Gerês em Dezembro de 1888.

¹⁰⁴ Conceituado médico natural de Carvalheira.

¹⁰⁵ O P.º (S.J.) António Borges Vieira foi director espiritual de Martins Capela.

¹⁰⁶ Segundo algumas informações, Martins Capela, para além de colaborar no *Portugal* com vários artigos assinados, foi o autor da «Carta de Braga» publicada neste jornal católico a partir de 3/7/1907 e até, possivelmente, com alguns interregnos significativos, Abril de 1908. Julgamos que, devido às mudanças introduzidas pelo regicídio de 1/2/1908, a colaboração jornalística de Martins Capela se alterou.

ras. Para estreia já não [é] mau, bemdicto seja Deus. Agora tracto de sobrescriptar os convites impressos p.^a as reuniões entre os parochos de riba d' *Horem*. em Amares e Villa Verde. E assim vamos, com Deus.

1907/4/28 (Dom.^o) - [...] Fomos, com P. Camillo [José de Sousa] e Dr. Teix.^a da Silva ao Sr. Adelino Arantes q. nos recebeu m.to bem, mostrando-nos a sua acceiadissima vivenda, e q.to a cobres q. se reservava ver como ia a subscripção, depois se explicaria. Bem está, e faça-se a vontade de Deus. N'Elle espero q. com cabedaes recolhidos ou com as migalhas proprias, pelo menos o pilar e uma cruz de pau a verei ainda ...

1907/4/29 (2.^a fr.^a) - [...] Enchi prospectos e sellei-os mais os convites p.^a as reuniões do dia 2. O *Portugal* annuncia e transcreve o q. lhe mandei ha dias. Carta edificante do velho am.^o Dr. [João António] Pereira e donativo de 2\$500 r.; item donativo (promessa) de 10\$000 r. do Corrêa, Abb. de S. João de Vizella. Bravo!

1907/4/30 (3.^a fr.^a) - [...] Trouxe a *Palavra* extractos do prospecto, com artigo provavelm.^{te} do M.^{el} Barrôso. Agora me dá os parabens o R.^o P. [António Borges] Vieira S.J. [...] Espalhei pelo correio mais prospectos.

1907/5/1 (4.^a fr.^a) - [...] Meu tio [Dr. Manuel José Dias Salgado e Carneiro] mandou vale de 10\$ r. p.^a a subscripção: já cobrei com os 2\$500 do [Dr. João António] Pereira. Entregarei ao thesoureiro, logo q. tenha os recibos do talão, impressos. Paguei na typographia, dos impressos para a obra do monumento 13\$900 r. mais 500 r. de uns cartões meus. Estam dispostas as cousas p.^a irmos amanhã, com P. Camillo e Dr. Teixeira da Silva, ás conferencias parochiaes, por *Amares e Villa Verde*. Deus N. S. nos ajude, p.^a Sua mór gloria. Amen.

1907/5/2 (5.^a fr.^a) - [...] Saímos pelas 7³/₄ h. m. o P. Camillo e eu num *landeau* á corrida preparada. Faltou o Dr. Teixeira da Silva por embaraço de serviço inadiavel. As 9¹/₄ em Fiscal, residencia parochial. Apenas nos esperavam os R.^{os} Parochos de Tôrre e o de Sequeiros, além do dño da casa. Falamos brevemente, vista a circumstancia do pequeno numero. O P.e Machado promette 10\$000 r. por uma só vêz. Em Coucieiro ás 11h. Só o parochio estava: depois mais 5 q.^o[?] se falou mais longamente, depois de jantar a q. me convidou o bom do Abb. Freitas: As 2h.¹/₂, tarde, em S. Pedro de Esqueiros. Aqui, p.^a termos tres incluindo o Abb. p. M.el de Sousa, foi *preciso* marral-os pouco fóra de Villa Verde. Bonitasita[?] é a[?] de Esqueiros e ampla igreja e residencia. Tambem disse em poucas palavras aos tres e depois de um beberête, fizemo-nos de volta com o P. Camillo e os dois, de G[...?] e de Villa Verde, q. fômos largando a proposito. Á tardinha em Braga e sem novidade, graças a Deus.

1907/5/7 (3.^a fr.^a) - [...] Chegaram, do Ex.^o Sr. Dr. Coêlho da Silva 5.000 r. (promessa) e do José de Menêzes, ¹⁰⁷ Vinhal 3000 r. por elle e filhos, já realisada. E assim vai pouco a pouco, Deus seja louvado! a nossa modesta subscripção. Na *Palavra* de hoje o P.^e Pires Lages, de Arentim lançou um art. encomiastico da idéa, algo exagerado, mas bem intencionado. ¹⁰⁸No meu *livro da razão* comecei hoje a descrever as verbas promettidas e recebidas até agora, e sobram-me no cofre 1000 r. q. não sei a q.m attribuir.

1907/5/8 (4.^a fr.^a) - [...] Cheguei promessa de 10\$ r. do P. Laurentino. Acertei a conta do din.^o apurado da subscripção com os recibos respectivos e entreguei-a ao P. Luis [Gomes da Silva] p.^a passar ao thesoureiro, Ant. M.^a [de Araújo] q. não encontrei em casa. Mandeï prospectos aos P.^{es} Lajes e Martins [...]. [...]

1907/5/13 (2.^a fr.^a) - [...] Estou resolvido a mandar os trinta mil reis ao [meu irmão] Alex.e; e em paga passará um titulo da servidão pela bouça delle p.^a as Mós, como já tinha cedido a titulo gratuito. Bem falta me fazem os cobres, mas Deus N. S. dará remédio a seu tempo. [...] Expedi hoje os convites aos R.^{os} Parochos de Amares p.^a a reunião depois de ámanhã. [...]

1907/5/15 (4.^a fr.^a) - [...] Fomos a Amares, o P. Camillo e eu, e choveu-nos sempre p.^a lá e p.^a cá, bemdicto seja Deus! Apareceram dos 16 ou 17 convidados, 4 apenas: os de Amares, de Goães, de Dornellas, de Caires e o P.^e José Azevedo, de Ferr.os. Distribui os impressos e depois de palestrarmos sôbre o caso e outros, fizemon'os de volta. Ao P. João ¹⁰⁹entreguei os 30\$ rs. pedidos pelo Alex.^e: escreverei amanhã, se poder.

1907/5/20 (2.^a fr.^a) - [...] Á noitinha fui com o P. Camillo a casa do Dr.Teixeira da Silva a pedir o *croquis* do monumento p.^a o dia 29 deste, em q. verei se posso ir p.^a cima [(Carvalheira)], por a Ribeira de Soás. ¹¹⁰ [...]

1907/5/26 (Dom.^o) - [...] Trouxe-nos hoje o nosso am.^o Dr. Teixeira da Silva, o esbôço do monumento das Mós. Verêmos se será conveniente modifical-o, tirando-lhe á altura da coluna. [...]

¹⁰⁷ Comendador José de Azevedo e Menezes Cardoso Barreto, senhor da Casa do Vinhal (Famalicão), foi presidente do Município de Famalicão e destacado elemento do Partido Nacionalista.

¹⁰⁸ «Jesus Senhor no Monte das Mós», *A Palavra*, Porto, n.^o 273, 7/5/1907, p. 1, col.8.

¹⁰⁹ Trata-se do P.^e João Hipólito Martins Capela (1861-1933), irmão de Martins Capela e pároco de Goães-Amares.

¹¹⁰ O antigo concelho de Ribeira de Soás está hoje integrado no de Vieira do Minho.

1907/5/29 (4.^a f.^a) - [...] Saí de manhã às 7h. numa viatoria[?] para a ponte de Riocaldo [...]. Às 9 menos 10 min. em Goães, onde me esperava o P. João [Hipólito Martins Capela]; às 11 em Valdozende, depois de breve demora em Bouro. Alli entrou o rev.^o Abb. Rodrigues até á ponte, onde já estava o Abb. de Riocaldo e de S. João da Cova, com a egua aparelhada p.^a eu montar; q. aliás agradei mas não acceitei. Lá concorreram além destes os Ex.^{os} Abb.^{es} de Caniçada, de Taboças, e o Mattos de Lourêdo mais o P. Almeida, de Villar. Depois de palestrarmos sobre o assumpto, deu-nos opiparo jantar o R.^o P. Antonio Carlos Pereira, parcho de S. João, q. nos acompanhou com o de Caniçada até *Eirós*[?]. Á ponte de Riocaldo em Villar, eram 4h. e batemos de volta, deixando em Valdozende o Abb.^o q. me entregou o seu donativo de 5000 r. Às 9h. estava em Braga, Deus louvado para sempre. Optimo serviço de transporte!

1907/6/8 (Sabb.^o) - [...] Recebi do R.^o abbade de Famalicão 1500 r. p.^a o monumento. Tivemos ás 7h. t. sessão da comissão em q. se discutiu vivamente o projecto do monumento. Ficou o am.^o Dr. Teixeira [da Silva] apresentar outro p.^a afinal nos decidirmos entre os dois. Apareceu ahi mêsmo a proposito o meu primo Dr. Ant.^o Salgado e assistiu á sessão. Também se acordou em convidar p.^a vogaes os patricios Sr.^s Adelino Arantes, P.^c Barreto e P. Esteves. Amanhã irêmos a isso; o D.^r Juiz [António José de] Barros e eu. [...]

1907/6/9 (Dom.^o) - [...] Por volta das 11h. fui com o Dr. Juiz Barros a convidar p.^a aggregar á Comissão os cavalheiros P.^c Martins Barreto, professor e reitor do Lyceu, o capitalista Adelino Arantes e o P. Francisco Esteves, parcho commendado de S. Lazaro, q. todos de boa-mente acceitaram. [...]

1907/6/26 (4.^a fr.^a) - [...] Apareceram aqui hoje o Abb. de S. João das Caldas, q. deixou a importancia da sua subscrição, 10\$ r., e o Abb.^o de Arco de Baulhe, P. Pereira, do Souto, q. subscreveu e pagou 2\$500 r. [...] [Carta] do nosso Abb. de Carvalho, annunciando estar legalizada por parte do meu irmão Alexandre e do João Pisão, a cedencia de terrenos e servidões p.^a o monumento. Muito bem, e graças a Deus.

1907/7/5 (6.^a fr.^a) - [...] não fui ainda hoje levar ao thesoureiro Araujo (Ant.^o Maria) os dinheiros q. tenho cá.

1907/7/7 (Dom.^o) - [...] Mandeí p.^a a *Palavra* uma nota de subscrição p.^a o monumento [...]. [...]

1907/8/7 (4.^a fr.^a) - [...] Expedi hoje impressos e postaes p.^a o Gerêz. Também escrevi ao meu ir. José [Manuel Martins Capela] a recomendar-lhe a ida ás Caldas [do Gerês] com o R.^o Abb. e o Amasco[?], a vêr se recolhem por lá algum donativo. [...]

1907/8/14 (4.^a fr.^a) - [...] O acontecimen.to do dia foi a nova planta q. p.^a o monumento ao SS. C. de Jesus, nas Mós, mandou o am.^o Dr. Teixeira da Silva. Estou muito contente com a obra. Já lhe escrevi p.^a a quinta da Graça a agradecer. [...]

1907/8/15 (5.^a fr.^a) - [...] Fiz convites aos da comissão do Monumento p.^a reunião ás 7h. t. com o fim de lhes apresentar o trabalho do Dr. T. da Silva, mas apenas compareceram P. Luis e P. Camillo. Assim mêsmo dei por approved o projecto, e devolvi-o ao seu auctor, p.^a o completar ou desenvolver.

1907/9/2 (2.^a fr.^a) - [...] Saí de manhã, a recados meus. [...] ao marmorista Teixeira a falar do projecto da estatua p.^a as Mós [...]. [...]

1907/11/9 (Sabb.^o) - [...] Hontem recebi 200 r. de um de Famalicão p.^a o monumento e hoje 2\$000 do P. Camillo, subscrição popular em Braga, p.^a o mêsmo. Contento por me parecer resolvido o problema do transporte da estatua, indo pela Geira a cargo das freguezias confinantes, q. por certo não recusarão uma *pou-sa* ao transporte; tam sympathico é. [...]

1908/1/5 (Dom.^o) - [...] Foram no correio de hoje p.^a Suas Majestades ¹¹¹ prospectos p.^a donativos a favor do monumento das Mós, q. fui segurar no Correio Geral. [...]

1908/2/9 (Dom.^o) - [...] Hontem á noite trouxe cá o Sr. Dr. Teixeira da Silva o projecto desenvolvido do monumento p.^a a gente ver. [...]

1908/2/10 (2.^a fr.^a) - [...] Voltei depois do almôço ao Dr. Teixeira da Silva, q. espera q. até meados de junho será lançada a 1.^a *pedra*, a q. elle virá assistir mais a Sn.^a espôsa, do Gerêz. Bem está. Vai mandar desenhar p.^a tella o projecto, e orçal-o. [...]

1908/2/12 (4.^a fr.^a) - [...] falei ao Dr. Teixeira da Silva, q. espéra pelo desenhista hoje e diz q. será obra de 2 dias. Tomara eu cá isso fóra. [...]

1908/2/23 (Dom.^o) - [...] Hontem á noite trouxe cá a planta em duplicado e em tella encerada, o am.^o Dr. Teixeira da Silva com as medições e condições de arrematação, p.^a ser presente ao Cachada e depois irá p.^a o Gerêz aos mestres de lá. Vou escrever p.^a isso ao mestre Antonio Moreira, de Covide. Tivemos sessão da comissão [promotora] e ficou approved a idéa do lançamento da 1.^a pedra em fins de maio ou principios de junho, e entretanto activassemos a subscrição.

¹¹¹ Devido ao regicídio de 1/2/1908, Martins Capela nunca haveria de receber qualquer resposta ou donativo da Casa Real Portuguesa.

Estiveram o Dr. Juiz Barros, o Dr. Teixeira da Silva, os R.^{os} P.^{os} Aguiar, Barrêto e Esteves, mais o Adelino Arantes: correu animada a discussão. [...]

1908/2/24 (2.^a fr.^a) - [...] Fui depois á rua do Souto a levar a encaixilhar a planta das *Mós*. Disseram-me que virá depois de amanhã com os dois retratos. Pois sim. [...]

1908/3/1 (Dom.^o) - [...] Falei ao am.^o Dr. Teixeira da Silva, q. me diz ter mandado o projecto das *Mós* p.^a o Gerêz, com as precisas recommendações. [...]

1908/3/8 (Dom.^o) - [...] Chegou carta do R.^{mo} Sr. Dr. Fr. J.[?] da Trindade dizendo q. o R.^o P. Fr. [Manuel das] Chagas poder vir prégar no dia 31 de maio, á 1.^a pédra do monumento. *Te Deum laudamus!*

1908/3/10 (3.^a fr.^a) - [...] Dr. Teixeira da Silva entregou-me a planta-projecto, devolvido do Gerêz sem lançamento de ninguem. [...]

1908/3/15 (Dom.^o) - [...] Carta do mestre Moreira, Antonio, dizendo q. sim q. recebera a m.^a carta e vira a planta no Gerêz com o irmão, e mais q. este está p.^a Hespanha e a obra é grande, e precisa porisso de estudo. Que no dia da arrematação virá, etc. Tantos vagares porém não nos dam grande arranjo. [...]

1908/3/17 (3.^a fr.^a) - [...] O Cachada mandou-me pelo filho pequeno o projecto, sem mais nada! E que tal? De modo q. os homens 'estam biqueiros', como lá dizem na m.^a terra. Talvez receiam fallencia da emprêza, ou procuram melhores condições p.^a arranjos. O q. Deus quizer! Irêmos vendo e andando. Hoje veio cá o Sr. Adelino Arantes trazer-me os papeis q. lhe lá deixei hontem; notando-me q. careciam de reconhecimento os documentos. Foram já no correio de hoje ao Simões, de Covas, a ver se m'os manda promptos quanto antes. [...]

1908/3/25 (4.^a fr.^a) - [...] Escrevi uma carta ao mestre Moreira sobre as obras das *Mós*, convidando-o a apostar por cada metro cúbico, segundo instrucções do Dr. Teixeira da Silva. De tarde recebi carta do nosso R.^o Abb. de eleições, da obra com o Mestre Moreira, como lhe tinha pedido ha dias.

1908/4/11 (Sabb.^o) - [...] Apareceu de manhã o mestre Cachada com a planta q. deixou e foi em procura do Dr. Teixeira da S.^a. Depois veio o Manuel Moreira, do Gerêz, um[?] assustado com o Engenheiro. Quando tractava de lhe desvanecer as apprehensões voltou o Cachada e falamos os tres, lendo eu as bazes do concurso. Foram depois conferenciar com o T. da Silva e voltaram depois das 2. h t. O Engenheiro não acceta o regimen de jornal q. o Mor.^a propunha, senão p.^a alisar a fraga e pouco mais. Levou o Mor.^a a planta p.^a a estudar e o Cachada irá a Carvalheira ver o local, onde se encontrará com o colega. Deus N. S. nos

ajude. Também aqui voltou o Dr. Ant.º Salgado [...]. [...] Paguei ao Mestre Moreira 1\$200 r. p.ª o carro do Gerêz e volta.

1908/4/13 (2.ª fr.ª) - [...] Foi um postal ao am.º Dr. Bivar ¹¹² p.ª lhe pedir informação de uma pousada por alguns dias, em Lisboa. ¹¹³

1908/4/15 (4.ª fr.ª) - [...] Fui ao vidraceiro buscar a planta encaixilhada p.ª a dobrar e accommodar na pasta, q. ficou hoje prompta pelo mestre Villaça com uma capa de tella e fitas, e menos mal. Paguei 500 r. por isso. [...]

Fui hoje ao Senhor Arcebispo, a Lhe communicar o meu pensamento de ir a Lisbôa agora nas férias, e pedir-Lhe consêlho sobre cousas a isso attinentes. Sempre amavel e delicado, como de costume.

1908/4/17 (6.ª fr.ª) - [...] Saí [...] e a caminho do Monte de S. Gregorio, entrei ao bom Mons. Airoza ¹¹⁴ q. está de cama e assim mêsmo me recebeu, p.ª me dar informação q. lhe pedi, de como haver-me em Lisboa no peditorio. É um santo. [...]

1908/4/18 (Sabb.º da Alleluia!) - [...] Parece q. irei na 4.ª f.ª, no rapido, a sair de Braga ás 6.h m. e chegando a Lix.ª pelas 2.h tarde, segundo m'informaram na Central. Parece-me demasiada rapidêz... [...]

1908/4/21 (3.ª fr.ª) - [...] Depois de todas as voltas e cuidados, desde ha mais de 15 dias, resolvido á ultima hora adiar a ida a Lix.ª Estam por lá turvados os ares e pensam as pessoas prudentes não ser occasião p.ª o intento. Por cima sobrevem a noticia de q. os pedreiros, Cachada e Moreira nada fizeram do promettido: Ir ver a obra nos dias santos e darem em seguida sua tenção, cada um por si. De modo q. não posso ausentar-me, sob pena de tudo ficar sem decidir. Parece-me q. o tal Sr. M. Moreira me sáe menos correcto. Escrevi agora um outro [cartão?] ao Senhor Arcebispo, outro ao R.º Campo Santo [S.J.], dando conhecimento da m.ª mudança de resolução. [...]

1908/4/24 (6.ª fr.ª) - [...] Escrevi uma carta ao nosso Abb.º acerca do contracto com os pedreiros q. deve ser no dom.º 26 em Carvalh.ª e aos dictos p.ª lá

¹¹² O Dr. Artur Bivar (1881-1946), formado pela Universidade Gregoriana, foi um dos mais destacados jornalistas, polemistas e activistas católicos do seu tempo.

¹¹³ Martins Capela preparava-se para ir a Lisboa fazer contactos em ordem à recolha de donativos para o monumento do Monte das Mós.

¹¹⁴ Mons. João Pedro Ferreira Airoza (Braga, 20/12/1836-Braga, 25/9/1931) foi fundador e director da *Casa d'Abriço* (1869) — *Colégio de Regeneração* (1874) de Braga. Em 1969 — 1.º centenário — este instituto passou a ser designado, em homenagem ao seu fundador, *Instituto Monsenhor Airoza*.

comparecerem. Depois recebi carta do Abb. a dizer q. o M.e'l Moreira foi lá, e achou q. o penêdo se não presta para a obra! Que vá lá o engenheiro etc. E esta agora? Procurei logo o Dr. Teixeira da Silva q. quer q. escreva dizendo-lhes q. recuem a collocação da base e cortem no pênedo p.^a baixo até encontrar largura suff.e Assim farei ámanhã, mas pouco ou nada adiantaremos por meio de cartas. Lembrou-me ir lá ficar ámanhã p.^a ver isso; mas temo o tempo desabrido, já não conto com forças p.^a extraordinarias fadigas. Assim tolhida vai a nossa festa inaugural. Paciencia!

1908/4/25 (Sabb.º) - [...] Escrevi uma carta ao mestre M. Moreira, Gerêz, e um postal ao R.º Abb.: tudo attinente á obra das Mós, e tudo será pouco p.^a metter a caminho os homens e as cousas, se Deus N. S. não ajudar com a Sua graça. Foi tambem um telegramma ao pedreiro, a prevenil-o da carta. [...]

1908/4/29 (4.^a fr.^a) - [...] Veiu carta do mestre M. Moreira do Gerez, q. pouco adianta. Tinha escripto ao nosso Abb.e, pondo já o problema de não pudermos lançar a 1.^a pedra no dia 31 de maio proximo. [...]

1908/5/6 (4.^a fr.^a) - [...] Em casa, 2 cartas, do nosso Abb. de Carvalh.^a uma, outra do meu primo Dr. Salgado, ambas ácêrca da óbra das Mós. Á tardinha saindo com o Dr. Agostinho [de Jesus e Sousa], deixei-as em casa do Dr. Teixeira da Silva.

1908/5/9 (Sabb.º) - [...] Escrevi ao R.mo Sr. Dr. Fr. João da Trindade, annunciando q. não haveria a cerimonia da 1.^a pedra, nas Mós. Fallei depois com o am.º Dr. Teixeira da Silva sobre o caso. Diz não pode ser alterado o projecto, como lembrou o Dr. Salgado, querendo a dupla escada, indispensavel p.^a o serviço do publico. Bem está. [...]

1908/6/8 (2.^a fr.^a) - [...] Apareceu hoje [...] o Mestre Moreira do Gerêz, a falar da obra das Mós, aonde irá, segundo diz, com o Dr. Teixeira da Silva q. lá tem no seu hotel. [...]

1908/6/15 (2.^a fr.^a) - [...] Chegou carta do am.º Dr. Teixeira da Silva, dizendo da ida ás *Mós* com o am.º Antonio Maria de Araujo, thesoureiro da Commissão [Promotora]. Sairam ás 10h. e voltaram ás 4 t., debaixo de um torrêsmo de calôr, e talvez sem um caldo de gallinha. Esperavam-n'os o Dr. Salgado com o R.º Abbade e os Moreiras, pedreiros. Resolvido começarem as obras a jornal, pelo socalco. Mandeí esta carta com vista ao nosso presidente, Dr. Antonio [José] de Barros.

1908/6/28 (Dom.º) - [...] Cá tivemos no nôvo salão [...] a festa da academia das associações Marianas do Reino p.^a cobrar o quinquagenario das aparições de

Lourdes. O salão, apesar de vasto não pôde conter metade da gente. Falaram o R.º P. Joaquim Campo Santo [S.J.], ¹¹⁵ o Dr. Mendes Lages, ¹¹⁶ de Lx.ª, e o Dr. Sousa Gomes [...]. Eu tive de dizer poucas palavras [...] a favôr da obra das *Mós* e saí depois não ouvindo o reitor. Os nomeados m.to bem, principalissimam.te o Dr. Sousa Gomes. A guita mansa rendeu 34\$ e tantos reis. [...]

1908/7/7 (3.ª fr.ª) - [...] Escrevi ao R.º Abb. ácêrca da obra das *Mós* [...]. [...]

1908/7/9 (5.ª fr.ª) - [...] Do nosso abbade uma cartinha dizendo q. fôra um cantoneiro intimar intimar [sic] a gente da obra das *Mós* q. já principiou, ¹¹⁷ a tirar uma licença pelo chefe dos cantoneiros de Bouro etc. Foi como vista ao nosso Dr. Teixeira da Silva. [...]

1908/7/19 (Dom.º) - [...] Veiu carta do nosso R.º Abb., contando das diligencias do cantoneiro do Gerêz e q. lhe pagou 2.000 r. pela licença p.ª a obra das *Mós*. Irá com vista ao Dr. Teixeira da Silva, logo na Conferencia. [...]

1908/7/21 (3.ª fr.ª) - [...] Escrevi hoje á Senhora Duqueza de Palmella ¹¹⁸ a carta, já de ha muito resolvida a favor da obra das *Mós*. Pouca esperança tenho em ser attendido, mas na ordem dos pedintes nunca ninguem perdeu. Escrevi o mesmo, ou quasi, ás Megestades nos primeiros dias do anno a lembrar q. celebrassem a festa dos Santos Reis Magos enviando um donativo. Não tive resposta, talvez porq. a horrorosa tragedia do 1º de fevereiro [de 1908] ¹¹⁹ lhes cortou a palavra. Certo é q., antes de um mês andado, dizia eu tres missas por alma do defunto Rei e do Principe Real! Altos sam os juizos de Deus!!...

A carta foi registada. Escrevi tambem a Mons. Elviro[?] dos Santos e ao Sr. Tude, ¹²⁰ do Gerêz. E ainda fiquei em falta de outras, q. irão amanhã, querendo Deus.

¹¹⁵ Director da Revista *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, órgão mensal do apostolado da Oração.

¹¹⁶ O Dr. António Mendes Lages (1838-1916), médico, entrou na Companhia de Jesus em 12/11/1908. Foi destacado jornalista católico e dirigente nacional do Nacionalismo Católico — Partido Nacionalista.

¹¹⁷ Obras de preparação dos penedos e de levantamento dos toscos muros laterais de suporte, iniciadas a 30/6/1908.

¹¹⁸ D. Maria Luísa Domingas de Sales e Borja de Assis de Paula de Sousa Holstein (1841-1909), 3.ª Duquesa de Palmela, foi uma católica e uma benemérita de reconhecidíssimos méritos.

¹¹⁹ Regicídio (D. Carlos I e príncipe Luis Filipe) no Terreiro do Paço — Lisboa.

¹²⁰ Tude Martins de Sousa foi regente florestal da mata do Gerês de Setembro de 1904 a Abril de 1915. Consultar a sua obra *Gerez*, Coimbra, 1927, pp. 115 e 220-221.

1908/8/11 (3.^a fr.^a) - [...] Chega o Thomé de Soutello com um bilhete do R.^o Abb. p.^a q. lhe mandasse 100\$000 r. p.^a a obra, e assim fiz. [...]

1908/8/13 (5.^a fr.^a) - [...] Saí pelas 11h. a procurar o Dr. Teixeira da Silva na repartição das Obras publicas, ao Cunha Reis, mas não estava. [...]

1908/8/14 (6.^a fr.^a) - [...] Vim pelo Antonio Maria Araujo com 2 recibos q. passou o Teixeira da Silva, com[o] Vice-Presid.e (na ausencia do Presid.e) p.^a eu cobrar 200\$ reis q. adeantei p.^a a obra das *Mós*. Não estava em casa.

1908/8/17 (2.^a fr.^a) - [...] Depois appareceu aqui o nosso Abb. [de Carvalheira José Maria] Martins e falamos de tudo, principalmt.e das *Mós*. Entreguei-lhe para as obras mais 60\$ reis. Do thesoureiro levantei: 200\$ q. tinha adeantado, e apenas lá ficaram 188000 r. Estamos sem dinheiro, mas Deus N. S. nos ajudará. [...]

1908/8/23 (Dom.^o) - [...] Recebi carta por ordem da Snr.^a Duqueza de Palmella pedindo desculpa da demora (de 21 de junho) e escusando-se do pedido [de execução do modelo da estátua] por motivos de doença. Escrevi ao Secr.^o agradecendo: Doutra banda me virá o remedio, querendo Deus N. S. [...]

1908/9/19 (Sabb.^o) - Pelas 5¹/₂h. m. saí numa égua alugada caminho de Lindôso, mas não passei de Britello por falta de forças p.^a o resto do caminho, 30 kil. ao todo, p.^a cima e outro tanto p.^a baixo. Fui procurar os R.os parochos de Britello, S. Miguel e Sant'Iago de Villa-Chã, inculcando a obra das *Mós*. Deu-me o 2.^o destes 2.000 r. p.^a ella. Regressei pelas 4¹/₂ t. á Barca, de todo fatigado. ¹²¹

1908/10/3 (Sabb.^o) - [...] Fui em seguida a S. Barnabé, ao R. P.e Campo Santo [S.J.], e na volta tornei a encontrar meu primo Dr. Antonio Salgado q. já tinha visto aqui no campo de Sant'Iago. Entrou comigo e falamos muito da obra das *Mós*. Convenceu-me de q. seria accertado adoptar a emenda dele ao projecto, p.^a evitar a obra de escadório da rectaguarda. Veremos o q. diz o Dr.Teixeira da Silva. ¹²² [...]

¹²¹ Martins Capela apresenta-se, nesta sua odisseia a favor do monumento do Monte das *Mós*, como um apóstolo integral e um lutador generoso. Cavaleiro andante, D. Quixote, incansável penitente pelos ideais que sempre foram a sua única razão de ser e de penar. As dificuldades faziam crescer nele a vontade indomável de vencer, convencido que estava da legitimidade e justeza da sua missão. Como arqueólogo, latinista, neotomista e nacionalista católico outro tanto se poderá dizer.

¹²² Pode dizer-se que ainda hoje são visíveis os desencontros no projecto de edificação do monumento uma vez que as ligações entre o escadório lateral e o pilar central apresentam, hoje, fissuras dignas de atenção e de cuidados.

1908/10/9 (6.^a fr.^a) - [...] Pelas 11h. fui visitar o am.^o Dr. Cunha Guim.s,¹²³ com sezões, na cama ha dias. De lá vim pelas obras publicas a consultar o Dr. Teixeira da Silva sôbre a variante da escada unica no monumento das *Mós*, proposta pelo Salgado, mas nada feito. Ainda voltarei ao ataque, na 1.^a occasião. [...]

1908/10/12 (2.^a fr.^a) - [...] Fui outra vêz ao Dr. Teix.^a da Silva a lhe falar na variante do Salgado, q.to á escada interior do Monumento; mas nada fiz e parece q. elle tem razão. Escreverei ámanhã ao Abb. [...]

1908/10/19 (2.^a fr.^a) - [...] Antes do jantar appareceu o Mestre Ant. Moreira, e assentamos numa entrevista com o Dr. T. da S.^a agóra ás 7 t., p.^a o q. escrevi um bilhete a êste, pedindo comparencia no Semin.^o [...] ás 7 1/2 intrevista do Mestre Moreira com o Dr. T. da Silva, sobre a planta da obra das Mós. Durou quasi uma hora, e permitta Deus nos aplane difficuld.s O Moreira ficou de mandar por escripto o por q.to faz a obra. Verêmos, se Deus quizer.

1908/10/29 (5.^a fr.^a) - [...] Depois appareceu aqui o Mestre Manuel Moreira com uma carta assignada pelos 2 irmãos, elle e o Antonio, dizendo fazer a obra por uns[?] 1.220\$000 r.¹²⁴ Remetti-o p.^a o Dr. Teix.^a da Silva. Este disse-me aqui á tardinha, q. nada se podia assentar sem ser á vista das condições escriptas no projecto, q. não veiu. [...]

1908/11/3 (3.^a fr.^a) - [...] Carta do nosso abb. de Carvalh.^a ácêrca da obra das *Mós*, q. tem continuado e terminará, por suspensão durante o inverno, no fim desta semana.¹²⁵ [...]

1908/12/4 (6.^a fr.^a) - [...] Em carta ha dias recebida de Carvalheira, dizia-me o nosso Abbade q. os pedreiros das Mós deixáram de pedra aparelhada 50m, 16 e 1m, 16 de altura. Que o dinheiro recebido directamente lá, monta a 50\$490 r. Ha tempos o povinho miudo, rapazes e raparigas cantavam vindo das *Mós*:

‘Senhor Bom Jesus das Mós,
Em Carvalheira venerado,
Has-de ser por todos nós
Sempre bemdicto e louvado.’

¹²³ Cónego Dr. João Afonso da Cunha Guimarães, secretário do arcebispo de Braga D. Manuel Baptista da Cunha.

¹²⁴ A empreitada de construção do pilar do monumento acabaria por ser entregue por 1.120\$000 reis. Consultar *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., p. 15.

¹²⁵ Trata-se da obra de preparação dos penedos e levantamento dos muros laterais de suporte, iniciada a 30/6/1908.

É a musa popular ensaiando-se. Acrescenta q. tem havido lá concurso de pòvo, principalmente nos dias santos, e q. alguns já cuidam q. se [lucram?] indulgencias!... [...]

1908/12/16 (4.ª fr.ª) - [...] Á noite vem aqui o am.º Dr. Teixeira da Silva trazer-me o apontamento da critica á proposta dos Moreiras p.ª empreitada das *Mós*. Bem está. [...]

1908/12/17 (5.ª fr.ª) - [...] Cartões, ao Abb.e remetendo apontam.to para o ajuste da obra das *Mós*, do Dr. Teixeira da Silva, e p.ª o Dr. Aguiar ¹²⁶ incluindo a resposta do R.º P. Lourenço de Mattos. ¹²⁷ [...]

1909/1/18 (2.ª fr.ª) - [...] Escrevi no *Bolletim* da obra das *Mós* que vai quasi concluido. [...]

1909/1/24 (Dom.º) - [...] Pelas 10 1/2 h. m. fui ao Paço a falar a S. Ex.ª de umas indulgencias p.ª os subscriptores das *Mós*, e rennunciamos da peregrinação a Roma. [...]

1909/2/10 (4.ª fr.ª) - [...] Veiu da imprensa a prova da pagina do Relatorio, emendei e remetti de tarde. [...]

1909/2/12 (6.ª fr.ª) - [...] Saí de fugida ao Carneiro a encomendar[?] uma photogravura p.ª o Porto e depois á imprensa a saber das emendas do folheto *boletim* q. lá está. [...]

1909/2/17 (4.ª fr.ª) - [...] á tardinha saí a encommendar uns sobrescriptos-bolsas p.ª expedição do Boletim, q. já ficou em casa. Depois do passeio á volta de S.ª Margarida, vim pelo Paço a solicitar de S. Ex.ª vénia p.ª espalhar o folheto, q. me logo foi concedida. [...]

1909/2/19 (6.ª fr.ª) - [...] Expedi hoje os 1.os *boletins* das *Mós*, p.ª A[delino]. Arantes, no Pará, o Visconde da Carreira ¹²⁸ e Viscondessa da Torre das Donas [de Viana do Castelo]. Deus N. Senhor lhes ponha virtude! [...]

¹²⁶ O Dr. Custódio José Araújo Aguiar (1847-1916?), natural de Chorense-Terras de Bouro, foi o presidente do Centro Nacional de Terras de Bouro em todo o período de afirmação do Nacionalismo Católico (1901-1910). Consultar o artigo «A Casa do Bário» que publicámos no Geresão-Gerês, 20/10/1994, p. 12.

¹²⁷ O P.º José Lourenço de Matos era director do jornal *Portugal-Lisboa*.

¹²⁸ Bento Malheiro Pereira Pitta de Vasconcelos (1841-1915) foi um dos principais protectores do Nacionalismo Católico em Viana do Castelo e presidente do seu Centro Nacional.

1909/2/20 (Sabb.º) - [...] Despachei alguns boletins pelo correio, e á tardinha saindo a passeio, deixei por mão propria a alguns da Commissão: Dr. Teixeira da Silva, P.º [Manuel Martins de] Aguiar e P. Luis [Gomes da Silva] e Dr. Juiz [António José de] Barros. [...]

1909/2/23 (3.ª fr.ª) - [...] Despachei hoje uma porção de boletins, entre os quaes l para o conselh.º João Franco, ¹²⁹ em Biarritz, e p.ª isso fui pessoalmente ao Correio Geral. [...]

1909/2/26 (6.ª fr.ª) - [...] do Ex.mo Sr. Bispo de Beja D. Sebastião, ¹³⁰ uma carta m.to amavel com 5\$000 r. p.ª as *Mós*. [...] Expedi hoje pelo correio (e hontem á noite) bastantes boletins cá p.ª o norte. O sr. Visconde do Olival devolveu-me o involucro com o prospecto, mas ficou com o boletim. 'Lo mismo dá', e viva a bizzarria do Sn.ª Visconde, de fresca data.

1909/2/27 (Sabb.º) - [...] Carta do Sn.r Marquez do Lavradio, Secr. particular d'El-Rei, dizendo q. S. M. agradecia a offerta do papel sobre as *Mós*!... Tambem eu agradeci de cá o Seu agradecim.to, mas q. não se tractava de nenhum trabalho literario, senão do pedido de um obulo p.ª a obra. [...]

1909/3/7 (Dom.º) - [...] Tambem aqui esteve com a gente o meu velho amigo Commendador José de [Azevedo e] Menêzes [Cardoso Barreto, senhor da Casa do Vinhal (Famalicao)] e deixou-me 2\$000 r. para a obra das *Mós*. [...] Mons. Lopes, ¹³¹ q. me disse tambem andar empenhado em alevantar um pedestal capaz á estatua q. tem no quintal do Seminario de Santo Antonio [e S. Luís Gonzaga], do S. Coração de Jesus. Tambem me disse q. lera num jornal referencias ao meu boletim das *Mós*. Eu não vi nada disso. Veiu entregar-me Mons. Airosa ¹³² p.ª as *Mós*, do Sr. Manuel José Rodrigues Ferreira 5\$000 r. e do S. Ildephonso Faria, 2\$000 r. N. Senhor lhes accrescente o q. fica.

¹²⁹ Parece ser referência ao Conselheiro João Franco Ferreira Pinto Castelo Branco (Fundão, 14.2.1855 — Lisboa, 1929). Apeado do poder após o regicídio (1/2/1908), viveu algum tempo no exílio.

¹³⁰ Martins Capela acompanhou de perto e mostrou-se sempre solidário com o bispo D. Sebastião Leite de Vasconcelos, no que respeita ao problema que este bispo teve com os padres Ançã.

¹³¹ Mons. Joaquim Fernandes Lopes foi o fundador do Seminario de Santo Antonio e S. Luís Gonzaga cujos estatutos foram aprovados em 12/4/1888. Várias vezes Martins Capela fez referência a esta obra nos seus textos. Consultar *O Escholio* (Revista de Martins Capela), n.º 4, 15/5/1888, p. 97; «O Padre Joaquim» in *O Primo de Janeiro-Porto*, 22/11/1892, p. 1; *A Palavra-Porto*, 23/11/1892, p. 2.

¹³² Com o título «Padres, Padres...» Martins Capela publicou no jornal lisboeta *Correio Nacional* diversos artigos sobre alguns destacados padres. Nesse lote de artigos existe um, de 25/8/1894, p. 2, acerca do, então, P.e João Airosa e da sua

1909/3/29 (2.^a fr.^a) - [...] Como não tivesse hoje aula, dei-me a despachar correspondencia atrazada. Foram impressos varios ácêrca das *Mós* p.^a o collegio de S. Fiel ao Rev. P. Borges Vieira [S.J.]; para Campolide [Lisboa] *item* ao R.^o P. Reitor do Collegio, Alexandre de Barros;¹³³ *Item* p.^a a Nunciatura ao Ex.^{mo} Arcebispo de Ancyra, Julio Tonti, Nuncio; *item* para *Lourenço-Marques* ao Ex.^{mo} Sr. Governador interino Dr. Antonio de Sousa Ribeiro, antigo alumno da Formiga.¹³⁴ Cada reméssa foi acompanhada de carta, por fóra, sobre o mêsmo assumpto. [...]

1909/4/4 (Dom.^o) - [...] No regresso ao Seminario pude falar aos Seminaristas na sala da biblioteca, pedindo q. nas ferias angariassem alguns donativos p.^a as *Mós*. Parece estarem de bom humor, ainda bem. Nomeei uma commissão p.^a distribuir os impressos entre os seminaristas q. delles queiram aproveitar-se[?] e depois os donativos q. vierem. Deus N. Senhor lhe põnha a Sua virtude.

1909/4/6 (3.^a fr.^a) - [...] A noticia de hoje é a agradavel surpresa de Lisboa me chega o donativo da Senhora Duqueza de Palmella, na importancia de 100\$000 r. a cobrar quando quizer. Até me commoveu tamanha generosidade, e dei graças a Deus q. nunca desampara os que n'Elle esperam, mesmo fracamente como a gente!

1909/4/10 (Sabb.^o Santo) - [...] Pelo correio escrevi ás Ex.^{mas} Duqueza do Cadaval, em Pau, França e á Condessa de Burnay em Lisboa acêrca da subscrição p.^a as *Mós*, enviando-lhes juntamente os competentes impressos. A gente bem atira p.^a o alto, mas é tiro q. perde m.ta força contrariado pela [lei] da gravidade. Deus N. S. lhe ponha a Sua virtude, e tudo irá bem.

1909/4/12 (2.^a fr.^a) - [...] Do R.^{mo} Sr. P.^e [António] Borges Vieira [S. J.] recebi carta de S. Fiel e abono de 3\$000 r. p.^a as *Mós* [...]. Concorde em q. foi audacia e descaramento pedir p.^a S. Fiel; *necessitas caret lege*, como lá dizem. [...]

1909/4/15 (5.^a fr.^a) - [...] Veiu aqui o nosso thesoureiro Ant. M.^a de Araujo com uma carta de Lisboa contendo uma nota de 100\$000 r. da Snr.^a Duqueza de Pal-

obra do Colégio da Regeneração em Braga. Com o título «O Grão de Mostarda» Martins Capela também publicou outro artigo sobre o Colégio da Regeneração na revista bracarense *Ilustração Catholica*, de 9/1/1915, pp. 435-436. Ver nota do dia 17/4/1908 do *Diário* de Martins Capela, relativa a Mons. Airosa.

¹³³ Como atrás já foi referido, Martins Capela sempre teve um preferencial relacionamento com os padres jesuítas.

¹³⁴ Recorde-se que de 1880 a 1884 Martins Capela havia sido professor do Colégio da Formiga em Ermesinde.

mella, p.^a as *Mós*. Escrevi logo á nobre Dama accusando a recepção e de novo agradecendo.¹³⁵ [...]

1909/4/23 (6.^a fr.^a) - [...] Pelo correio carta do am.^o M.^{el} Barrôso, de Pergoim, dizendo q. anda o démo em Carvalheira, em Chamoim e Valdreu!... Sume-te! E portanto q. vá quanto antes a imagem do S. Coração para as *Mós*.

Tambem um cartão da Snr.^a Condessa de Burnay pedindo uma lista dos subscriptores da m.ma obra. Amanhã mandarei, querendo Deus. [...]

1909/4/28 (4.^a fr.^a) - [...] finalm.^{te} uma cartinha da Sn.^a Condessa de Burnay declarando dar 20\$ reis p.^a as *Mós*. *Te Deum laudamus!* [...]

1909/4/30 (6.^a fr.^a) - [...] A senhora Duqueza do Cadaval responde pelo seu adm.^{or} Almeida mandando p.^a as *Mós* 50\$ reis! *Te Deum laudamus!* amanhã irá o recibo, querendo Deus, p.^a a cobrança. Dei 1500 r. p.^a a subscrição dos padres do Semin.^o p.^a os desgraçados do Ribatejo.¹³⁶

Vou mandar impressos ás Irmãs Snr.as Faria, de Tenões. [...]

1909/5/6 (5.^a fr.^a) - [...] Foi p.^a a *Palavra* uns traços da lista de subscriptores das *Mós*.

1909/5/7 (6.^a fr.^a) - [...] Missa no altar do S. Coração de Jesus pelos benfeitores da obra das *Mós*. Da Snr.^a D. Carolina de Faria recebi uma cartinha, e nella uma nota de 5\$000 r. p.^a a dicta obra, com m.tas desculpas[?] de mais não dar. [...]

1909/5/14 (6.^a fr.^a) - [...] Apareceu hoje aqui o nosso rev.^o Abb.^e José M.^a Martins a saber de negocios da sua igreja, pendentes das repartições adminis-

¹³⁵ No dia 14/4/1909, no artigo «Monte das Mós», p. 1, Martins Capela noticia no diário católico *A Palavra* a generosidade da Duquesa de Palmela. No dia 17/4/1909 o jornal *Portugal-Lisboa* traz idêntica notícia intitulada «Duquesa de Palmella», p. 1, dada por Martins Capela. Martins Capela guardou para sempre um profundo respeito e gratidão por esta nobre senhora. Nos papeis do espólio literário de Martins Capela, existentes na sua casa de família de Carvalheira e doados à Universidade do Minho/Biblioteca Pública de Braga, encontra-se uma fotografia da Duquesa de Palmela.

Por ocasião do seu falecimento (2/9/1909), Martins Capela, em nome da comissão promotora do monumento do Monte das Mós, promoveu, no Seminário Conciliar de Braga, uma *missa de requiem* por sua alma. A notícia («Duquesa de Palmella», p. 2) deste acto religioso foi dada por Martins Capela no jornal católico *Portugal-Lisboa*, em 16/11/1909. Consultar *Portugal-Lisboa*, 3 e 4/9/1909.

¹³⁶ Alusão ao grande terramoto de 23/4/1909 que abalou toda a região do Ribatejo e em particular Benavente.

trativas, e encarregou-se de levar 400\$000 r. p.^a a obra das Mós. Passei-lhe agora uma ordem de pagamento do thesoureiro, e levou p.^a o mêsmo 34\$540 r. p.^a entrar no thesouro e mais 170\$000 reis do meu bolso q. adianto p.^a pagam.¹⁰ da empreitada ajustada, podendo reembolsal-o um dia, se houver possibilidade disso e eu quizer. Depois deporei na mão do nosso thesoureiro uma declaração neste sentido, querendo Deus.

1909/5/21 (6.^a fr.^a) - [...] Cartinha do [sobrinho e afilhado] Silvestre [Epifanio] [...]. Tambem informa da obra das Mós q. já vai á altura de um homem a cantaria. Bem está. [...]

1909/5/25 (3.^a fr.^a) - [...] Apareceu o Thomé e levou vale de 8000 r. p.^a cal, do thesoureiro. Diz q. andam m.tos pedreiros na obra, e querem cal com fartura. Como é á nossa custa [...]. [...]

1909/6/2 (4.^a fr.^a) - [...] Recebi carta do nosso Abbade e m.to satisfatoria, Deus louvado. Diz que subscreve já com 20\$000 r. p.^a as despesas com a madeira da obra das Mós e falou aos zeladôres do SS. C. de Jesus p.^a suspenderem a festa este anno applicando as esmolos na obra. Bravo! Que cuidará da collecta nas freguezias vizinhas etc. Vou escrever-lhe, louvando e agradecendo tanta generosid.^e,¹³⁷ [...]

1909/6/9 (4.^a fr.^a) - [...] Apareceu aqui meu primo Dr. Antonio Salgado, e foi com a planta das Mós procurar falar com o Dr. Teixeira da Silva. Não o vi mais.

1909/7/6 (3.^a fr.^a) - [...] O R.^o P. Custodio J. Lopes mandou-me 1.200 r. p.^a as Mós. Os R.mos Padres missionarios do SS. Coração de Jesus subscreveram com 25\$000 r. para a obra do R.mo P. Mons. [Joaquim Fernandes] Lopes¹³⁸ ao mesmo divino Coração, por onde se confirma a m.^a suspeita de andarem mal contentes com a gente.¹³⁹ Como da m.^a parte não houve sombra de malicia, paciencia!

¹³⁷ Possivelmente na sequência desta atitude do pároco e da população de Carvalheira, Martins Capela publicou no diário católico *A Palavra*, de 11/6/1909, um artigo — «Coração Santo», p. 2 — de apelo à devoção ao Coração de Jesus.

¹³⁸ Estátua do Coração de Jesus a levantar no Seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga — Braga. Ver a referência que surge no dia 7/3/1909 do *Diário* de Martins Capela.

¹³⁹ No seu boletim *No Monte das Mós em Carvalheira*, datado de 25/11/1909, Martins Capela afirma na página 11: «[...] P.e José Bacellar que por si e pelos rev.^{os} Padres Missionarios do SS. Coração de Jesus tomaram a peito preconisar esta obra, d'onde resultou enviarem os centros do Apostolado da Oração de S. Martinho de Sande e de Santa Leocadia de Briteiros a somma de 9\$040 réis, mais o donativo dum rev.^o parcho de Famalicão na importancia de 3\$000 réis.»

Deus N. Senhor a todos nos julgará, e oxalá sejam mais caridosos que os dos homens, os seus eternos juízos! [...]

1909/7/12 (2.^a fr.^a) - [...] Pelas 3h. saíram p.^a o Gerez os R.^{os} P.^{es} Costa e Fr. Fructuoso num carro do Costa. Outros se lhes associarão pelo caminho. Pelo R.^o P. Costa mandei impressos e boletins das *Mós* p.^a o Alfredo e a Dulce espalharem por lá, a ver se recolhem algum donativo: Escrevi carta a cada um delles p.^a isso.

Ámanhã verei se posso, no fim dos exames ir ao sr. Subinspector, e ao Ant. M.^a levar-lhe o meu ordenado p.^a adeantam.to da obra, mais o recebido, q. anda por uns 20 e tantos mil reis; o ordenado 200\$ r.

1909/7/13 (3.^a fr.^a) - [...] Levei hoje ao nosso thesoureiro das *Mós* 33\$500 e tantos r. da subscrição e 200\$ do meu nas condições do outro q. já adeantei. [...] Apareceu o Thomé, p.^a quem passei ordem de pagamento de 10\$000 r., sempre p.^a cal! [...]

1909/8/22 (Dom.^o) - [...] Comecei a escrever (poucas linhas por ora) p.^a o 2.^o boletim das *Mós*. [...]

1909/9/16 (5.^a fr.^a) - [...] Fui ao Pereira Villela a perguntar como vender os papeis de crédito p.^a pagar 400\$ r. p.^a as *Mós*, e as entradas dos rapazes no Seminario: *Sibi imputetur*. [...]

1909/9/21 (3.^a fr.^a) - [...] Carta do nosso R.^o Abb. de Carvalh.^a dizendo q. o Moreira quer din.ro e q. lhe parece bastará mandar 100\$000 r. pois tem lá uns 50\$000 r. em cofre. Ha-de haver engano, porq. a differença é m.^{to} maior. Mais diz q. só falta uma fiada ao pilar e o môrro interior onde assentará a estatua.

Hoje expedi pelo correio, e por mão propria na cidade, umas cartas convites ou *boletins* a solicitar donativos p.^a as *Mós*: Foram p.^a Vianna e p.^a Guim.s. Muita sementeira e magra colheita, se alguma houver; q. bem pode ser acconteça como ao tonnel do prior q. não colhia mais q. agua. Faça-se a vontade de Deus, sempre.

1909/9/22 (4.^a fr.^a) - [...] Emprestou-me 200\$ reis o R.^o P. Ministro Mattos, deixando-lhe por garantia 4 titulos *da divida externa portuguesa* q. alimarei quando fôr opportuno, p.^a lhe pagar. Entretanto pago-lhe *juro* (20 r. por dia) como na *Economica*, donde a levantou.

1909/9/23 (5.^a fr.^a) - [...] escrevi ao nosso Abbade, depois de ter depositado mais 200\$000 r. do meu bolso, p.^a as obras das *Mós* e segundo as condições do demais depositado. Da caixa só levei 5\$000 r. por não haver mais. [...]

1909/10/12 (3.^a fr.^a) - [...] Veiu o Thomé, recoveiro [...]. [...] Parece q. hoje ou manhã acabarão os pedreiros das Mós a sua tarefa. Permitta Deus N. S. o façam sem perigo; e essa será uma graça m.to v. estimada. [...]

1909/10/17 (Dom.^o) - [...] Carta do R.^{mo} Abb.^e dizendo ter lá entrado os 200\$ r. q. levou o Thomé; q. findou a obra no dia 15 (antehontem) sem desgraça nenhuma, bendoctio seja Deus.¹⁴⁰ Que tem lá no cofre o thesoureiro 120\$618 r. q. é realmente uma somma com q. não contava, bendoctio seja Deus. Que só falta lavar a cantaria e tomar com cimento as juntas. Para isso levará o Thomé 2 arrobas de cimento na proxima 3.^a fr.^a Bem está. [...]

1909/10/21 (5.^a fr.^a) - [...] De Covide escreve o velho am.^o P.^o Sebastião.¹⁴¹ Diz q. voltou ás Mós, logo q. a obra acabou, e subiu lá acima, onde rezaria o S. Terço, se não tivesse chegado m.to suado. Que ficou bem a obra e q. toda a gente diz. [...]

1909/11/6 (Sabb.^o) - [...] Mandei encadernado 1 exemplar dos dois *A Roma!*¹⁴² ao am.^o Dr. Teixeira da Silva. Fui pelo meio dia ao Paço levar outro igual (encadernado e com dourados, pelo Villaça) e entreguei nas mãos de S. Ex.^a R.ma com quem conversei até á 1 1/2 tarde. S. Ex.^a mui espontaneamente e delicadamente.¹⁴³ m'entregou num sobrescripto 1 nota de 20\$ r. p.^a as Mós. *Te Deum laudamus*. [...]

1909/11/9 (3.^a fr.^a) - [...] Saí da parte de manhã a convidar p.^a a reunião p.^a a obra das Mós; o R.^o P. Barreto, reitor do Lyceu, o Dr. Santos Motta p.^a ser aggregado á Commissão, ao presd.e Juiz Barros: O primeiro encontrei-o á rua do Anjo; o 2.^o busquei-o no Lyceu á saída da aula. (Não acceite por incompatibilid.e com o Presidente), este, não estando em casa, deixei-lhe recado num bilhete. Ainda fui depois ao thesour.^o Antonio M.^a, P. Luis e P. Aguiar p.^a q. não falem.

¹⁴⁰ No diário católico *A Palavra*, de 30/10/1909, p. 1, Martins Capela escreveu: «Está concluída a tarefa da primeira empreitada de ajuste. Falta o varandim de remate, a escada exterior e ... a estátua de mármore.»

¹⁴¹ Deve ser referência ao P.^o Sebastião Pires de Freitas, oriundo da Casa de Bento. Consultar o artigo que publicámos no *Geresão-Gerês* de 20/2/1994, pp. 3 e 13.

¹⁴² Martins Capela publicou duas obras das suas duas viagens a Roma. A primeira, relatando a peregrinação a Roma de 1877, foi publicada em 1880; a segunda, relativa à peregrinação de 1900, foi publicada em 1909. A impressão de *A Roma! 23 annos depois*, foi iniciada em Novembro de 1901, mas devido à falta de interesse pela obra, segundo concluiu Martins Capela, ela só foi terminada em 3/9/1909. No início desta obra, Martins Capela esclarece: «Sáí para ser distribuído como brinde pelos mais dedicados amigos do monumento ao S. Coração de *Jesus* no monte das *Mós*.».

De Cabo Verde escreve-me uma longa carta, cheia de affectuosas expressões o R.º Conego Coimbra, e diz q. lá anda o prospecto da obra pela mão dos R.ºs Conegos e do Ex.º Bispo, Dom Antonio Moutinho o livréco da Roma! Bem está, e seja Deus benicto por tudo isso. Vou-me apromptar o[?] q. deve ser presente na reunião de logo, aqui no Semin.º.

P.S. Correu m.to bem a reunião das Mós. Apareceram todos, e lhes expuz o q. havia. Ficaram encarregados Dr. Teixeira da Silva e P. Camillo de contractar no Porto a modelagem da estatua.

1910/1/5 (4.ª fr.ª) - [...] Foi mais importante falar com o marmorista Teixeira acêrca da estatua do S. Coração, em projecto. Vota por ella inteiriça e eu tambem.¹⁴³ [...]

1910/2/12 (Sabb.º) - [...] Mandeí p.ª a *Palavra* a nota costumada, dos donativos p.ª a obra das Mós, a ver se algum mais se accusa... Monta a somma já em 1.044.000 r. Benicto seja Deus. Adicionando-lhe 590\$000 r. do *pé de meia* fica em 1.634\$000 r.s e ainda estamos longe do termo. Lá se irá com a graça de Deus. [...]

1910/2/23 (4.ª fr.ª) - [...] Depois de jantar sahi a procurar em S. Lazaro o escultor Vieira q. já apresentou um pequeno modelo p.ª a estatua segundo me disse o R.º P. Camillo. Já não mora lá. Depois da m.ª visita ao S. *Lausperene* na S.ª a Branca, vim falar-lhe na officina, á rua de S. Marcos. Pouco terei lucrado; mas verêmos o projecto. [...]

1910/2/27 (Dom.º) - [...] Falei agora ao Dr. Teixeira da Silva acêrca da obra de remate nas Mós. Diz q. talvez convenha[?] impregar o cimento com *brita*, e q. convirá tractar já da imagem. Quer ver a modelagem do [escultor] Vieira.

1910/3/1 (3.ª fr.ª) - [...] Tive depois de jantar de assistir ao acondicionar os eucaliptos pequenos q. o R.º P. Sousa offerece para o monte das Mós. Arranjou isso o João Morais, e levou-os o Thomé, segundo me agora disseram.¹⁴⁴ [...]

1910/3/3 (5.ª fr.ª) - [...] Saí depois do meio dia a procurar o Dr. Teixeira da Silva, e depois de algumas peripécias, sempre pude falar-lhe. Concordou[?] em substituir o recortado do varandim por simples ameias; q.ª á estatua de q. deveremos cuidar desde já, espéra porq.[?] vá em pedaços; eu, não, contentando com uma de menor tamanho. [...]

¹⁴³ A estátua acabaria por ser feita de um só bloco.

¹⁴⁴ Estava nos horizontes de Martins Capela um plano global de ordenamento do Monte das Mós, apesar de nesse momento não ser essa a preocupação principal.

1910/3/19 (Sabb.^o — dia de S. José) - [...] Depois, pelo Vieira escultor, activando a solução do negocio: ficou apenas p.^a ser *omologada* na Comissão [Promotora]. [...]

1910/3/22 (3.^a fr.^a) - [...] De caminho deixei recado ao Vieira q. se encarregasse da obra do modelo. [...]

1910/4/2 (Sabb.^o) - [...] Agora á tardinha fui a S. Barnabé [...]. De lá vim pelo marmorista Teixeira a consultal-o sobre o tamanho da *maqueta* do escultor Vieira q. melhor convirá. Que bastava a de 1m,20, e com essa resposta vim pelo Vieira, assentando definitivamente nesse tamanho (por 60\$ r.s) segundo penso era o projecto d'elle.

1910/5/8 (Dom.^o) - [...] Mandei lista de subscrição p.^a a *Palavra* e parece-me q. arranjo a me acompanhar a Carvalheira o seminarista Martins de Freitas, de Caldellas, p.^a me photographar a obra feita. Será um grande arranjo, querendo Deus. [...]

1910/5/15 (Dom.^o) - [...] Espero agora o Dr. Teixeira da Silva p.^a resolvermos de vêz a ida d'elle a Carvalheira, na pr.^a semana de junho. Vamos a ver o q. diz. [...] é preciso q. vistorie a obra feita e resolva o problema do tamanho da estatua p.^a tractarmos com o estatuario e elle encommendar o bloco de marmore.

1910/5/16 (2.^a fr.^a) - [...] Procurei em sua casa o Dr. Teix.^a da Silva p.^a assentarmos na ida a Carvalh.^a, mas não estava. Apareceu agora aqui e ficou assente q. irá e virá no mesmo dia (o do S. Coração de Jesus!) indo de *auto* até Covas [Terras de Bouro], de manhã, e p.^a cima e regresso a cavallo. Fica assim prejudicada a volta pelo Gerêz. Paciencia, e contentemo-nos com o principal, q. é vistoriar a obra e decedir do tamanho da estatua. [...]

1910/5/31 (3.^a fr.^a) - [...] Saí de manhã p.^a Carvalheira com o seminarista João Mar.^s de Freitas, de Caldellas. Em Covas [Terras de Bouro] ás 9h. da manhã, em Carvalh.^a As 3¹/₂. Alguns *clichés* pelo caminho e visita ao R.^o Abb. de Chamolim. [...]

1910/6/1 (4.^a fr.^a) - Tempo carregado. Depois da missa e do almoço fômos ás Mós a photographias, e depois do jantar, com o R.^o Abb.e a Ervideiros visitar o José e o nosso Tio, e o primo Dr. Salgado, visitando as obras novas da sua casa.

1910/6/5 (Dom.^o) - [...] Diz-me o Freitas q. se apuram nos reagentes do photographo bastantes *clichés* q. trouxe de Carvalheira. [...]

1910/6/8 (4.^a fr.^a) - [...] Agora me traz o am.^o João Mar.s de Freitas uma collecção das [...] photographias q. tirou em Carvalheira. Está bem.

1910/6/9 (5.^a fr.^a) - [...] Trouxe mais 2 photographias da chapa maior o am.^o Freitas, e ámanha virá a conta do photographo. Muito conseguiu com tempo tam pouco favoravel. [...]

1910/6/25 (Sabb.^o) - [...] No fim do jantar com o nosso Vice R.^{or}, Dr. Teixeira da Silva e mais padres estivemos vendo as photographias de Carvalh.^a e das Mós e parece q. agradam. [...]

1910/8/14 (Dom.^o) - [...] Fui de manhã a saber a somma das verbas no thesoureiro da obra das *Mós*, q. sam 101\$250 r., p.^a lançar no boletim ¹⁴⁵ q. estou concluindo p.^a mandar á imprensa.

1910/8/16 (3.^a fr.^a) - [...] De manhã dei uma volta a recados, levando ao typographo Augusto e Costa o manuscripto p.^a o II boletim das Mós, vim pelo escultor, vi a escultura ainda no grôssio [...]. [...]

1910/8/17 (4.^a fr.^a) - [...] Antes tinha falado ao escultor Vieira. Confirmou de 60\$ r.s o preço da maqueta. [...]

1910/9/22 (5.^a fr.^a) - [...] Saí de manhã a recados. Fui ao escultor Vieira q. tem concluida a escultura do SS. C. de Jesus, p.^a modelo da estatua e avisei de q. podia receber o dinheiro. Logo appareceu no Seminario, onde lhe dei uma ordem de pagamento na importancia de 60\$000 reis. Vim tambem pelo typographo, onde paguei 16\$220 r. pelo 2.^o boletim da obra das Mós. [...]

1910/9/23 (6.^a fr.^a) - Pelas 10 horas exames p.^a ordens, na Relação.¹⁴⁶ Já na sala pude falar ao Senhor Arcebispo pedindo licença p.^a espalhar os folhetos do [2.^o] boletim [das Mós] [...]. [...]

1910/10/3 (2.^a fr.^a) - [...] Disseram-me na volta q. o Teixeira de Sousa [presidente do Conselho de Ministros] mandára já fechar o coll.^o do Barro!!.... Et nunc intelligite, qui secuti estis sum!...

1910/10/4 (3.^a fr.^a) - [...] A novidade do dia, triste novidade! é a de ter sido assassinado em Lisboa a tiros de pistola o Dr. [Miguel] Bombarda, director de Rilhafoles, por um antigo internado, official do exército q. voltava de completar o seu tractamento em França. Deploravel fim o deste homem de sciencia, antigo collaborador da Nação, feito ultimamente impulsor da *Liga Liberal*

¹⁴⁵ Não conseguimos encontrar nenhum exemplar deste 2.^o boletim das Mós.

¹⁴⁶ Entre 1900 e 1910 Martins Capela foi membro do júri dos exames sinodais organizados pelo Paço.

contra o cléro e orador violentissimo da propaganda republicana contra o cléro e qualquer obra de character catholico. Que Deus N. Senhor lhe tenha perdoado tanto mal q. fazia. Claro está q. a gente jacobina não perderá o ensejo de lançar a suggestão criminosa ás massas ignaras de q. a *reacção* moveu a mão do assassino. Já em Lisboa e no Porto houve insultos a alguns padres e irmãs hospita-leiras. É preciso contarmos com maus dias de perseguição p.^a a igreja em Portu-gal. A vontade de Deus seja feita. [...]

1910/10/5 (4.^a fr.^a) - [...] A noticia de sensação maior é a de ter rebentado a revo-lução republicana em Lix.^a, com fios cortados, railles alevantados dos cam-inhos de férro, sublevação de algumas tropas, tiroteios, mortes etc. Não vieram jornaes de Lix.^a. No Porto tambem houve um alborôto, de pouca im-portancia por ora. Estamos anciosos por noticias de Lisboa. S. Magestade q. de- via seguir numa digressão por Traz os Montes, não foi. Ouvi q. p.^a lá fora o Sen-hor Arcebispo p.^a o cumprimentar, mas q. estava já de volta. [...]

1910/10/21 (6.^a fr.^a) - [...] Falei ao pintor José Dias, encarregando-lhe o cuida-do de uma mão de alvaiado á estátua em madeira do SS. C. de Jesus, obra do Viei-ra p.^a modêlo da marmorea.

1910/10/28 (6.^a fr.^a) - Os meus annos! São os 68! Escrevi a meu Tio Conselhei-ro Dr. M.[anuel José Dias] Salgado e Carneiro; [...] felicitando-o pela *distinção* recebida, de o exonerarem de Presidente da Relação [do Porto]; accrescentando q. tambem eu esperava qualquer cousa.

E porq. estamos com o pé no estribo, ignorando o que de nós disporão os S.^{ts} do Governo, ponho aqui ponto nestas notas, mandando com outros este livro p.^a casa paterna [em Carvalheira].

Fiat voluntas Dei, Amen! ¹⁴⁷

1911/7/16 (Dom.^o) - [...] Pelas 10h. m. a trovoadá q. hontem andou ao longe, veiu sobre nós com grandes estampidos, chuva e granizo mêsmo. M.to receio pelo pilar p.^a o monumento das Mós, pois tam exposto esteve a uma descarga electri-ca. Por duas vezes mandei ver o q. houvera, e da segunda foi lá mesmo o [meu irmão] Alexandre. Felizmente quiz Deus N. Senhor poupar-nos esse enorme des-gôsto. Bendicto seja Elle! [...]

1911/8/1 (3.^a fr.^a) - [...] Antes do jantar fui de visita ás plantas (Eucaliptos) das Mós. Apesar de maltratados pelos porcos e pela unha curioza de gente estúpida ainda continuam, teimam em vegetar. Haverá uma meia dúzia q. todo se fôram. Tambem o n.^o das plantações ficou m.to àquem das 50 q. vieram de Braga: Falare-mos. [...]

¹⁴⁷ A partir desta data o *Diário* de Martins Capela é redigido em Carvalheira e não no seminário conciliar (Santiago) de Braga.

1911/8/16 (4.^a fr.^a) - [...] O Padre Sebastião não esperou lá [em Covide] a m.^a visita de amanhã, veio elle hoje, cá apesar do calor e dos seus achaques q. lhe difficultam as jornadas. Pobre amigo! e nobre am.^o! Deu-me como razão de me dispensar de lá ir, o ter a casa occupada militarm.te por officiaes, Sargentos e praças da fôrça lá estacionaria.¹⁴⁸ Conversamos longamente [...]. Á conversa tambem assistiram o meu pr.^o Dr. Salgado e meu irmão José, q. vieram a convite meu p.^a falarmos com o [pedreiro] Moreira, o homem porém não appareceu. [...] Provavelm.te assim ficaremos este anno, pois a estação vai adeantada e o Moreira não se apressa. Como quizer.¹⁴⁹

1911/8/19 (Sabb.^o) - [...] Apareceu aqui o mestre Moreira de tornaviagem p.^a Mixões, e falamos da nossa obra de remate na das Mós. Diz q. apesar da de Mixões, não lhe será difficil desempenhar-se desta neste anno ainda. Que falará na volta e deixaria resposta do *quantum*. Vamos a ver.

1911/10/3 (3.^a fr.^a) - [...] Depois do almôço fui p.^a as oliveiras com o oculo q. pouco pude utilizar por se toldar pouco a pouco o céu. Esperava ver algumas tropas passando [pela estrada romana da Geira] p.^a Covide, depois dos casos do Porto; mas nada vi por lá. Quando porém regressava, descobri sobre o monumento das Mós um vulto qualquer, q. o oculo deu homem em mangas de camisa agitando na cruz de páu¹⁵⁰ a bandeirêta branca. Depois vi na plataforma um soldado.¹⁵¹ De maneira q. lá temos de nôvo a guarnição e os pobres soldados terão de passar, quasi sem abrigo, noite tam inclemente! [...]

¹⁴⁸ A freguesia de Covide, situada no percurso da estrada romana (Geira) e perto da fronteira, sempre foi um local tradicional de aboletamento das tropas. Neste caso as tropas, deslocando-se através da Geira, vigiavam a fronteira contra as possíveis investidas dos monárquicos comandados por Paiva Couceiro.

¹⁴⁹ A implantação da República fez refrear o impulso de construção do monumento das Mós. Os problemas provocados à religião e à igreja católica foram de tal modo que inibiram as iniciativas e realizações de cariz marcadamente religioso. Período conturbado que atingiu toda a sociedade e fez com que a generosidade, para a continuação das obras, quase desaparecesse. Assim, Martins Capela teve de fazer um esforço suplementar para completar a obra das Mós.

¹⁵⁰ Enquanto se aguardava a estátua e a conclusão da obra, foi posta uma cruz de madeira no pilar do monumento. A este propósito, prevendo as dificuldades na execução da obra, referia já Martins Capela no seu boletim *No Monte das Mós em Carvalheira*, de 25/1/1909, p. 15: «E como, por supposto, estatua tampouco haverá não tendo havido o mais, iremos um dia com dois carpinteiros de machado ao carvalho mais corpulento e robusto da nossa terra, e do cerne d'elle será feita uma cruz solida e grande para ser arvorada no alto do pilar com tamanha firmeza e segurança, que por muitos annos zombe dos vendavaes e da acção destruidora dos invernos.»

¹⁵¹ O pilar do monumento do Monte das Mós serviu de torre de vigia aos republicanos para impedirem a entrada em Portugal das tropas de Paiva Couceiro.

1911/10/11 (4.ª fr.ª) - [...] Escrevi uma carta ao Am.º Dr. Teixeira da Silva e outra ao dicto Antonio M.ª sobre negocios da nossa obra das Mós, enviando-lhes 4 titulos da divida publica estrangeira p.ª pagamento da estatua do SS. Coração (250\$ r. q. faltavam).¹⁵² Isto e outras incumbencias levará o [sobrinho] Silvestre q. deve estar por dias a sair p.ª Braga. [...]

1911/10/25 (4.ª fr.ª) - [...] Falei ao [meu irmão] José p.ª me trazer a correspondencia do correio, nos dias em q. tiver escola, e já hontem me mandou pelo pequeno Albino uma carta do am.º Ant.º M.ª, dando conta de ter recebido do Dr. Teixeira da Silva, á m.ª ordem, 264\$800 r., ficando com 250\$ e entregando ao Sr. Vallença á m.ª conta 14\$800 r. Gente correctissima sam estes, e com boa vontade sincera de ajudar á nossa obra. Deus N. Senhor lhes pague como costuma. Segundo uma nota inclusa ter eu adeantado (ou dado definitivam.te segundo as circunstancias do futuro) a quantia de 946\$540 reis. Muitas graças devo a Deus, além de infinitos favores de toda a espécie, por me haver dado vida, recursos e vontade para este donativo, q. me enche de contentam.to a m.ª alma. Oxalá m' a acceite Deus N. Senhor por desconto dos meus pecádos, e p.ª bem das almas de todos! [...]

1913 (Janeiro a Dezembro)

[...] De Braga foram vindo as provas para o pamphleto *Em lembrança da Extincta igreja dos Remedios*, de Braga, publicado a expensas do R.ºm P.º Luis Gomes [da Silva].¹⁵³ Saiu com notaveis falhas de revisão, algumas grosseiras de mais. Mandaram-me muitos exemplares para dar, mas poucos dei, que não valia a pena.

Também por esse tempo foi a imprimir na officina do Sr. Pereira Villela uma folha volante ou circular ás casas editoras de Portugal e do Brazil, annunciando concluida a interpretação do *Apologeticus* do Tertulliano p.ª quem quisesse editá-lo. Apenas appareceram duas casas, e essas mesmas pegavam-lhe pela ponta do bico; de maneira que não terêmos feito nada. [...]

Por meados de abril chega carta do Dr. Teixeira da Silva convidando a Comissão de Carvalheira a tomar as suas medidas p.ª a condução de Braga, da estatua do SS. Coração de Jesus p.ª as Mós. Houve reunião p.ª deliberar sobre o caminho por onde deveria ser e a occasião. Quanto ao 2.º ponto assentou-se q. fosse na ultima quinzena de abril ou na 1.ª de junho: Assim se respondeu. Nada se fêz porém nem já havia tempo, em abril.

¹⁵² No boletim *No Monte das Mós em Carvalheira*, o. c., p. 15, Martins Capela estimava um custo total para a estátua de 600\$000 reis e 1.200\$000 reis para «as obras complementares do escadorio, gradeamentos, pára-raios, etc.».

¹⁵³ Martins Capela, *Em lembrança da Extincta Igreja dos Remedios, de Braga*, Typ. a vapor dos *Echos do Minho*, Braga, 1913, 74 pp.

Em nova reunião nos primeiros dias de Maio, e depois de posta de parte a condução pelo Gerêz, p.^a a qual louvavelmente tinham oferecido os seus serviços, os dedicados am.os Sr.s M.el Joaquim [Pires Dias de Freitas], de Sá [Covide], e Seraphim, das Caldas [do Gerês]; adoptou-se definitivamente o transitio pela [estrada romana da] Geira q. dias antes fôra vistoriada pelo M.^{el} Joaquim, José Pires Teixeira e meu irmão Alexandre.

Houve ainda alguns votos contra, depois da sessão e entre os rev.os párochos vicinaes, convidados pela commissão a proceder com a sua gente de boa vontade aos concertos do caminho nos limites das suas freg.as; mas á vista das ponderações q. lhes enviou a commissão e da decisão em q. estava de não querer outra, accederam louvavelm.te, e desde logo metteram mãos á obra com tanta decisão, união e enthusiasmo, q. em poucos dias estava tudo feito! Neste empenho distinguiram-se muito os de Chorense, correndo espontaneamente á obra mais de 100 pessoas a trabalhar em dia inteiro, de graça e a sêcco; e porq. nos limites desta freguezia a Geira estende-se em curvas enormes tanto ou mais q. em todas as outras junctas, os de Chorense tiveram o ramo nesta porfia. Disto e do mais q. verêmos, só Deus N. Senhor sabe fazer. Bemdicto seja Ele!

Outro ponto se assentou depois da reunião immediatam.te: Que fôsse o Mestre Manuel Machado, Travassos, a Braga apresentar-se ao nosso engenheiro Dr. Teixeira da Silva, p.^a entender na construção do carro destinado ao transporte, nas condições exigidas pelos caminhos da nossa terra. O Travassos accetou de bom grado a commissão, e eu assim o communiquei ao Dr. Teixeira da Silva que accetou igualmente o offerecimento, e poucos dias depois p.^a lá marchou, informando do caminho os Rev.os Parochos, do andamento dos trabalhos. Voltou uma semana depois, deixando quasi concluida a obra de parceria com uns constructores da Graça, encarregados de antemão pelo Dr. Teix.^a da Silva. Poucos dias depois, já nos principios de junho, tornou lá a concluir o carro q. foi trazido para Braga e collocado á porta do marmorista; este porém appôz não sei q. difficuld.s á conclusão da estátua, pelo q. o Travassos regressou a casa mal contente, mas voltou logo a Braga com poderes discricionários da Commissão p.^a acompanhar o transporte até cá, ajudado em Braga pela cooperação decisiva do bom Padre Fran.co da Costa, de Adaúfe.

Agora é certo, depois de tanta expectativa. Nem há tempo a perder, q. p.^a o dia 13 de julho já annunciada a benção solemne nas Mós! ...

No dia 9 de junho é carregada a estátua e pelas 5h. da tarde roda p.^a Adaúfe, onde pernoita, sempre acompanhada pelo benemérito Travassos. De madrugada continúa conduzida por carreiros, quasi de graça, até ao Entroncamento á quem da Ponte do Porto. Ahí tomam-na pouco depois os homens de Goães convidados e conduzidos pelo seu R.^o abb. [P.^e João Hipólito Martins Capela], mais os de Villela e outros, e daqui pela estrada até Dornellas onde toma p.^a a Geira em Paredes Seccas, e levam-na até Santa Cruz! Foi um triumpho da divina Misericordia q. moveu o animo de todos e aligeirou as difficuld.s, e será continuado até ao fim.

Pernoitou em Santa Cruz. D'aqui expede o Travassos aviso p.^a outro dia aos R.^{os} Parochos de S. Matteus, Balança, Choreense, Moimenta, Villar, Chamoim, p.^a estarem com sua gente e gado de tracção, á entrada dos limites das suas freguezias á hora provavel da chegada lá. Partem de manhã os conductores primeiros, e encontram todo o mundo no seu pôsto e animado do maior entusiasmo! Nenhum cede 1 palmo do seu território a estranhos: repicam os sinos e alguns foguetes, apesar da recommendação em contrário, mais alvoroçam os animos. É um delírio!

Era o dia 11. Já por Carvalheira corria o boato de ter ficado aquella noite em Santa Cruz. Não o acreditava porém, attendo ás distancias, ruindade do transito e desconcertos provaveis na machina e nos atrazos do pessoal. Errava porém os meus juizos, por nelles não ter mettido a Divina Providencia q. tudo isto fez. Á noite já corria terem chegado ali aos Esporões, quasi defronte de Carvalheira: outra vêz incredulo, e outra vêz enganado! Antes de me recolher porém já tinha a certeza moral de facto, e ao outro dia de manhã, dicta a S. Missa e armado do longa-mira [óculo], comecei cedo a explorar daqui o lugar, mas nada descobria, nem do carro q. ficou só aquella noite, nem de gente por lá. De cá porém começaram a sair p.^a lá os nossos lavradores com as suas juntas de gado e cambão de ferro, muito animados mas sem pressas como é próprio delles e do gado.

Almoçado, passei armado de óculo á encosta dos Garfos em frente da Geira, com o ánimo de esperar até ao fim. E tive q. esperar. Pelos caminhos q. levam á Geira ia gente e gado, mas carro não apparecia. Parece q. os de Pergoim a quem tocara tiral-o d'aquelle ponto não appareceram bastantes p.^a isso; foi a primeira falha e ultima em todo o percurso. Só pelas 11h. surtiram p.^a além da fraga de Abbade os conductores, em grande numero então, distendendo-se pelas curvas da estrada [romana] vagarosamente, e então avistei o volumoso carro acompanhado de muitos homens aos lados, em cima delle, atraz e adeante. Bello! E romperam a repicar os sinos de Carvalheira p.^a mor entusiasmo. Benedicto seja Deus q. tamanha consolação nos deu naquella hora! Então já muita gente de cá, mulheres e crianças, estavam mirando o andamento do préstito triumphal.

Ao chegarem ao passo da Quebrada q. era o ponto critico de toda a Geira, estacaram um pedaço á sombra q. já então o sol apertava, e cuidoo q. também tinham tido um deslocamento perigoso do carro, q. foi alevantado á força de braços, pouco antes.

Como a Geira foi cortada neste ponto por uma forte quebrada q. em tempos antigos levou tudo ao rio, de um lado e doutro do corte, mudaram o trilho p.^a mais acima onde encontrassem chão seguro. Porisso agora apresenta esta passagem alguns lanços de calçada mal feita em tabuleiros successivos até vencerem o cimo, descendo outro tanto p.^a o outro lado. Para a subida deitaram ao carro mais algumas junctas de gado; e a descida, q. bem se via donde eu estava, fizeram-na só com uma juncta, tirando muitos homens p.^a traz o carro com cordas, e assim conseguiram equilibrar perfeitamente as forças e de modo q. o carro desceu suavemente e sem o menor dezaire a rampa: Uma bellêza!

Voltando á Geira horizontal, distendeu-se o longo cordão de gente, de ambos os sexos, animada e alegre como se deprehendia dos movimentos da massa humana, açodada e gesticulando, a caminho de Sá de Covide, primeira povoação q. passavam desde Santa Cruz. Não contaram as pessoas, mas deviam passar muito de um cento, e as juntas de gado foram 42.

De Sá logo vieram ao encontro do carro algumas juntas de gado p.^a o serviço de tracção, folgando as de Carvalh.^a, muitas, das quaes nem chegaram a ter serviço muitas dellas.

Era o dia 12 de junho: Ao meu lado, entre muita gente de Carvalheira, q. viera p.^a ver desfilar pelo caminho fronteiro o préstito, estava o nosso rev.^o Abb. com [quem] vim, de volta p.^a casa, commentando o espectáculo formosíssimo. - Talvez esta tarde cheguem ás Mós, disse elle; a mim porém parecia-me isso impossivel, pois tinham de dar volta ás eiras do Campo, e era mais de meio dia já. Outra vêz falharam os meus calculos e pella mesma razão, Deus seja louvado! Soube-se depois q. só dois lavradores de Covide, o bom am.^o Manuel Joaquim [Pires Dias de Freitas] e o José Ant.^o Dias Rêgo prestaram os seus serviços, mas brilhantemente. Um môço filho do Rêgo, depois apôsto o seu gado, saltou p.^a cima do carro de vara em punho, e dirigiu atravez das ruas de Covide a carriola com tanta perícia e entusiasmo q. mereceu o applauso de todos. Foram por baixo do Passadiço e pela calçada da Venda á Igreja com tanta presteza e facilid.e, q. o velho abb. de Chamoim [P.^o Sebastião Pires Dias de Freitas, natural de Covide] me dizia passados dias: «Parecia ir pelo ar!» Era mesmo assim.

Pela tarde desse dia, seriam 4h. $\frac{1}{2}$, ouvi ahi: «Já estam em Paredes»!!... Fiquei atonito! E corri a avisar o nosso abade p.^a irmos ao encontro nas Mós, q. p.^a mais não havia tempo. Subimos pelas *Mós pequenas* á chã de Filgueira e apenas tivemos tempo de andar um meio kilometro ás *Encruzilhadas*, encontrando muita gente e gado q. vinha na frente: Duas juntas apenas conduziam o carro, q. deslizava pelo tójo molar, por trilho e por fóra delle, como por encanto. Aquillo só visto, bendicto seja Deus!

Em volta do carro um grupo de homens, em mangas de camisa e os braços nús, dispostos a prestar amparo a cada passo, alegres e faladores, entusiastas e amigos, sem uma queixa ou má resposta. Por toda a parte uma chusma de homens, de mulheres, de rapazes, de raparigas doidos de alegria!

Alguns minutos depois paravam na pequena esplanada do cabeço a poucos metros do monumento. Não era o dia de Santo Antonio mas o do aniversário da *Coroação de N. Senhora no Monte Sameiro*. Te Deum laudamos!

Com a graça de Deus e de um modo verdadeiram.te providencial estava resolvido o primeiro e mais difficil problema, o da conducção da estatua, q. lá ficou no caixão de pránchas fortes collocado sobre o carro, q. era um modêlo de solidêz e agilidade. Durante 1 mês q. assim esteve foi visitada por muita gente: Um dia encontrei lá tres pequenitas de joelhos a dizer as suas rezas. Estas e outras, das florinhas do monte introduziam muitas pelos intersticios do caixão sobre a

imagem, e penduravam outras de fóra. De coração e amor ingénuo, mais agradável a Deus, q. o mais discreto, dos sábios da terra.

Outro problema restava e de summa responsabilidad.e: Como guindar sem perigo a imagem ao seu pôsto no alto do monumento. De Braga lembrava o nosso Dr. Teixeira da Silva procurar no Gerêz um guincho de ferro, e offerencia cordas e macacos p.^o o efeito. Cá porém o meu primo Dr. Antonio Salgado, mais os mestres Moreira e Travassos, pensavam na possibilid.e de realizar sem isso o feito, utilizando só o material do mestre Moreira e guindar a braços de homens o pêso. Por outro lado, o mestre Travassos, encarregado da escada provisória, tractava de cortar e aparelhar e serrar madeira de pinheiro, com um bando de rapazes carpinteiros do machado; porq. o mês de junho ia p.^o o fim e a solemnid.^e da benção, marcada p.^o o dia 13 de julho, aproximava-se.

A 15 de junho tinha eu marchado p.^o Braga, aonde cheguei a 16 hospedando-me no hotel Mattos, com o fim principal de assistir a 18 e 19 ás exequias por alma do nosso chorado Arcebispo, e meu dedicado am.^o, Ex.^{mo} Senhor Dom Manuel Baptista da Cunha. Levava também o manuscrito do *Apologeticus* de Tertuliano mais o livro donde o extrahira, p.^o entregar á Empresa da *Propaganda Catholica* q. prometera edital-o. Entreguei-o pessoalmente ao R.^{mo} Sr. P. Constantino Alvarez e ao Sr. Ribeiro Coêlho, sem novas condições, além das do prospecto, no dia 18 de manhã.

No dia 17 tinha ido de manhã p.^o o Bom Jesus e Sameiro, de companhia por prévio convite do meu illustre e illustrado am.^o Snr. José de [Azevedo e] Menêzes [Cardoso Barreto] e á tarde segui com elle a jantar no Vinhal em familia, donde regressei a Braga no último comboio.

No dia 18 quando ia p.^o as vespas na Sé, quiz Deus m'encontrasse á loja do Oliveira com o meu parente Dr. [António José Pires Dias de] Freitas, abbade de Adaúfe a quem, ali mesmo, apresentei o meu pedido q. já levava *in mente*, de vir benzer solemnemente a imagem do SS. Coração de Jesus, nas Mós, a q. acce-deu generosam.te depois de leves obstaculos q. ponderou.

Depois com o bom P. Luis [Gomes da Silva] assentamos no programma da solemnid.e da benção, e ficou elle encarregado de conseguir licença do Prelado p.^o a missa campal e concessão, de Roma, de indulgencia e benção papal.¹⁵⁴

Das exequias assisti ás vespas na tarde de 18; a 19 ainda fui á Sé p.^o isso, onde muito clero e dois dos Senhores Bispos q. a ellas vieram, o do Porto, D. Ant.^o Barrôso, e o de Lamego, D. Fran.^o Brito. Também estive o da Guarda, D. M.el Vieira de Mattos, q. não vi. Como aquillo demorava, e eu tinha de sair p.^o cá no carro das 2 1/2 t. consegui a sobrepeliz na sacristia, e safei-me á cala-

¹⁵⁴ O jornal bracarense *Echos do Minho*, no seu n.^o 259 de 10/7/1913, p. 3, publicou o artigo «Senhor Jesus do Monte das Mós» relativo ao programa de inauguração do monumento.

da. No Valença recebi o meu dinheiro em depósito e uns titulos no M[...?]. Almocei depois do meio dia, emmalei e saí.

Em Covas [Terras de Bouro] montei sem perda de tempo no garrano do am.º Casa-Nova, q. me trouxe até Sequeirós, onde apeei e a pé vim por Pergoim, e subi pela Rossada com diligencia a ver se escapava á noite, mas não o consegui. Escureceu-me a Valle da Pala, e atravessei pelo fêno do Perral já de escuro cerrado. Bem vim até ali á Caneirada: ahi porém, como me faltasse o apoio do bordão q. trazia na direita pelo ter lançado em falta, tombei de cangalhas da borda ao Valle, e cuidei por um momento ser ali a m.ª ultima! Gemi e lamentei-me em voz alta, mas ninguem me ouviu. Lá fui perneando e levantando-me muito a custo, e entrei em casa a coxear. Esfregaram com agua-ardente as contusões e p.ª ahi fui arrijando nos dias seg.es sem outro tractamento, benedicto seja Deus N. Senhor p.ª sempre. Apenas um dia deixei de dizer a S. missa, coxeando e dorido do corpo, mas sem lesão de maior. Quem mais soffreu foi a região renal q. dobrou violentamente na queda; não houve porém transtorno sensivel na função deste órgão, Deus louvado.

No dia 6 de julho foi a festa ordinária do SS. Coração de Jesus, precedida do triduo pelo R.º P. José Maria Gomes, O.M.

No dia 5, de tarde, fôra a elevação da estátua, felicissimam.te levada a effeito pelos mestres Moreira e Travassos, com o auxilio de muitos homens q. acudiram a executar a manobra, com toda a firmeza e boa-vontade. Muita outra gente assistiu, mulheres e rapazes, mas de lado e em silencio, como fora ordenado. Entre esta, o R.º Abb.e, o R.º P. Gomes e eu, de pé e a cabeça descoberta. O rev.º P. Dinis Machado, parochio de Covide tambem esteve no principio, mas não assistiu até ao fim. Algumas piedosas mulheres, de joelhos e as mãos postas rezavam pelo bom éxito da obra: foram uns vinte minutos de anciosa expectativa q. ia convertendo-se em viva confiança, correndo tudo admiravelmente até ao fim. Então o pessoal da torre deu signal com uma salva de palmas, q. foram correspondidas com uma girandola de foguetes, lembrança do bom am.º da obra Sr. A. Avelino Corrêa, de Paredes. Havia lagrimas de alegria nos olhos de muitos. Benedicto seja Deus, q. tudo faz p.ª nossa consolação!

Os homens, q. ajudaram puxando ás cordas, foram escolhidos entre os mais possantes e disciplinados na obediencia ao commando do mestre, e de fóra da freg.ª vieram dois q. p.ª isso se ofereceram e mostraram empenho de não faltar: os dedicados lavradores proprietarios de Sá [Covide], Sr.s M.el Joaq.m Dias de Freitas e José Ant.º Dias Rêgo: honra lhes seja!

Avisinhava-se o dia da festa, a 13, e p.ª accorrer ás providencias de maior na recepção de numerosos adventicios e principalmente da Comissão de Braga, tinha-se préviamente reunido a Comissão local e distribuirá por subcommissões o serviço: Assim ficaram formadas as de meios, de policia e limpeza pública, do transporte dos hospedes de Braga, da festivid.e religiosa, dos aprestes p.ª a missa-campal nas Mós.

E p.^a q. tudo corresse na ordem, por via do regedor Amaro Rib.^o foi communicado o programma da festa á auctorid.e administrativa, como fôra antes o do transporte da imagem pela Geira. A uma e outra respondeu mui correctamente a auctoridade, esperando q. a ordem publica não seria alterada, como alias todos nós desejavamos e felizmente conseguimos.

Na tarde do dia 12 chegaram de Braga e hospedaram-se nesta casa os bons amigos Dr. Teixeira da Silva, o grande benfeitor da obra, Sua Ex.^{ma} Espôsa Sr.^a D. Maria, o R.^o P. Luis Gomes da Silva, e o digno thesoureiro da Comissão, Sr. Antonio Maria de Araujo. Depois de jantar, fomos todos de passeio ás Mós, e p.^a o nosso Engenheiro vistoriar a obra q. elle tinha ideado e riscado, mas não vira ainda. Assistiu o mestre Moreira, e parece ter ficado tudo a contento do auctor. Em seguida procedeu ás medições p.^a a encommenda do resplendôr para-raios, indicando ao Moreira o local, largura e profundidade do respectivo pôço de descarga.

Com o calor da estação, acrescentado pelo da jornada, sobreviera grande lixe aos excursionistas q., por felicid.e, pôde ser temperada por algumas botijas de cerveja q. tinha em casa já de prevenção. Cá se accommodaram p.^a a noite, o menos mal q. foi possível, ficando na m.^a cama o P.e Luis e eu no canapé da sala, com as janelas abertas. Nenhum se queixou de noite, mas tambem nenhum dormiu com o calor.

De manhã cêdo, pelas 4h., o P. Luis a pé p.^a ir celebrar na capella a tempo de estar ás 6h. nas Mós a assistir ao Dr. [António José Pires Dias de] Freitas, abb.^o de Adaúfe, na benção da estátua e missa campal em seguida; eu p.^a me barbear, celebrar depois do P. Luis e seguir p.^a as Mós tambem, com o publico. Com o P. Luis foi o Antonio M.^a; o Dr. Teixeira ficou a mirar por um óculo, do canastro, a scena das Mós, por se manter em jejum natural p.^a a S. communhão geral na igreja, juntamente com a Espôsa. Bello exemplo q. prégo quasi tanto como as exortações do P. Luis.

Já desde a vespera por ahi appareciam forasteiros; de manhã enxameavam pouco a pouco, aos ranchinhos p.^a o monte.

Dicta a m.^a missa e tomado á pressa um gole de leite, lá fui tambem a puxar por ahi acima agarrado ao bordão. Ao chegar porém á entrada da nossa tomada, rompeu lá de cima a 1.^a girandola; ¹⁵⁵ signal de q. tinha terminado a cerimonia da benção da estatua. Era já bonito o painel do monte, salpicado de grupos de gente endomingada, nas cercanías do monumento.

Apertei o passo, mas a ladeira e os annos não permittiam rapidêz. Suando e trepando, cheguei a tempo de ver, ainda de longe, principiar a missa no lado da plataforma expôsto ao nascente. Scêna de rara bellêza, tão grandiosa como singella!

¹⁵⁵ [Nota de rodapé de Martins Capela:] Outra girândola posta ao penêdo Gesteiro, lançada nesse momento, devia anunciar á gente da ribeira o momento da benção.

O celebrante paramentado de planta antiga com reflexos verdes fulvos, ladeado por dois clérigos de sobrepelilz, inclinava-se ao introito deante do altarinho onde se distinguia um cruxifixo de ornatos dourados, debaixo da abobada azul do céu, e no espaço alagado da luz do sol, que se alteava majestosa sobre os cabêços do Gerêz. O pôvo de joêlhos e derramado pelo monte, em actitude devota e eu fiz o mêsmo, ajoelhei e chorei. Felizm.te estava isolado e ninguem viu a m.^a commoção. Levantei-me ainda e subi mais até ficar muito mais perto, e juncto de uma parêde, donde assisti até ao fim ao incruento sacrificio.

Depois, mettendo por entre o pôvo q. se agglomerava ás escadas, subi á plataforma a abraçar o abb.e de Adaúfe pella sua generosidade e com elle vim descendo entre a gente q. regressava p.^a a communhão na igreja, q. devia ser pela missa parochial a seguir.

De passagem, fômos os dois á igreja visitar a nova imagem do SS. Coração de Jesus q. fôra modêlo da das Mós, e tinha chegado naquella occasião: formosissima e de m.ta devoção, como se via pello modo como atrahia toda a gente.

Sem detença recolhemos, p.^a nos sentarmos aos confessionarios da capella domestica, a ouvir confissões pa.^a a communhão geral na igreja. No fim disto o [Dr.] Antonio [José Pires Dias de Freitas] ficou em casa, depois de ter tomado um gole de café com leite a esperar pelo almôço q. deitou perto do meio dia. Eu voltei p.^a a igreja a assistir aos outros actos de culto, q. seguiram á communhão.

Não assisti á communhão geral, mas informaram-me q. fôra numerosa, e com todo o respeito e devoção. Do pulpito o bom P. Luis prégo os fervores, como dizem; e dahi lera depois a ladainha do SS. Coração de Jesus e os exercicios proprios desta devoção, a que já assisti. Para o Te Deum, com exposição á bôca do sacrário, ou melhor na custodia sôbre o altar, assisti de sobrepelliz, mais o R.^o Abb. de Chorense, P. Adriano de Campos. Ao prestes[?] q. foi o nosso Abb.^e acolytaram os R.^{os} Encomendados de Covide (Machado), de Moimenta (P. João Maria [...]). Na capella-mor, o Dr. Teixeira da Silva, Esposa, e o Sr. Antonio Maria d'Araujo.

O *Te Deum* foi a vozes e orchestra pela banda da Terra, e menos mal; *Tantum ergo*, cantado pelo pôvo, e muito bem, Deus seja louvado. Muita gente pela igreja, entrando e saindo de ter visitado a S. nova imagem, e outros debandando pelas sombras dos arredores, a tomar a refeição trazida nos farneis.

Nós recolhemos p.^a o almôço, e já não era sem tempo, meio dia quasi.

Ao almoço assistiu o nosso parente e am.^o Dr. Freitas, abbade de Adaúfe, mas não pudemos resolvel-o a ficar p.^a o jantar e cerrar as festas com a benção papal. Partiu p.^a Covide, e á tardinha p.^a as caldas donde regressaria á sua parochia no dia seguinte.

Nós voltamos á igreja p.^a sair com a peregrinação collectiva ás 2h. p.^a as Mós. O bom^e incansavel P. Luis foi primeiro p.^a o pulpito indicar ao povo a ordem da procissão: os outros não sei por onde se metteram. Por m.^a parte, ao chegar ás escadas da igreja, encontrei-me com o grupo dos romeiros de Cibões com o seu

parocho, Araujo, á frente, e entre este e o do P. Armindo q. viera de Guim.es com as tias, me introduzi e com elles fui até ao fim. Na frente dos grupos ia o de Carvalheira, guiado pelo r.º Abb. Estes entoavam cantos religiosos a seu gôsto ou recitavam o S. rosario, alternando uma com outra cousa: Ia uma longa cauda de gente pelo caminho dos Laguezes[?]; bastante pó e calor moderado, benedicto Deus, apesar da estação calorosa e da hora da tarde.

Á entrada da tomada já pelo monte acima serpeava o cordão dos q. iam adiante, e o monumento via-se coroado de gente, com dupla corôa, na plataforma a maior, outra no varandim. Era um formôso espectáculo, de gente vestida de côres variegadas circundando o pilar: Pena q. não ficasse photographia do quadro! E esta falta lamentavam muitos, mas não foi possível remedial-a.

Tendo chegado o ultimo grupo (foram uns dez ou onze, cada com sua bandeirinha do SS. Coração de Jesus, das differentes freg.as, acompanhados de meninos vestindo opas) estenderam-se pela esplanada posterior do monumento, subindo p.ª a plataforma os pequenos vestidos de opas e as bandeirinhas. Então o bom P. Luis, do topo do primeiro lanço da escada, dirigiu a palavra á multidão num improvisado cheio de calôr e zêlo, forte e correcto, explicando o valor daquelle acto de fé e piedade, prestado por tanta gente vinda de fóra, e dispondo-a p.ª bem receber a indulgencia plenária concedida por S. Santidade; cujos rescritos (um em latim, outro em italiano) leu traduzidos ao alcance de todos. No fim da exortação, ajoelhada toda a gente, lançou do alto do varandim a benção papal o nosso rev.º Abb. José M.ª Martins. ¹⁵⁶ Este acto, q. era o fêcho das festas, foi anunciado ao longe pela ultima girandola de foguetes.

Terminada a nossa festa, q. a todos encheu de santa consolação, derivou em differentes direcções a massa popular q. coroava o monte das Mós, em paz e alegria e muito a tempo de regressarem com dia a suas casas: Eram 4h. da tarde.

Por tudo, benedicto seja o Senhor p.ª sempre!!

A nosso jantar de hospedes, dado em família reduzida e não tão bom como eu queria por falta de serventes capazes, assistiu o nosso rev.º Abbade e no fim saímos a um passeio p.ª o outeiro, mas não chegamos lá porq. logo veiu a noite. Assim nem vimos a illumination do monumento a acitilene, por não ter sido accêsa a tempo, como devia, falta do am.º Luis fogueteiro, encarregado disso.

Tudo correu em paz, com excepção de uma rixa entre dois [da freguesia de S. João] do Campo, depois da pinga numa bodéga improvisada, como outras, p.ª

¹⁵⁶ Nos papeis do espólio literário de Martins Capela, existentes em Carvalheira e que foram recentemente doados pela família herdeira à Universidade do Minho / Biblioteca Pública de Braga, encontra-se o texto da benção papal: «Beattissimo Padre / Il Sacerdote Manuel Martins Capella / [...] Supplica per tanta la S. V. perche si / degni concedergli la facoltá, che in tale / circostanza, possa impantire la Benedizione / Papale dopo la Messa cantata solennemen- / te e di poter delegare altro sacerdote. / Beatissimus Pater, Pius PP. X, benigne annuit / pro gratia juxta preces, de consensu Ordinarii. / Die 28 Junii 1913. / R. Card. Merry del Val.»

a ocasião ali ao cruzeiro. Tudo se acomodou de prompto, e não passou duns impurrões e leves cacetadas. Assim mesmo melhor fôra nada tivesse havido: unica nodoa no pacífico acto religioso, q. a todos deixou tam grata recordação.

Na 2.^a fr.^a de manhã, depois da missa do R.mo P. Luis e de um almôço ligeiro, cavalgaram todos dentro do portal e lá seguiram p.^a Covas, onde os tomou o frete p.^a Braga, q. lá tinham encommendado: chegaram ao fim da jornada sem novidade, apesar de haverem descido a cavallo as calçadas de Pergoim, q. é pouco menos q. tentar a Deus.

A Elle seja dada toda a honra e gloria. Amen.

Dias depois trouxe o jornal bracarense *Echos do Minho* uma noticia bastante desenvolvida, das festas das Mós, e semanas depois, outra complementar na m.^{ma} folha, ambas escritas pelo bom P.e Luis [Gomes da Silva].¹⁵⁷ E dahi se não passou, *propter metum judaicorum*.

Quasi todos os dias acodem visitantes ás Mós; e nos domingos mais e alguns de fôra da freguezia. *Ad majorem Dei gloriam, fiat, fiat.* [...]

Tudo vai bem p.^a o *animalis homo*, cá pela nossa terra das montanhas, até a colheita de vinho é extraordinaria, bendicto seja Deus! Faz gôsto ver as parreiras como estam cheias de fructo. A vindima algo se deteriorou com a chuva vinda cêdo e teimosa, pelo que apodreceu alguma uva, e outra não amadurou bastante. Assim mesmo foi anno abençoado, q. atribúo ao Senhor Jesus das Mós, q. lá de cima domina os nossos campos. Benedicto seja Elle sempre!

Até castanhas houve e q. farte, apesar da fraqueza e raridade dos castanheiros antigos; os novos porém aqui na visinhança do logar estam viçosos e louçãos, q. faz gosto vel-os. [...]

A 19 de outubro foi a gente da freg.^a em peregrinação ás Mós, depois de uma communhão geral, prestar acto de desagravo ao SS. Coração de Jesus pelas blasphemias da imprensa maçónica e do congresso dos chamados livres-pensadores, reunido em Lisboa nos primeiros dias do mês. Foi numerosa e devota a concorrência ás Mós nesse dia, graças a Deus q. assim ampara a Fé dos seus filhos nas horas da provação. Do caso deu-se noticia por um postal ao R.º P.º José de Azevêdo, parcho de Caires, p.^a o *Amarense*, mas foi publicada na revista *Voz da Verdade*, de Braga.¹⁵⁸

Para acto egual esperava-se gente doutras freg.as da ribeira, mas não vieram, talvez pela inclemencia do tempo invernôso q. sobre-veiu.

¹⁵⁷ «Bom Jesus do Monte das Mós», *Echos do Minho*, Braga, n.º 262, 20/7/1913, p. 4. Este artigo foi reproduzido com o mesmo título no periódico bracarense *Voz da Verdade* de 24/7/1913, pp. 378-379. «Senhor Jesus do Monte das Mós», *Echos do Minho*, Braga, n.º 272, 24/8/1913, p. 2.

¹⁵⁸ Na secção «Movimento Religioso» da revista bracarense *Voz da Verdade*, de 30/10/1913, p. 546, dá-se breve noticia relativa a uma romagem de desagravo ao Coração de Jesus do Monte das Mós, realizada no dia 19/10/1913.

Solicitamos, de cá p.^a Braga, a remessa do esplendor para-raios p.^a a estátua das Mós por diferentes vezes; nada conseguimos porém, talvez por causa da inverneira q. tem reinado. A Deus N. S. confiêmos o resultado, visto não poderem os homens. [...]

A 29 [de Dezembro] chegou de Braga o operário encarregado de collocar o esplendor para-raios na estatua do Senhor Jesus das Mós, acompanhado por todo o material p.^a isso; menos os ferros em anel p.^a passar o cabo conductor e o carvão de pinho, fabricado cá pelo Alexandre juncto do local. Tiveram tempo sêcco, porém de nortadas frigidissimas. Assim mesmo tudo correu bem, seja Deus N. S. louvado.

Não sei ainda a q.to montou a despesa e custo do para-raios, mas já o Dr. Teixeira da Silva lá tem, ha muito, ordem p.^a cobrar no Valença o custo de tudo. ¹⁵⁹ Ao operario deu de gratificação aqui 1500 r. o nosso rev.^o Abbade.

Agora esperamos se fabrique em Braga a porta de ferro, dupla, p.^a a entrada ao monumento. As demais obras a fazer podem esperar um pouco mais, e assim descansaremos um pouco nos nossos cuidados. ¹⁶⁰

Quasi todos os dias vai gente de visita ás Mós, e nos dias santos é notavel o concurso de pequenos ranchos, das freg.as da ribeira e logares da montanha. Por tudo seja Deus louvado. Amen. [...]

¹⁵⁹ Martins Capela disponibilizou verba da sua conta para mais esta despesa.

¹⁶⁰ É evidente que Martins Capela pretendia a continuação das obras, apesar dos trabalhos por que passou, da sua idade e da falta de meios económicos.